

Universidade de Brasília  
Instituto de Psicologia  
Departamento de Psicologia Clínica

**Construção de uma proposta de avaliação dos fatores de risco e de  
proteção para o uso de drogas no contexto das redes sociais, de  
adolescentes em conflito com a lei**

**Marília Mendes de Almeida**

Brasília – DF  
2009

Marília Mendes de Almeida

**Construção de uma proposta de avaliação dos fatores de risco e de proteção para o uso de drogas no contexto das redes sociais, de adolescentes em conflito com a lei**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia

Departamento de Psicologia Clínica Instituto de Psicologia Universidade de Brasília

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Fátima Olivier Sudbrack

Brasília – DF  
2009

Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, sob a orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Fátima Olivier Sudbrack

Aprovada por:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Fátima Olivier Sudbrack – PCL/IP/UnB

Presidente

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Aparecida Gussi

Membro

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Sandra Eni Fernandes Nunes - UCB

Membro

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Inês Gandolfo Conceição– PCL/IP/UnB

Suplente

## AGRADECIMENTOS

À instituição financiadora da pesquisa, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, por possibilitar esse percurso.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Fátima Olivier Sudbrack, minha orientadora que me acolheu, me orientou, me mostrou caminhos e direções que eu viria e percorrer. Obrigada pelo carinho e paciência.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Eni Fernandes Nunes Pereira, por ter sido, em primeiro lugar, um grande exemplo de pesquisadora, de dedicação e amor pelo que faz. Por compartilhar comigo seu trabalho, seu saber e pelo seu apoio e disponibilidade em ajudar, mesmo quando não havia tempo.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Aparecida Gussi por me incentivar e compartilhar comigo o peso dessa caminhada.

Ao Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Antonio Pedro de Mello Cruz, por me encaminhar à trajetória acadêmica.

Às Prof<sup>as</sup> Dr<sup>as</sup> Maria Inês Gandolfo Conceição e Liana Fortunato Costa, que foram exemplos nos quais me apoiei.

Aos meus colegas de caminhada Naiá, Márcia, Adriana, Luis Felipe, Bruno, obrigada pela companhia e acolhida no grupo de pesquisa.

Ao Álvaro e Denise, por me apoiarem na reta final do trabalho.

A todos os participantes do estudo, pela inspiração e acolhimento necessários para um trabalho de pesquisa.

## **AGRADECIMENTOS ESPECIAIS**

À minha mãe Dirce, pelo apoio incondicional, carinho e amor. Por ter sido sempre um grande exemplo de pessoa, profissional e pesquisadora, por ter me guiado e orientado, por me dar conforto quando foi preciso, sem você a realização desse trabalho não aconteceria.

Ao meu pai Fábio, por acreditar em mim, pelo apoio e carinho sem os quais eu não seguiria em frente.

Aos meus irmãos Marcelo e Fernando, por me apoiarem em minhas escolhas.

Ao meu sobrinho Rafael, pelos momentos de descontração, por vezes necessários.

À toda minha família, aos meus avôs, exemplos de carinho e dedicação à família.

Ao Nathaniel, por estar ao meu lado nessa trajetória.

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE TABELAS</b> .....	7
<b>RESUMO</b> .....	9
<b>ABSTRACT</b> .....	11
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1 CONSTRUÇÕES TEÓRICAS</b> .....	21
1.1 Contextos de risco e de proteção relativos ao uso de drogas na adolescência sob a perspectiva sistêmica e da complexidade.....	21
1.2 Rede social e fatores de risco e de proteção em relação ao envolvimento com drogas na adolescência.....	33
1.3 Adolescentes no contexto familiar: envolvimento com drogas e atos infracionais .....	38
1.4 Adolescentes: do desvio ao envolvimento com a justiça .....	46
1.5 Adolescentes no contexto brasileiro de medidas socioeducativas.....	52
<b>2. CAMINHOS METODOLÓGICOS E DISCUSSÃO DAS ETAPAS DE PESQUISA</b> .....	57
2.1 Revisão de literatura .....	57
2.2 Apresentação do estudo documental dos relatórios técnicos do Projeto Fênix .....	59
2.3 Entrevista Estruturada: processo de construção da primeira versão .....	70
2.4 Adequação da linguagem da Parte III da primeira versão da entrevista estruturada com a contribuição de profissionais do sistema socioeducativo. ....	92
2.5 Aplicação piloto da entrevista estruturada com a participação de profissionais de medidas sócioeducativas e de adolescentes que cumprem estas medidas.....	98
<b>3 APRESENTAÇÃO DA VERSÃO FINAL DA ENTREVISTA ESTRUTURADA</b> .....	126
3.1 Entrevista estruturada Parte I - objetivos e sugestões de exploração das informações obtidas.....	136
3.2 Entrevista estruturada Parte II - objetivos e sugestões de exploração das informações obtidas.....	138
3.3 Entrevista estruturada Parte III - objetivos e sugestões de exploração das informações obtidas.....	139
3.4 Síntese integradora da avaliação da condição do adolescente sobre riscos e proteção no uso de drogas.....	143
3.5 Considerações finais .....	157
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	160
<b>ANEXOS</b> .....	165
Anexo 1:Entrevista Entruturada Versão1.....	165
Anexo 2: Entrevista Estruturada Versão 2.....	172
Anexo 3: Roteiro da entrevista de devolução da aplicação piloto .....	181
Contexto da aplicação: aspectos favoráveis e desfavoráveis .....	181
Anexo 4: Entrevista de Devolutiva da Aplicação .....	182
Anexo 5: Relatório de atendimento do Projeto fênix.....	185

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1.</b> Atos infracionais no DF. ....	54
<b>Tabela 2.</b> Número de relatórios do projeto Fênix que apresentaram situações de risco no contexto familiar, entre outubro de 2002 e junho de 2003 .....	61
<b>Tabela 3.</b> Número de respostas nos relatórios do projeto Fênix que apresentaram situações de risco de <i>aspectos não saudáveis das relações familiares</i> , entre outubro de 2002 e junho de 2003 .....	62
<b>Tabela 4.</b> Número de respostas nos relatórios do projeto Fênix que apresentaram situações de risco de <i>envolvimento de membros da família com uso de drogas</i> , entre outubro de 2002 e junho de 2003 .....	63
<b>Tabela 5.</b> Número de relatórios do projeto Fênix que apresentaram situações de proteção no contexto familiar entre outubro de 2002 e junho de 2003.....	64
<b>Tabela 6.</b> Número de respostas nos relatórios do projeto Fênix que apresentaram situações de proteção de aspectos saudáveis das relações familiares, entre outubro de 2002 e junho de 2003.....	64
<b>Tabela 7.</b> Número de relatórios do projeto Fênix que apresentaram situações de risco no contexto da escola/trabalho, entre outubro de 2002 e junho de 2003.....	65
<b>Tabela 8.</b> Número de relatórios do projeto Fênix que apresentaram situações de proteção no contexto da escola/trabalho, entre outubro de 2002 e junho de 2003 .....	65
<b>Tabela 9.</b> Número de relatórios do projeto Fênix que apresentaram situações de risco no contexto da comunidade, entre outubro de 2002 e junho de 2003 .....	66
<b>Tabela 10.</b> Número de relatórios do projeto Fênix que apresentaram situações de proteção no contexto dos pares, entre outubro de 2002 e junho de 2003 .....	66
<b>Tabela 11.</b> Número de relatórios do projeto Fênix que apresentaram situações de risco na dimensão das motivações internas do adolescente, entre outubro de 2002 e junho de 2003.....	67
<b>Tabela 12.</b> Número de relatórios do projeto Fênix que apresentaram situações de proteção na dimensão das motivações internas do adolescente, entre outubro de 2002 e junho de 2003 .....	68
<b>Tabela 13.</b> Número de respostas nos relatórios do projeto Fênix que apresentaram situações de risco de embotamento afetivo na dimensão das motivações internas do adolescente, entre outubro de 2002 e junho de 2003 .....	68
<b>Tabela 14.</b> Número de relatórios do projeto Fênix que apresentaram situações de risco na relação entre uso de drogas e prática de delitos, entre outubro de 2002 e junho de 2003.....	69
<b>Tabela 15.</b> Número de respostas nos relatórios do projeto Fênix que apresentaram situações de risco versus número de respostas que apresentaram situações de proteção, entre outubro de 2002 e junho de 2003 .....	70
<b>Tabela 16.</b> Função da droga. ....	112
<b>Tabela 17.</b> Nível de dependência.....	113
<b>Tabela 18.</b> Uso de drogas e prática de delitos.....	114
<b>Tabela 19.</b> Dependência dos efeitos.....	114
<b>Tabela 20.</b> Dependência relacional afetiva.....	115
<b>Tabela 21.</b> Dependência do fornecedor.....	116
<b>Tabela 22.</b> Dependência do provedor.....	117
<b>Tabela 23.</b> Dependência dos pares.....	117

<b>Tabela 24.</b> Dependência de crenças. ....	118
<b>Tabela 25.</b> Informações sobre drogas.....	119
<b>Tabela 26.</b> Rede relacional- família.....	120
<b>Tabela 27.</b> Relações de parentalização. ....	122
<b>Tabela 28.</b> Rede relacional- Escola. ....	123
<b>Tabela 29.</b> Rede relacional-comunidade.....	123
<b>Tabela 30.</b> Rede relacional- pares. ....	124
<b>Tabela 31.</b> Auto-percepção com relação ao uso de drogas.....	125
<b>Tabela 32.</b> Itens que buscam investigar a função da droga entre os adolescentes B2 e I2. ....	146
<b>Tabela 33.</b> Itens que buscam investigar o nível de dependência entre os adolescentes B2 e I2. ...	147
<b>Tabela 34.</b> Itens que buscam investigar a relação entre uso de drogas e prática de delitos entre os adolescentes B2 e I2. ....	147
<b>Tabela 35.</b> Itens que buscam investigar dependência dos efeitos entre os adolescentes B2 e I2. .	148
<b>Tabela 36.</b> Itens que buscam investigar dependência relacional afetiva entre os adolescentes B2 e I2.....	149
<b>Tabela 37.</b> Itens que buscam investigar dependência do fornecedor entre os adolescentes B2 e I2. ....	149
<b>Tabela 38.</b> Itens que buscam investigar dependência do provedor entre os adolescentes B2 e I2.	150
<b>Tabela 39.</b> Itens que buscam investigar dependência dos pares entre os adolescentes B2 e I2. ...	150
<b>Tabela 40.</b> Itens que buscam investigar dependência de crenças entre os adolescentes B2 e I2. .	151
<b>Tabela 41.</b> Itens que buscam investigar as informações sobre drogas entre os adolescentes B2 e I2. ....	152
<b>Tabela 42.</b> Itens que buscam investigar o contexto familiar na rede relacional entre os adolescentes B2 e I2. ....	152
<b>Tabela 43.</b> Itens que buscam investigar as relações de parentalização do contexto familiar na rede relacional entre os adolescentes B2 e I2. ....	153
<b>Tabela 44.</b> Itens que buscam investigar o contexto escolar na rede relacional entre os adolescentes B2 e I2. ....	155
<b>Tabela 45.</b> Itens que buscam investigar o contexto da comunidade na rede relacional entre os adolescentes B2 e I2. ....	155
<b>Tabela 46.</b> Itens que buscam investigar o contexto dos pares na rede relacional entre os adolescentes B2 e I2. ....	156
<b>Tabela 47.</b> Itens que buscam investigar a auto-percepção com relação ao uso de drogas entre os adolescentes B2 e I2. ....	157



## RESUMO

Almeida, Marília Mendes (2009). *Construção de uma proposta de avaliação dos fatores de risco e de proteção para o uso de drogas no contexto das redes sociais, de adolescentes em conflito com a lei*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia Clínica e Cultura. Universidade de Brasília.

O presente trabalho buscou construir uma entrevista estruturada com foco voltado para as formas de avaliação dos fatores de risco e de proteção de adolescentes em conflito com a lei, os contextos referentes ao uso de drogas e o traçado da rede social, além de mobilizar a rede socioeducativa, uma vez que possibilita e fomenta diálogo, construções conjuntas e facilita o compartilhamento de informações imprescindíveis para a elaboração de um plano socioeducativo a partir de dados sistematizados. Para alcançar estas metas foi seguido os seguintes passos metodológicos: levantamento na literatura dos fatores de risco e proteção para o uso de drogas e metodologias de prevenção para adolescentes; análise documental de relatórios do Projeto Fênix e elaboração de uma proposta de avaliação dos fatores de risco e de proteção relativos ao uso de drogas no contexto das medidas socioeducativas. Para a construção dessa pesquisa a partir de uma visão multidimensional, foi adotado como referencial teórico a teoria da complexidade, a perspectiva sistêmica. O processo de elaboração da entrevista contou com um trabalho de campo no qual participaram profissionais e adolescentes de medidas socioeducativas. Os profissionais auxiliaram o processo de construção da entrevista estruturada por meio de análise crítica da linguagem e aplicação piloto com adolescentes em cumprimento de medidas de semi-liberdade e liberdade assistida. O trabalho de campo possibilitou análise crítica e reformulação da entrevista para apresentação da proposta final. A entrevista estruturada é aqui entendida como forma de auxílio a ação socioeducativa na promoção da saúde integral do adolescente, possibilitando

conhecer o adolescente em suas relações e compreender a esfera de risco e de proteção relativos ao envolvimento com drogas.

**Palavras-chave:** adolescente, drogas, medidas socioeducativas.

## **ABSTRACT**

The present work discusses the use of drugs and the social network as a context of risk and protection to the adolescent in conflict with the law. As the object of this research it was defined forms of risk and protection assessment factors related to the use of drugs in the context of socio-educational measures. In order to understand the object from a multidimensional perspective, as well as the context in which it is, the theory of complexity and the systemic approach were adopted as the theoretical framework. The objective is to contribute to the assessment of the drug addiction aspect in the context of the socio-educational measure considering the review of the literature concerning risk and protection factors related to the use of drugs, methodologies of prevention to adolescents, documentary analysis of Projeto Fênix reports as well as the construction of a assessment proposal. Such a proposal has been set as a structured interview with adolescents attending socio-educational measures. The elaboration process of the interview involved a fieldwork of which took part socio-educational measures professionals and adolescents in conflict with the law. The professionals made a critical analysis of the language of the interview and an applied test with adolescents attending socio-educational measures (partial freedom and controlled freedom). The fieldwork allowed critical analysis and the reformulation of the interview in order to be presented as a final proposal. The structured interview as a proposal of assessment of risk and protection factors related to the use of drugs in the context of socio-educational measures is understood as a form of aid resource for socio-educational action in the promotion of the adolescent integral health, which enables knowing the adolescents in their relations as well as understanding the sphere of risk and protection related to drugs involvement.

**Keywords:** adolescent, drugs, socio-educational measures

## INTRODUÇÃO

Pretende-se com esta pesquisa construir uma entrevista estruturada cujo olhar é voltado para as formas de avaliação dos fatores de risco e de proteção de adolescentes em conflito com a lei e contextos de risco referentes ao uso de drogas. O trato legal do adolescente em conflito com a lei no Brasil sofreu forte mudança de paradigma com o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Lei 8.069, de julho de 1990). O ECA trouxe a Doutrina da Proteção Integral em detrimento da Doutrina da Situação Irregular vigente no antigo Código de Menores e responsabiliza a família, a sociedade e o Estado pela proteção dos direitos da criança e do adolescente<sup>1</sup> (Volpi, 1998). Esse novo paradigma tem a criança e o adolescente como sujeitos em condição de desenvolvimento, portanto, portadores de direitos especiais e específicos. Como consequência desse novo foco, a criança e o adolescente tornaram-se também sujeitos do processo, cidadãos com direitos e obrigações<sup>2</sup>, compartilhando, assim, com a família, a sociedade e o Estado a co-responsabilidade pelas situações que o envolvem.

Por tratar-se de adolescentes, pessoas em desenvolvimento, sujeitos de medidas protetivas e de medidas de responsabilização, o ECA prevê medidas socioeducativas e possibilita a privação provisória de liberdade (Volpi, 1998). De acordo com o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – SINASE (2006), as medidas socioeducativas são de dimensão jurídico-sancionatória e de dimensão ético-pedagógica. Assim, essa pesquisa preocupa-se com a dimensão ético-pedagógica que visa a garantir ao adolescente o acesso a direitos e às oportunidades de superação da situação de exclusão, de ressignificação de valores e de formação de novos valores para a participação na vida social. Em vista disso, faz

---

<sup>1</sup> Art 4º, ECA. É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, e à convivência familiar e comunitária.

<sup>2</sup> Artigos 227, § 3º, inciso V, da CF; e 3º, 6º e 15º do ECA.

parte da dimensão ético-pedagógica promover a saúde dele de forma integral. Sendo assim, o Estado Brasileiro é responsável pelo bem estar físico e psíquico daquele<sup>3</sup> que é alvo de medidas socioeducativas. No entanto, são evidentes os inúmeros riscos que os ameaçam (Sales, 2007; Volpi, 2001). Sabe-se, a partir desta pesquisa, serem muitos os riscos dessa população, mas também que há potencialidades e proteção dentro desse grupo. Foi realizado recorte nesse universo de riscos e de proteção para melhor se compreender quais são os fatores que influenciam o uso de drogas por adolescentes em medidas socioeducativas e como eles podem ser avaliados. Essa pesquisa se justifica pela relevância da problemática que envolve a fragilidade das políticas públicas na formação de saúde dessa clientela, em especial no que se refere à drogadição.

O estudo foi realizado no contexto de um projeto desenvolvido pelo PRODEQUI<sup>4</sup>: Curso de Extensão Universitária no Contexto da Educação Continuada dos Educadores do Sistema Socioeducativo do Distrito Federal, o qual teve por objetivo viabilizar a capacitação das equipes de educadores sociais das unidades socioeducativas. O projeto permitiu a inserção da equipe no campo de pesquisa e, além da capacitação, prevê a construção de propostas político-pedagógicas para o Distrito Federal. Nesse contexto, várias questões foram levantadas e discutidas, dentre elas chamou a atenção o PIA – Plano Individual de Atendimento, instrumento pedagógico que visa a garantir o respeito aos direitos dos adolescentes no decorrer de um processo socioeducativo, sendo também um dos modos de a instituição conhecer e traçar estratégias para os adolescentes que estão dando início ao cumprimento dessa forma de medida. Considera-se ponto importante dessa etapa de planejamento da intervenção o conhecimento referente ao envolvimento do adolescente com drogas psicotrópicas, o qual possibilite traçar estratégias de prevenção. Nesse sentido, essa pesquisa se direciona para o desenvolvimento de estratégias de avaliação dos fatores de risco

---

<sup>3</sup> Artigos 124 e 125 do ECA.

<sup>4</sup> Programa de Estudos e Atenção às Dependências Químicas – vinculado à UnB – Instituto de Psicologia Clínica e Cultura.

e de proteção associados ao uso de drogas. Busca-se levantar subsídios para a construção de proposta de avaliação do uso de drogas por adolescentes em medidas socioeducativas que permitam contemplar a complexidade e a diversidade das situações vividas pelo adolescente no contexto das redes sociais. A avaliação proposta deverá extrapolar a relação com a droga em si para contemplar os contextos de risco e de proteção associados à distribuição e ao uso, bem como o reflexo desse comportamento na família, na escola, nos amigos e na comunidade.

Definidos os parâmetros iniciais dessa pesquisa recorreu-se ao paradigma da complexidade para melhor se compreender o processo de construção e de aproximação do tema e objeto de estudo.

É válido ressaltar os passos iniciadores dessa pesquisa que está imersa na rede de contextos entre os quais está a subjetividade da pesquisadora e observadora tanto quanto na construção do olhar para o objeto, perpassando o caminho teórico e prático. Morin (1990) entende que o objeto e o sujeito se influenciam em um processo de construção conjunta. O objeto deste estudo deve ser entendido com relação à pesquisadora e a pesquisadora com relação ao objeto. Cabe, então, colocar aqui o caminho ao encontro do objeto de pesquisa.

O primeiro passo se deu ainda nos primeiros anos de graduação em psicologia na UnB, quando cursei a disciplina Psicofarmacologia com o Professor Antonio Pedro de Mello Cruz, momento que estudei pela primeira vez a ação de drogas<sup>5</sup> no organismo humano. O interesse pelo tema levou-me a aprofundar os estudos por meio das pesquisas desenvolvidas pelo professor da disciplina. Compreender minúscula parte do funcionamento do cérebro humano fez-me ter a certeza de minha escolha acadêmica e profissional. Buscar apreender o mecanismo de ação de cada droga e as conseqüentes reações do organismo foi o foco do estudo inicial.

---

<sup>5</sup> Segundo definição da Organização Mundial de Saúde droga é qualquer substância não produzida pelo organismo que tem a propriedade de atuar sobre um ou mais de seus sistemas, produzindo alterações em seu funcionamento.

Ao longo da minha graduação entrei em contato com as professoras Liana Fortunato Costa e Maria Fátima Olivier Sudbrack por meio de disciplinas, pesquisas e estágios, que me deram a compreensão sistêmica e complexa da psicologia. Então pude compreender o fenômeno da drogadição, não só como fenômeno fisiológico, mas também como fenômeno relacional. Em ambiente de pesquisa, entrei em contato com o trabalho de mestrado de Olga Maria Pimentel Jacobina: *Adolescente em conflito com a lei: trabalho e família*, pesquisa realizada com adolescentes que cumpriam medida socioeducativa no então Centro de Desenvolvimento Social – CDS, em Ceilândia, hoje Centro de Referência de Assistência Social – CRAS. Essa pesquisa levou-me a entrar em contato com adolescentes em conflito com a lei e despertou meu interesse pelo tema, acompanhado de várias inquietações. A convivência com os adolescentes fez-me perceber o quão complexo é o fenômeno que os leva a caminhar para o desvio e o uso de drogas. Ficou perceptível também que além dos riscos, existe um universo maior no qual os fenômenos risco ou proteção não são dicotômicos. A mesma família apresentava contextos de risco e contextos de proteção, potencialidades e faltas. Minha inquietação maior foi no sentido de como trabalhar com esses contextos e o que poderia ser feito para melhorar a qualidade de vida desses adolescentes. Essa inquietação, que eu espero nunca deixar de sentir, permaneceu para além dessa vivência.

Ainda como estudante, tive a oportunidade de entrar em contato com o trabalho de mestrado da Juliana Borges dos Santos, intitulado: *Redes sociais e fatores de risco e proteção na prevenção do envolvimento com drogas na adolescência – avaliação e abordagem no contexto da escola*. Nesse estudo foi construído um instrumento de avaliação dos fatores de risco e de proteção para o uso de drogas em adolescentes no contexto da escola. Compreendi que esse poderia ser um passo importante para um trabalho de prevenção efetivo: conhecer o adolescente, entender suas relações interpessoais.

Já formada, participei do Curso de Prevenção ao Uso de Drogas para Professores de Escolas Públicas como tutora e pude aprofundar os contextos em que se insere o uso de drogas. Essa vivência mostrou-me caminhos teóricos e metodológicos nos quais viria amparar-me. Essas duas experiências me ajudaram a conhecer o adolescente e como se dá o uso de drogas no contexto da escola e me inspiraram a descobrir um caminho de unir esses conhecimentos com minha antiga inquietação: o adolescente no contexto do conflito com a lei. Então, por fim minha inquietação tomou forma: como conhecer o adolescente em conflito com a lei e como desenvolver estratégias de avaliação dos riscos e de proteções ao uso de drogas? A certeza do que eu queria estudar fez-me pesquisadora e o contato com toda a equipe de pesquisadores do PRODEQUI foi essencial para a construção de minha identidade como tal.

Como pesquisadora e observadora compreendo que o processo de construção dessa identidade confundiu-se com o processo de construção do objeto. Esse percurso de vida delineou meu interesse em compreender quais são os fatores de risco e de proteção referentes ao uso de drogas por adolescentes em conflito com a lei e, assim, estudar estratégias de avaliação. A minha subjetividade e identidade como pesquisadora influenciou a construção do objeto, assim como o objeto influenciou a construção de minha identidade. Partindo dessa compreensão baseada na teoria da complexidade (Morin, 1990) entende-se que o objeto só pode ser compreendido em relação à pesquisadora, bem como a identidade da pesquisadora só pode ser compreendida em relação ao objeto.

A teoria da complexidade foi a base teórica da construção conjunta do objeto de pesquisa e da identidade da pesquisadora. Assim como irá subsidiar a construção do olhar para o objeto. Apoiamos-nos na teoria da complexidade na busca por compreender o objeto nos seus mais diversos ângulos.



Para Morin (1990) pensar um fenômeno “trata-se de evitar a visão unidimensional, abstrata. Para isso, é preciso previamente tomar consciência da natureza e das consequências dos paradigmas que mutilam o conhecimento e desfiguram o real” (Morin, 1990, p. 16).

Esse pensamento faz surgir o que Edgar Morin (1990) chamou de inteligência cega: é o conhecimento advindo do método de fragmentação da realidade que isola o objeto de todo o universo de complexidades que o envolve, ignora a diferença enxergando apenas a unidade ou ignora a unidade enxergando apenas a diferença. Essa simplificação do pensamento leva à compreensão equivocada da realidade, tem a pretensão de neutralidade e ignora a relação entre o objeto observado e o observador.

Em contraponto a essa forma de compreensão do objeto, está a complexidade, teoria que busca apreender o objeto nos mais diversos ângulos, com os mais diversos olhares. A complexidade vê o objeto nas ordem e desordem nele inerentes. Segundo Morin, 1990:

A complexidade (...) é a incerteza no meio de sistemas ricamente organizados. Ela relaciona sistemas semialeatórios cuja ordem é inseparável dos acasos que lhe dizem respeito. A complexidade está, portanto, ligada a certa mistura de ordem e de desordem, mistura íntima, ao contrário da ordem/desordem estatística, onde a ordem (pobre a estática) reina ao nível das grandes populações e a desordem (pobre, porque pura indeterminação) reina nas unidades elementares (Morin, 1990, p. 52).

A complexidade é a compreensão da desordem da realidade. Apreender a desordem não significa ignorar elementos de ordem e de certeza, significa utilizar esses elementos ciente do conhecimento advindo ser parcial e só ser real se for somado à desordem, se for imerso no contexto inerente ao objeto observado.

Para a adoção da teoria da complexidade faz-se necessária a reformulação da concepção de objeto. Entendia-se que o objeto deveria ser compreendido eliminando-se a

imprecisão, a ambigüidade. Morin (1990) esclarece que apreender o objeto é entendê-lo na contradição dele mesmo, sem a falsa noção de precisão, de neutralidade que fragmentava o objeto perdendo a noção de unidade. Essa simplificação recai sobre um erro: a pretensão de fechar-se em verdade. Esse método foi responsável por grandes avanços da ciência, mas enfim deparou-se com um limite. Para vencer o limite é preciso compreender que o objeto fragmentado é a simplificação, por vezes necessária, mas não uma verdade. Verdade absoluta é um *status* que não será atingido, pois em todo conhecimento cabe o incerto, mas a simplificação pode ser complementada com a ampliação do fenômeno observado e das formas de enxergá-lo (Morin, 1990).

Para a teoria da complexidade, objeto deve ser compreendido em relação ao sujeito, assim como o sujeito em relação ao objeto. O sujeito e o objeto se constroem mutuamente em um processo de influências recíprocas. São conceitos abertos que sofrem não só influências um de outro, como do meio e vice-versa. Esse movimento natural faz com que o conhecimento advindo seja dinâmico, mutável, vivo.

Morin (1990) pensa a complexidade por três princípios: dialógico, reclusão organizacional, hologramático. Sobre o princípio dialógico:

A ordem e a desordem são dois inimigos: uma suprime a outra, mas ao mesmo tempo, em certos casos, colaboram e produzem organização e complexidade. O princípio dialógico permite-nos manter a dualidade no seio da unidade. Associa dois termos ao mesmo tempo complementares a antagônicos (Morin, 1990, p.107).

O princípio da reclusão organizacional refere-se a um processo em que os fenômenos são ao mesmo tempo produtores e produzidos. Ou seja, o fenômeno está no ciclo e assume o papel de causa e de produtor daquilo que o produziu.

O princípio hologramático traz a idéia de que a parte tem na essência a representatividade do todo, assim como o todo das partes. Nesse sentido, soma-se ao conhecimento do todo, o conhecimento das partes e vice-versa.

Morin (1990) apresenta a teoria sistêmica como uma forma de pensamento que caminha para a compreensão do complexo, tendo em vista a teoria sistêmica entender o objeto como unidade complexa, todo mais abrangente que a simples união de partes. Esse todo é visto pelo olhar transdisciplinar que busca a completude do objeto, que por sua vez, é completude no sentido dos vários olhares para o fenômeno observado, mas não no sentido do saber total, finito, tendo em vista o saber estar sempre envolto por alguma incerteza e, portanto, nunca estar acabado.

O sistema é a representação da desordem do real, é unidade paradoxal por natureza ao fecha-se para manter o próprio padrão e a estabilidade que lhe é peculiar, mas para fechar-se precisa abrir-se, buscando, no meio, formas de se equilibrar, mesmo estando imerso num universo de desequilíbrio. É, portanto, imprescindível, compreender que essa troca com o meio é elemento constitutivo do sistema.

*A realidade está desde então tanto no elo como na distinção entre o sistema aberto e seu meio.* Esse elo é absolutamente crucial tanto no plano epistemológico, como no metodológico, teórico, empírico. Logicamente o sistema só pode ser compreendido incluindo-se nele o meio, que lhe é simultaneamente íntimo e estranho e faz parte dele próprio sendo-lhe sempre exterior (Morin, 1990, p. 33).

Essa compreensão leva ao entendimento que os sistemas se cruzam e se englobam formando um universo complexo, um ecossistema.

O entendimento teórico da complexidade leva ao segundo passo: a compreensão da ação na complexidade. Morin (1990) esclarece que a ação é um passo rumo ao desconhecido,

ao inesperado, ao instável. Para traçar passos incertos é preciso contar com a incerteza. Programar-se é, então, insuficiente, é traçar um plano e contar que nada de inesperado aconteça. Assim, faz-se necessário ter estratégias e não programas, diante do fato de as estratégias serem consideradas formas de lidar com a incerteza, contar com ela.

Tendo em vista o objeto de pesquisa e a pretensão de desenvolver-se um olhar na complexidade para compreendê-lo, delineiam-se, então, os objetivos desse estudo.

Objetivo geral:

Contribuir para a avaliação dos contextos de risco e de proteção relativos à drogadição no contexto da medida socioeducativa para subsidiar o PIA e cooperar para um trabalho de equipe entre os profissionais no que se refere ao conhecimento sistêmico do uso de drogas por adolescentes em conflito com a lei.

Objetivos específicos:

- Investigar a respeito dos fatores de risco e de proteção referentes ao uso de drogas e buscar metodologias de prevenção para adolescentes na literatura, em pesquisas anteriores e em projetos de intervenção do PRODEQUI, em especial o projeto Fênix;
- Construir proposta de avaliação dos fatores de risco e de proteção destinada a adolescentes em conflito com a lei;
- Elaborar proposta de sistematização e de registro dos fatores de risco e de proteção destinada a adolescentes em conflito com a lei com vistas à utilização compartilhada pelos profissionais de medidas socioeducativas.

## 1 CONSTRUÇÕES TEÓRICAS

### 1.1 Contextos de risco e de proteção relativos ao uso de drogas na adolescência sob a perspectiva sistêmica e da complexidade

Entender o objeto de pesquisa sob a perspectiva complexa é entendê-lo imerso no próprio contexto, com olhar transdisciplinar, com a união de saberes que permeiam a complexidade da existência desse objeto. O complexo não é algo difícil e sim que deve ser entendido dentro da própria lógica, sem que se espere lógica pré-estabelecia ou certo padrão de funcionamento. Morin (1990)

O olhar transdisciplinar abarcará os mais diversos saberes científicos que permeiam determinado contexto a ser estudado. Mas pode-se ir além, pode-se falar de saberes como um todo, englobar-se o saber científico e o saber prático, do cotidiano daqueles que vivenciam o contexto a ser estudado. “O objeto não deve somente ser adequado à ciência, a ciência deve igualmente ser adequada ao seu objeto” (Morin, 1990, p. 78). Um olhar segregado, seccionado sob o sistema complexo inerente a um objeto traz um saber incompleto.

Assim, espera-se cobrir de forma mais íntegra possível toda a complexidade envolvida e entender o objeto de pesquisa imerso na própria lógica de funcionamento. Por esse viés o objeto pode ser compreendido de forma mais completa que em estudo pautado na lógica de fragmentação do objeto. A completude da compreensão vem com a infinitude e com a aceitação do movimento constante do objeto.

Esse estudo procura compreender o adolescente, no sentido de abrir questões, ampliar pontos de investigação. Entende-se que a compreensão complexa está pautada na expansão, na abertura de questões e não no fechamento de verdades. Para melhor compreensão do processo de adolecer é preciso entender as construções subjetivas culturais e sociais que acompanham o desenvolvimento físico para a maturidade biológica – puberdade. Na sociedade brasileira atual o adolecer carrega consigo uma série de construções com as quais

o adolescente e aqueles com quem ele se relaciona devem lidar: reconstrução de autoimagem; mudança de significação da relação com os pais; novo significado da relação com o grupo de pares: aspectos sociais e afetivos; elaboração de perspectivas de futuro: projeto de vida nos planos afetivo, profissional e moral (Oliveira, 2006).

Esses processos irão pautar a adolescência, mas é preciso entendê-los de forma integrada, sem fragmentar o adolescente. Em razão disso, faz-se necessária a compreensão do contexto em que o adolescente está envolvido, suas relações e o movimento relacional. A complexidade do universo relacional pode ser apreendida com conceito de rede social ou de rede relacional:

Rede social pessoal pode ser definida como a soma de todas as relações que um indivíduo percebe como significativas ou define como diferenciadas da massa anônima da sociedade. Essa rede corresponde ao nicho interpessoal da pessoa e contribui substancialmente para seu próprio reconhecimento como indivíduo e para sua autoimagem. Constitui uma das chaves centrais da experiência individual de identidade, bem-estar, competência e agenciamento ou autoria, incluindo hábitos de cuidado da saúde e a capacidade de adaptação em uma crise (Sluzki, 1997, pp. 41-42).

“Ser sujeito, é colocar-se no centro do seu próprio mundo, é ocupar o lugar do «eu»” (Morin, 1990, p. 95). “Ser sujeito, é ser autônomo, sendo ao mesmo tempo dependente” (Morin, 1990, p. 96). Nessas duas frases Morin resume a lógica essencial para o entendimento de rede social. O adolescente coloca-se no centro das próprias relações, é autônomo e ao mesmo tempo dependente de sua rede relacional. Ele lança mão dos suportes cultural, social e afetivo oferecidos por sua rede para construir-se sujeito reflexivo e autônomo, pois ele depende da rede para torna-se e manter-se autônomo.

No entanto, esse suporte oferecido ao adolescente nem sempre se mostra tão eficaz quanto poderia. Uma falha na rede social, ou seja, relações pouco afetivas, de pouca consistência, campo afetivo que não está sendo suprido por nenhuma relação, abrirá espaço para comportamentos de risco que são os comportamentos não saudáveis, não adequados no contexto social (Albertani, Scivoletto & Zemel, 2006). O uso de drogas é forma de comportamento de risco e é denúncia de falha no contexto relacional do indivíduo. Os fatores que contribuem para o uso de drogas são muitos e interligados de forma única para cada indivíduo. “As variáveis envolvidas no consumo de drogas psicotrópicas são tão complexas e interrelacionadas que qualquer análise isolada desse fenômeno está sujeita ao fracasso” (Cruz, 1999, p. 47).

Cruz (1999) ressalta que essas variáveis têm igual importância no processo de adicção e devem ser investigadas para se instaurar um processo de prevenção. As drogas psicotrópicas têm impacto biológico, comportamental, social, sendo importante ressaltar que essa alteração comportamental contribui para que o indivíduo utilize a droga novamente, tendo em vista que algumas drogas trazem sensações de prazer, outras diminuem sensações desagradáveis e, finalmente, existem drogas que têm as duas funções.

Como não se pode fragmentar as variáveis que influenciam o uso e o abuso de drogas, vale lembrar que as alterações biológicas e as conseqüências comportamentais e sociais que lhes são próprias, devem ser entendidas dentro do universo relacional do indivíduo sendo, portanto, mister buscar qual é a incompletude da rede de relações que permitiu a vinculação com a droga, qual função que ela está exercendo e qual o impacto dessas alterações comportamentais na rede.

De acordo com Feffermann (2006), o consumo de drogas não é fenômeno recente, uma vez que desde as primeiras sociedades humanas o uso de drogas psicotrópicas se faz presente. As drogas eram utilizadas para os mais diversos fins: terapêuticos, religiosos,

alimentícios, recreativos. No entanto, a atual problemática em torno do consumo de drogas é fato contemporâneo, ou seja, nem sempre acompanhou o uso de drogas. Essa problemática surge com a mudança de construções e de valores subjetivos em torno do uso de drogas. As construções e os valores religiosos, terapêuticos e alimentícios tornaram-se menos evidentes, mais restritos a grupos específicos de indivíduos, enquanto a construção subjetiva de valores negativos torna-se expoente. Algumas substâncias psicotrópicas permanecem as mesmas, mas o contexto em que elas estão inseridas teve drásticas mudanças. Demarcam o contexto atual do consumo de drogas: a associação de valores negativos, “um dos ícones do mal”, “metáfora da destruição”; o contexto de violência associado às drogas ilícitas e a ampliação das funções que elas podem exercer. “Não se pode conceber a droga fora da rede de significações de cada matriz cultural. O fenômeno atual das drogas deve ser compreendido sob o contexto da cultura do consumo” (Feffermann, 2006, p. 35).

Carvalho (1999) demonstra na prática como certas funções das drogas podem se manifestar no caso de crianças e de adolescente em situação de rua. Por exemplo, aparecem como reforço para lidar com hostilidades externas; com questões internas como a tristeza; com questões fisiológicas como fome e frio; como a busca pela autodestruição e fuga da realidade. Elas são tidas como meios encorajadores para melhorar o desempenho em ações; como socializadoras e como maneira de construir uma identidade no grupo de pares. O tipo de droga usada e a forma de administração podem conferir ao indivíduo posição diferenciada em seu contexto social.

É válido acrescentar que o processo de socialização mediado pelo uso de drogas pode, por vezes, ser fugaz. As relações estabelecidas tornam-se inconsistentes se se limitarem ao uso conjunto da droga, pois não construirão assim, nenhuma relação efetiva. Ainda que inicialmente se consiga estabelecer relações efetivas, se o indivíduo fizer uso indevido de drogas a ponto de tornar-se dependente, é provável que toda sua rede relacional, inclusive as



relações mediadas pelo uso de drogas, se deteriore. Nesse sentido, a dependência ou adicção pode ser encarada como um adoecimento, não no sentido de vitimizador do indivíduo, mas no sentido de inicializador do *círculo vicioso* Sluzki (1997).

A construção da rede social é um processo dinâmico que está em constante movimento e fluidez, é um sistema de influências por meio do qual o sujeito central afeta a própria rede e essa rede o afeta. Isso gera o que Sluzki (1997) denominou de *círculo virtuoso* e *círculo vicioso*, sendo o *círculo virtuoso* aquele que a rede é capaz de proteger, amparar, curar e fortalecer o sujeito central da rede e as suas relações. Quanto mais fortalecido o sujeito, mais ele afetará positivamente a rede e mais a rede será capaz de fortalecê-lo. O *círculo vicioso* é aquele em que alguma dificuldade crônica de uma pessoa afeta negativamente a própria rede e a deteriora. Quanto mais fraca a rede, menor é seu poder de fortalecimento; quanto menos fortalecido o sujeito, menor será sua dedicação à manutenção da rede.

Cabe ressaltar a existência de intrínseca relação entre rede social e saúde. Segundo Sluzki (1997), a rede social escassa pode afetar a saúde, aumentando as chances de surgirem doenças, sofrimentos psíquicos e ou dificultar a melhora de um indivíduo. Essa relação parece ainda mais forte no gênero masculino, no qual as relações tendem a ser qualitativamente inferiores às relações estabelecidas pelo gênero feminino. Para melhor compreender a influência da rede na saúde, Sluzki (1997), ressaltou alguns processos que mostram essa influência evidenciada:

- Em nível atávico de base evolutiva o nível de estresse é diminuído na presença de figuras familiares.
- Em nível existencial, as relações sociais auxiliam na construção da identidade e na valorização da própria existência.

- Em nível de prática social, a rede favorece comportamentos saudáveis e corrige desvios por meio de retornos e de retroalimentação cotidiana.
- A rede favorece atividades pessoais saudáveis como boa alimentação, exercícios e cuidados com o corpo e com a mente.

Ao falar do *círculo vicioso* Sluzki (1997) esclarece o que chamou de efeito interpessoal aversivo, que são condutas evitativas da rede social, geradas por doença. Além disso, o sujeito debilitado poderá reduzir as oportunidades de contatos sociais se a doença exigir que ele deixe de fazer atividade que antes exercia como, por exemplo, freqüentar cultos religiosos e ainda mais, ele tenderá reduzir sua iniciativa de ativação da rede. Por a rede ser de alguma forma inercial, a baixa atividade dela tende a perpetuar-se.

Quando se trata de doença crônica, os comportamentos de cuidados exercidos por membros da rede são pouco gratificantes e podem ser vistos como ineficazes por não serem recíprocos. O conjunto desses fatores faz com que as relações se deteriorem na medida inversa da força da relação. Quanto mais tênue for a relação, mais rápido ela se esgotará; quanto mais forte, mais lentamente ou talvez nunca chegue a deteriorar-se por completo. No entanto, a doença crônica pode abrir oportunidades de novas relações, como com serviços sociais e de saúde ou relações com outras pessoas que vivem situações parecidas, como nos grupo de apoio. Essas novas relações podem ter fundamental importância à medida que têm o poder de reduzir o impacto da dissolução de antigas relações, dessa forma a rede é fortalecida (Sluzki, 1997).

O uso de drogas é nesse estudo entendido como adoecimento da rede, no sentido trazido por Sluzki (1997), entretanto não se pode esquecer sua faceta sintomática. O uso indevido de drogas não é fator isolado na vida de um indivíduo, é forma de transgressão. A transgressão é denúncia de que algo não vai bem e faz parte da construção de uma vida e da estruturação da identidade de forma complexa e profunda (Selosse, 1997).

O uso de drogas é tão paradoxal quanto a função socializadora que lhe dada, a qual pode ser ilusória ou fugaz. Pode também trazer a falsa impressão de individualização e de independência. Crianças ou adolescentes por vezes fazem uso de drogas para se diferenciar, se individualizar de suas famílias ou do meio em que estão imersos. No entanto, gera outras formas de dependências, fazendo com que o movimento em busca de individualização seja ineficaz.

Vale a ressalva de que nem toda forma de consumo de drogas determina algum nível de dependência. De acordo com Albertani (2006) pode-se falar em quatro formas de consumo de drogas: *experimentação*, uso *esporádico* ou *recreativo*, uso *inadequado* ou *abuso*, *síndrome de dependência*.

A *experimentação* é o uso de determinada droga em processo de exploração. Não acarreta necessariamente a evolução para um uso esporádico ou abusivo. Os adolescentes por estarem em fase de busca de identidade e de teste de limites podem encontrar na experimentação de drogas uma forma de manifestar a fase pela qual estão passando.

O uso *esporádico* ou *recreativo* trata-se de consumo mais presente que a experimentação, mas que não carrega consigo um problema já instaurado. Pode-se falar de consumo moderado, em quantidades toleráveis, dentro de condições seguras.

O uso *inadequado* ou *abuso* pode ser manifestado diferentemente. Uso crônico é o consumo de drogas em quantidades toleráveis, mas em frequência alta. O uso agudo é o consumo de quantidade exageradas de droga, porém em baixa frequência. Assim, a forma mais arriscada é, evidentemente, a congruência entre o crônico e o agudo: uso de grandes quantidades de droga em alta frequência.

A *síndrome de dependência* é caracterizada pela dificuldade do usuário em diminuir ou cessar o consumo, em geral atrelada à dependência dos efeitos da droga. No entanto, esse estudo pretende explorar a dependência em diversos níveis.

Colle (1996/2001) amplia o entendimento de dependência de drogas de uma dependência dos efeitos para a dependência relacional. Para abarcar toda a complexidade do processo de envolvimento com drogas o autor propõe seis níveis de dependência relacional:

- *Dependência dos efeitos* – relação de dependência do usuário com os efeitos da substância, forma de administração e formas de uso.
- *Dependências relacionais afetivas* – relação de co-dependência estabelecida entre uma ou mais pessoas e o usuário.
- *Dependência dos fornecedores* – relação de dependência do usuário com a rede de distribuição da droga.
- *Dependência dos provedores* – relação de dependência entre o usuário e as pessoas que fornecem subsídios financeiros para a aquisição de drogas.
- *Dependência dos pares* – relação de dependência do usuário com a rede de pares envolvida no consumo e aquisição da droga.
- *Dependência das crenças* – relação de dependência do usuário com crenças de supervalorização das drogas, de efeitos místicos ou problemas solucionáveis com o uso de drogas.

A dependência dos efeitos é um conjunto de fatores fisiológicos, cognitivos, comportamentais e sociais que sugerem que o consumo de drogas está afetando de forma significativa a qualidade de vida do usuário (Albertani, 2006). De acordo com a Organização Mundial de Saúde – OMS, alguns fatores devem ser observados. Considera-se dependente de uma droga o sujeito que apresenta três ou mais das seguintes manifestações:

- Forte desejo de consumir a droga;
- Dificuldade de controlar o consumo (quanto à hora em que começa ou para de fazê-lo, quanto à quantidade);
- Utilização persistente da droga, apesar das consequências prejudiciais;

- Maior prioridade dada ao uso de drogas em detrimento de outras atividades ou obrigações;
- Aumento da tolerância à droga (necessidade de doses cada vez maiores para obter o mesmo efeito);
- Síndrome de abstinência (reação adversa do organismo em contextos em que o usuário normalmente administraria a droga, mas não o faz, ou diminui a quantidade).

Colle (1996/2001) sugere que a dependência relacional afetiva é caracterizada por uma ou mais relações muito fortes enquanto Pereira e Sudbrack (2008) realizaram pesquisa com adolescentes em conflito com a lei no contexto da Vara da Infância e Juventude de Brasília – VIJ-DF e observaram que eles demonstram relações afetivas muito fortes com a mãe. As funções de proteção, acolhimento e defesa são destacadas. Trata-se de relação recíproca em que o adolescente procura mostrar admiração, confiança, lealdade e proteção na relação com a mãe. Em contraponto, com o pai, a relação é fraca, de baixa qualidade ou inexistente. Dessa forma, o papel afetivo, protetivo e de autoridade da figura paterna está ausente e o adolescente tem de lidar com essa falta, esse abandono, essa carência da figura de autoridade. Outro aspecto marcante da pesquisa de Pereira e Sudbrack (2008) foi a qualidade dos vínculos familiares em função do uso de drogas e atos infracionais. O alcoolismo, o uso de drogas ou os antecedentes criminais de membros da família apareceram como mediadores de relações. Essas relações têm grande potencial conflitivo e podem gerar sentimentos contraditórios no adolescente. Por um lado, são relações que oferecem ao adolescente condutas “modelo”, comportamentos a serem seguidos, sem olhar crítico; são relações que introduzem o adolescente no uso de drogas e ou na criminalidade. Por outro lado, o adolescente se vê sensível à falta de coerência do sistema familiar, estabelece relações conflituosas ora de afeto e de cumplicidade ora de rejeição e raiva. Esse universo relacional

do adolescente com o próprio sistema familiar permeará as relações de dependência relacional afetiva.

A dependência dos fornecedores dos adolescentes em conflito com a lei, de acordo com pesquisa de Pereira e Sudbrack (2008) é marcada por grande conflitualidade. No caso de drogas ilícitas, o tráfico, ou seja, a rede de relações que lhes fornece drogas os expõe a altos níveis de violência, ao mesmo tempo em que lhes oferece o prazer ou alívio na droga e uma perspectiva de remuneração e até mesmo de ascensão social caso esses adolescentes vejam o tráfico como alternativa de sustento, de emprego. “O tráfico de drogas emprega mais de 20 mil entregadores, chamados ‘aviõezinhos’, a maioria entre 10 e 16 anos, que recebem salários de 300 a 500 dólares, muito mais que poderiam obter num emprego formal” (Feffermann, 2006, p. 57).

Além de perspectiva monetária, o tráfico carrega consigo um *status* social que permeia questões de personalidade como coragem, bravura e rebeldia. Trata-se do desvirtuamento de valores sociais em que a violência toma para si características positivas e concede ao adolescente um lugar de poder, de *visibilidade*. (Pereira, 2009; Sales, 2007). Ele se vê, então, diante de grande conflito, entre o medo e a idolatria. A rede de drogas é constituída por meio de regras e de hierarquias muito rígidas e para sustentar essa rigidez as relações são permeadas de intensa violência. Ainda que o adolescente não ultrapasse o papel de consumidor, invadindo o papel de traficante, ainda assim essa relação é conflituosa e violenta, oriunda das disputas pela quantidade, qualidade e preço da droga, dos conflitos gerados pela vontade de usar e pela falta de recursos para sustentar o consumo, fato que por vezes gera dívida, entre outros. Todos esses conflitos, se não forem respeitadas as regras rígidas e unilaterais do tráfico, são dissolvidos por meio da violência. Mais uma vez o tráfico estabelece relação perversa, propiciando de um lado o prazer e ou alívio nas drogas, de outro a violência e a rigidez da rede de tráfico. Todo esse universo é constituído de relações fracas,

voláteis, instáveis, baseadas no individualismo e no egoísmo, necessários à sobrevivência. As relações são descartáveis e o afeto é visto como ameaça, algo que pode gerar problemas aos “negócios”.

Na pesquisa realizada por Pereira e Sudbrack (2008) a dependência dos provedores em adolescentes em conflito com a lei mostrou-se muito ligada aos atos infracionais. Por vezes, os adolescentes não têm alternativa que não seja o ato infracional para conseguir comprar drogas. Ora a infração aparece na forma de furtos e roubos, na qual o provedor é a vítima, ora aparece na forma de tráfico, na qual o provedor é o cliente. Nesse sentido o ato infracional é meio funcional de acesso às drogas. De forma menos expressiva, os pares também aparecem como provedores. No entanto, para isso, a relação deve ser de confiança mútua para que ocorra a proteção dos indivíduos quanto à violência do tráfico. Como as relações no universo de tráfico são na maioria instáveis e carentes de afetividade, as relações de usuário e provedor entre pares é menos comum.

A dependência dos pares em adolescentes em conflito com a lei é resultado do mau direcionamento do movimento natural do adolescente em busca de identidade e de autonomia por meio de inserção nos grupo de pares. O grupo de pares aparece como segurança, proteção perante o abandono, repressão familiar e precariedade econômica. No entanto, Pereira e Sudbrack (2008) observaram que por vezes esses grupos são incentivadores do uso de drogas por meio de influências ou pressão. O adolescente entende o consumo de drogas como forma de inserção no grupo.

A necessidade de se sentir pertencente ao grupo é anterior à necessidade da droga e esta, conseqüentemente, é vista como facilitadora do vínculo, como fator de inserção no grupo de pares, como meio para a formação de uma imagem, identidade grupal. Ao mesmo tempo, pode funcionar como uma válvula de escape aos conflitos identitários, sociais, familiares e sexuais (Pereira & Sudbrack, 2008, p. 157).

Esses vínculos mediados pelo uso de drogas mostram-se insuficientes ao adolescente e ele percorre um caminho de construção de imagem negativa dos pares, culpabilizando-os pela autoimagem negativa e desqualificando a relação de amizade. “O grupo de consumo não é fiel à amizade, mas à droga” (Pereira & Sudbrack, 2008, p. 157). Num momento posterior, o adolescente passa do estranhamento das drogas e das infrações para a inserção em seu cotidiano.

O jovem encontra no mundo das drogas e da criminalidade a sua rede de pertença e aceita fazer parte dela. O grupo é ruim, mas é sua única referência de grupo. Resolve, então, “adequar-se” tão como ele é, ou seja, adequar-se à cultura da marginalidade, às leis da rua (Pereira & Sudbrack, 2008, p. 157).

A dependência das crenças é um processo em que o usuário atrela à droga uma série de representações sociais quanto à substância e aos efeitos causados por ela. É atribuída à droga certa magia capaz de tornar o usuário mais poderoso, detentor de coragem e de ânimo, capaz de findar dificuldades pessoais e relacionais. Adolescentes em conflito com a lei por vezes atrelam essas crenças às infrações. Em vista disso, nesse estudo a relação entre o uso de drogas e as infrações será um sétimo nível de dependência relacional (Pereira & Sudbrack, 2008).

Pereira e Sudbrack (2008) destacam a relação entre uso de drogas e os atos infracionais. Essa relação de dependência só estará presente se existir a relação de funcionalidade. Ou seja, nem sempre a relação entre consumo de drogas e atos infracionais denotam relação de dependência. Três dimensões são destacadas: a prática de delitos como roubo e furto para conseguir comprar drogas, o consumo de drogas como encorajador para a prática de delitos e a prática de delitos em consequência dos efeitos das drogas. Têm-se, então, transgressões numa relação de funcionalidade e levanta-se a questão se as drogas estão



gerando violência ou despertando violência latente. Não há verdade acabada, os dois processos são possíveis, bem como a convergência dos mesmos em um único momento. No entanto, por vezes os adolescentes se apropriam indevidamente da idéia de que os efeitos das drogas têm potencial de gerar violência para justificar um ato infracional que já seria cometido independente de seus efeitos. É a forma encontrada pelos adolescentes para justificar os próprios atos perante a família, a justiça e a sociedade. (Pereira & Sudbrack, 2008)

O contexto de dependências é assim dividido para a melhor compreensão do fenômeno, no entanto trata-se de fenômeno uno e complexo em que essas dimensões se entrelaçam e se complementam mesmo nas contradições e na construção do processo de dependência (Pereira & Sudbrack, 2008).

## **1.2 Rede social e fatores de risco e de proteção em relação ao envolvimento com drogas na adolescência.**

A rede social de um indivíduo é um processo dinâmico, de construção e desconstrução constante de vínculos e é, também, o movimento relacional no qual o indivíduo está imerso. Sluzki (1997) traz a rede social como um conjunto de relações que podem ser pensadas em subsistemas, sendo eles: a família, as amizades, a escola, o trabalho e a comunidade. Cada um desses campos relacionais contém relações que fluem entre contextos de risco e contextos de proteção. Contextos de risco são aqueles em que predominam fatores de risco e contextos de proteção têm predominância de fatores de proteção.

Fatores de risco são circunstâncias sociais ou características da pessoa que a tornam mais vulnerável a assumir comportamentos arriscados como o de usar drogas.

Fatores de proteção são os que contrabalançam as vulnerabilidades, fazendo com que a pessoa tenha menos chance de assumir esse comportamento (Albertani, Scivoletto & Zemel, 2006, p. 118).

As relações que formam a rede de um adolescente não são, na essência, boas ou ruins, mas carregam consigo contextos de risco e de proteção capazes de aproximar ou afastar o adolescente de comportamentos arriscados como o de usar drogas e se envolver com atos infracionais (Dios, 1999). A dicotomia entre o risco e a proteção facilita a compreensão, mas não abrange toda a complexidade do fenômeno. O risco e a proteção são construções individuais pautadas no movimento de influências entre as relações. Dessa forma, um contexto de risco para um adolescente pode representar um contexto de proteção para outro. Assim como uma relação pode movimentar-se entre contextos de risco e de proteção (Albertani, Scivoletto & Zemel, 2006).

De acordo com Albertani, Scivoletto e Zemel (2006), os fatores de risco e de proteção podem manifestar-se como aspectos da construção identitária do próprio adolescente, aspectos familiares, aspectos do contexto escolar, aspectos sociais e comunitários e aspectos relacionados à droga. A construção identitária do adolescente envolverá questões como o processo de construção da autonomia, habilidades sociais, auto-estima, habilidades e estratégias para lidar com conflitos, entre outros. A forma com que o adolescente vivenciará esses momentos e a construção subjetiva em torno deles são fatores que irão aproximar ou afastar o adolescente de comportamentos de risco.

Aspectos de relação familiar também são contextos que têm potencial de influenciar o comportamento adolescente. A forma de estabelecimento de regras, possibilidade de negociação, a qualidade dos vínculos afetivos, a forma de estabelecimento da hierarquia familiar, os ritos, o histórico transgeracional, a genética, são componentes do universo familiar que irão permear a existência ou não da vinculação do adolescente com a droga. A

relação familiar será aprofundada no tópico 1.3. Adolescente no contexto familiar: envolvimento com drogas e atos infracionais.

No contexto da escola destaca-se a inserção e a adaptação do adolescente no ambiente escolar, o desempenho dele, a qualidade dos vínculos afetivos, o estabelecimento de regras, a possibilidade de negociação, a existência de espaços de criatividade e de autonomia. Para que o adolescente se adapte ao ambiente escolar é importante que a escola e a família compartilhem os mesmos valores. Para isso é preciso que haja relação de diálogo constante entre a família e a escola, as quais devem se articular para que o adolescente receba regras, informações e orientações coerentes.

Esse diálogo também facilitará a construção de ações conjuntas no caso da identificação de algum contexto de risco para o adolescente. Caso contrário a escola pode abster-se de qualquer ação, delegando à família toda a responsabilidade, assim como a família pode delegar à escola, tendo como resultado a inexistência de ações efetivas e a falta de proteção do adolescente. Como foi visto, a família, a sociedade e o Estado são responsáveis pela proteção integral do adolescente, sendo a escola parte integrante da sociedade e, por vezes, do Estado. No entanto, nem ela, nem a família podem delegar responsabilidades. Sendo assim, a solução mais adequada é a construção de ações conjuntas, uma vez que ações isoladas têm menos força e podem seguir sentidos contrários, de desconstrução. As ações são ainda mais ricas quando a comunidade é incorporada (Albertani, Scivoletto & Zemel, 2006).

Aspectos sociais e comunitários incluem a escolha de modelos comportamentais, a escolha de fontes de estabelecimento de regras e de leis, de ambientes de trabalho e de lazer, de acesso a informações a respeito das drogas e dos efeitos que elas causam, de vínculos comunitários, de acesso ou não às drogas, de vínculos com grupos de pares. Os aspectos

relacionados às drogas são os efeitos da droga, construções subjetivas em torno do consumo, funções atribuídas à droga, entre outros (Albertani, Scivoletto & Zemel, 2006).

Durante a infância, os vínculos familiares, em geral, são predominantes em relação aos demais contextos da rede. Já a adolescência é um processo por meio do qual o indivíduo passa a estabelecer novas relações e a reelaborar relações antigas. Esse processo faz com que os demais contextos da rede social se fortaleçam e as relações passem a ser mais significativas. Uma rede social saudável e protetiva é aquela em que os diferentes contextos estão articulados. Cada campo relacional conterà contextos de risco e de proteção, mas o contexto protetivo primeiro é o diálogo entre os campos relacionais em busca de certa harmonia no trato com o adolescente (Selosse, 1997; Albertani, Scivoletto & Zemel, 2006; Sluzki, 1997).

Rodrigues Lopes, Leite (2006) esclarece que por mais que os fatores de risco sejam construções individuais, específicas a cada relação, existem no Brasil alguns contextos que se apresentam como risco para a maioria, se não para todos os adolescentes que os vivenciam. São eles: a exploração do trabalho e a exploração sexual, contextos de risco que denunciam falha na rede social em proteger o adolescente.

A exploração do trabalho adolescente é todo o contexto de trabalho em desacordo com determinação legal, art. 60 ao art. 69 do ECA. Esses artigos determinam que nenhuma forma de trabalho é admitida para adolescentes menores de 14 anos; que dos 14 aos 16 anos o adolescente pode trabalhar na condição de aprendiz e que dos 16 aos 18 anos o adolescente pode exercer atividades remuneradas. No entanto, em nenhuma dessas condições, o processo de formação e desenvolvimento físico, psíquico, moral e social do adolescente pode ser afetado. Caso contrário, configura-se exploração do trabalho adolescente e esse é um contexto que pode aproximar o adolescente de comportamentos de risco, como uso de drogas

ou do conflito com a lei, por torná-lo vulnerável. Não só a exploração do trabalho é vulnerabilizante, mas a exploração sexual também.

A exploração sexual envolve alto grau de degradação física, psicológica e moral, geralmente permeadas de forte coerção e violência.

Esse contexto representa um sério fator de risco ao uso de álcool e de outras drogas, pois crianças e adolescentes convivem com adultos descomprometidos com a garantia dos seus direitos e que muitas vezes estimulam o uso de substâncias psicoativas pelas próprias crianças ou adolescentes para extrair maiores quantias dos clientes (Rodrigues, Lopes & Leite, 2006, p. 140).

O desenvolvimento psíquico, a construção da moral e a vinculação social são aspectos da construção identitária do adolescente que são prejudicados quando ele é envolvido em contextos de baixo ou de nenhum respeito aos seus direitos, como a exploração sexual e a exploração do trabalho. Diante de um desenvolvimento pouco saudável esses adolescentes podem recorrer a comportamentos de risco como o uso de drogas e o envolvimento com a justiça como forma de lidar com as frustrações, com o que lhes falta.

Partindo da compreensão complexa dos contextos de risco e de proteção, entende-se que os fatores de risco e de proteção interagem entre si de forma única em cada indivíduo, mas foi visto que as áreas em que esses fatores irão manifestar-se são constitutivas da rede relacional. Portanto, partindo da compreensão sistêmica pode-se observar que o fator de proteção primeiro é a construção e a manutenção da rede social articulada e fluída, com vínculos afetivos em todos os contextos relacionais, cujas funções de proteção estejam sendo exercidas de maneira eficaz. Em contraponto, a rede social pouco articulada, rígida, com vínculos e exercício de funções com o aspecto qualitativo comprometido configura contexto de risco.

### **1.3 Adolescentes no contexto familiar: envolvimento com drogas e atos infracionais**

Pereira (2009) em sua tese de doutorado investigou adolescentes e riscos de envolvimento com o tráfico de drogas e verificou a dificuldade apresentada na rede dos adolescentes no estabelecimento de vínculos com figuras tradicionalmente responsáveis pela função de autoridade – regulação, controle social (Sluzki, 1997) – a família e a escola. Para melhor compreender essa fragilidade Pereira (2009) lançou mão do conceito de relacionamentos líquidos (Bauman, 2004) para então chegar ao conceito de autoridade líquida (Pereira, 2009).

Relacionamentos líquidos são momentâneos, não se sustentam com o decorrer do tempo; são relações que se ativadas num determinado momento são descartadas no momento seguinte. Pereira (2009) faz uma releitura do conceito de liquidez aplicando-o nas relações fragilizadas entre o adolescente e a família e o adolescente e a escola. A família e a escola são tradicionalmente responsáveis pela função de autoridade. No entanto, Pereira (2009) observou que em alguns casos elas não se comprometem com essa função, o que faz com que os vínculos afetivos estabelecidos tenham o aspecto qualitativo comprometido. “Essas relações permanecem fluidas, instáveis, sem consistência, parecendo ‘escorrer pelas mãos’, num processo de perda da qualidade dos vínculos afetivos nos primeiros grupos de socialização (família e escola)” (p. 106).

Diante de vínculos tão frágeis os adolescentes buscam relações alternativas que lhes forneçam o papel consistente de autoridade. Pereira (2009) interpretou esse fato como potencial de risco para o envolvimento com tráfico de drogas.

Cabe aqui breve elucidação do que é entendido por autoridade e a distância conceitual de autoritarismo. Assim, as relações de autoridade são marcadas por poderes individuais respeitados, compartilhados por e com todos (Guareschi, 2002). As relações de autoritarismo são aquelas de autoridade exercida de forma equivocada, imbricada de violência e de

imposições, de maneira que o interesse da pessoa seja subjugado ao interesse de outra (Póvoa & Sudbrack, 2006).

O exercício da autoridade na relação adolescente, família e escola enfrenta o desafio de não se tornar autoritarismo mesmo com a hierarquia inerente a esse tipo de relação. Para isso, é necessário o estabelecimento de regras, de valores e permitir negociação. Trata-se da relação afetiva de proteção, de cuidado e de respeito com o adolescente, sendo, portanto, o estabelecimento de limites sem imposição violenta (Póvoa & Sudbrack, 2006).

Para melhor compreender o exercício da autoridade na família faz-se necessário um aprofundamento nos mecanismos familiares e as influências que têm na construção identitária do adolescente.

Dios (1999) esclarece que a família é uma construção complexa e única, com estrutura que nem sempre se encaixa num modelo familiar tradicional e isso não faz dela menos eficaz ou menos família. Para a compreensão baseada no paradigma da complexidade faz-se necessária uma visão ampla da construção familiar. O conceito de família adotado nesse estudo é a construção subjetiva do indivíduo, que pode ou não englobar laços sanguíneos. Vale ressaltar que também família aqui não se limita à família nuclear e que o sistema afetivo entendido como família pode englobar diversas gerações. Esse conceito de família é o mesmo adotado por Pereira (2009): “Quando falamos em família, não estamos nos referindo necessariamente à família nuclear ou à família cujos membros moram juntos, mas àquela composta por pessoas que interagem intensamente e assumem uma ligação duradoura entre si” (p. 116).

A família, assim como as demais instituições da rede social, é entendida pela visão da complexidade como espaço relacional que não carrega na essência nenhuma carga positiva ou negativa, ou seja, não é essencialmente boa ou ruim. No entanto, traz consigo contextos de

risco e de proteção (Dios, 1999). Ao longo de uma vida a mesma família pode fluir nas nuances entre o risco e a proteção.

Essas nuances entre o risco e a proteção permearão todo o ciclo da vida familiar e fornecerão subsídios para a construção de identidade de seus membros. Dessa forma, é muito importante entender o ciclo familiar para compreender a complexidade do indivíduo. A evolução do ciclo familiar é um processo único de desenvolvimento de papéis, funções, estabelecimento de vínculos e de separações (Penso & Sudbrack, 2004). A família, ao longo do tempo, passa por diversas modificações no exercício de papéis e nos vínculos estabelecidos. Essas modificações marcarão diferentes etapas no ciclo de vida familiar. Os pontos de transição são o rompimento com o movimento inercial, frequentemente marcados por estresses familiares (Carter & McGoldrick, 2001). A família depara-se com a difícil tarefa de reorganização de vínculos, de papéis e de renegociação de regras. Caso a tarefa não seja cumprida de forma saudável surgirá disfunções e sintomas (Carter, McGoldrick, 2001).

As etapas do ciclo e a maneira como cada família se reorganizará é única. No entanto, existem algumas etapas que na sociedade brasileira se fazem presentes em muitas famílias: a formação de um casal, a entrada de um novo membro, a adolescência dos filhos, a saída dos filhos, o envelhecimento dos pais, a morte dos avós. Outras etapas podem não ser tão previsíveis, no entanto não são incomuns: divórcio, recasamento, irmãos por parte de apenas um dos pais, morte repentina de algum membro, doença crônica, mudança de domicílio, novos empregos e desemprego. A organização da família em torno dessas etapas será fundamental para a construção da identidade de seus membros.

A adolescência dos filhos é a etapa que mostra como a família realizará a reorganização de papéis e a renegociação de regras e denunciará se a família conseguiu estabelecer a relação de autoridade ou se a relação desandou para extremos como o autoritarismo ou a falta de autoridade.



A internalização de regras e de valores é um processo que marca a passagem da infância para a adolescência. Na infância as regras provêm predominantemente do meio externo – família, escola, sociedade – amparadas por sentimentos de amor, de medo e do que é sagrado. Essa fase é marcada pela moral da heteronomia – ausência de autonomia. É a relação assimétrica que progredirá para a relação simétrica, de respeito mútuo e estabelecerá a moral da autonomia. O processo de construção da autonomia perpassa o processo de conscientização em que o adolescente percebe os diversos pontos de vista, contradições e conflitos inerentes às relações sociais (Póvoa & Sudbrack, 2006).

Essa conscientização permitirá que o adolescente construa relações simétricas em que as regras são negociadas. Dessa forma, o adolescente será capaz de internalizar regras e valores, de construir a própria autonomia normativa. Por conseqüência, a adolescência dos filhos exigirá da família um esforço no sentido de mudar qualitativamente as fronteiras, torná-las mais permeáveis e flexíveis (Carter & McGoldrick, 2001).

De acordo com Selosse (1997) adolecer é processo marcado por condutas de exploração e de testes, por meio dos quais o adolescente resignificará seus campos relacionais de pertencimento e formará novos campos. Esse processo permite ao adolescente diferenciar-se em um espaço de criatividade por ser de exploração e, assim, aproximar o adolescente da margem que separa condutas socialmente aceitas, do desvio e da transgressão.

Ou seja, o adolescente é um sujeito que procura afirmar a identidade, diferenciar-se como sujeito da própria história, estabelecer novos vínculos, negociar regras advindas de vínculos antigos e mudar qualitativamente vínculos já estabelecidos. Por meio desse processo as regras antes provindas do meio externo – família, escola, sociedade – passaram a ser construídas internamente para se atingir a autonomia normativa.

De acordo com Selosse (1997) se esse processo não ocorrer de forma adequada, o adolescente pode apresentar condutas sintomáticas desviantes, as quais indicam que os vínculos estabelecidos na infância, impediram, de alguma forma, o adolescente de estabelecer novos vínculos e ou transformar antigos vínculos de forma saudável.

Os vínculos infantis podem transitar entre dois extremos, sendo esses extremos as formas inadequadas. O vínculo pode ser tão fraco a ponto de ser facilmente rompido – falta de autoridade – e pode ser tão forte a ponto de não permitir diferenciação, processo criativo de individualização – autoritarismo (Selosse, 1997; Pereira, 2009).

Tanto um extremo quanto o outro gerarão formas de distúrbios e mal estar no adolescente por impedi-lo de realizar o adolescer saudável. Os vínculos afetivos fracos apresentarão dificuldade em estabelecer regras e limites e, conseqüentemente, gerarão o que Pereira (2009) denominou de autoridade líquida. Trata-se de autoridade pouco efetiva, instável. Dessa forma, o adolescente não terá ambiente favorável para a resignificação de regras, para a construção da autonomia normativa que lhe permitiria perceber a dimensão protetiva da lei, das regras e que a transgressão pode sair do campo exploratório e tornar-se padrão. Nesse sentido, a transgressão é clara denúncia de falha na rede relacional do adolescente. Cabe a ressalva que esse limite familiar na renegociação de regras e papéis não deve ser entendido de forma isolada, culpabilizando a família, mas sim dentro do contexto transgeracional, socioeconômico e cultural (Selosse, 1997).

O conceito de culpa não é adequado nesse contexto, pois a falha na rede familiar não denota simples falha da família, uma vez que ela utiliza os recursos que possui para estabelecer relações. Entretanto, nem sempre a família disporá de recursos emocionais e socioeconômicos para estabelecer relações saudáveis. O histórico transgeracional pode revelar que os pais carregam dificuldades da família de origem, o que torna mais provável a

repetição do padrão na nova família. Aspectos socioeconômicos também podem ser grandes limitadores dos recursos familiares.

As famílias em contextos de vulnerabilidade social enfrentam não só os desafios previsíveis do ciclo de vida familiar como também têm de enfrentar cotidianamente questões relativas à pobreza, às drogas, à violência, às precárias condições de vida e à saúde deficiente. O acúmulo de dificuldades torna menos provável o manejo adequado e, conseqüentemente, essas famílias são tomadas como desqualificadas para exercer as funções familiares. No entanto, a condição de vida precária é fruto da combinação de fatores nos quais se enquadram falta de suporte que asseguraria condições humanas razoáveis de sobrevivência. A falta de acesso a serviços como saúde, educação, lazer, transporte público, ou seja, a privação de direitos dificulta ainda mais o manejo dos problemas familiares (Pereira, 2009). O adolescente inserido nesse contexto de vulnerabilidade social tem o processo de construção identitária prejudicado, pois no momento em que o adolescente precisaria resgatar a própria história para se afirmar como sujeito autônomo ele se depara com a realidade à qual ele não gostaria de pertencer; com a identidade que ele não gostaria de ter e o processo de reafirmação da identidade pode torna-se de negação (Sudbrack, 1996).

Nessa realidade na qual o adolescente não gostaria de estar é comum a ausência parental por diversos motivos como o de ambos os pais terem necessidade de trabalhar fora por grande período de tempo para o sustento da família. É comum famílias comandadas apenas pela figura materna que tem de dedicar grande parte do tempo para a manutenção familiar. A existência de muitos filhos também faz com que a atenção parental no pouco tempo em que está presente seja muito dividida. Em muitos casos a função de autoridade – regulação, controle social (Sluzki, 1997) é fragmentada. Ou seja, os pais se vêem forçados a delegar essa função a outros adultos, em geral membros da família. Assim, os filhos recebem orientações de diversas pessoas, o que gera contradições e limites inconsistentes. Esse fato

altera a percepção do adolescente em relação ao comportamento mais adequado (Pereira, 2009).

A ausência parental seja ela física ou afetiva faz com que a família se organize em torno dessa realidade. Essa organização, bem como a forma de funcionamento familiar é única nos âmbitos mais aprofundados. No entanto, são comuns algumas formas de organização. A delegação da função parental para outros adultos é uma delas. Outra forma de organização é a delegação da função parental para um dos filhos, o que Penso e Sudbrack (2004) denominaram de *filho parental permanente*:

O adolescente desempenha diferentes papéis ao lado da mãe, no decorrer do Ciclo de Vida Familiar, ocupando espaços vazios da relação conjugal, mantendo-se numa relação de rivalidade e/ou afastamento do pai. O desempenho e o investimento nesses papéis dificulta a identificação com seu pai e, também, o movimento de separação-individualização desse adolescente de sua família, complicando o seu processo de construção identitária. Uma das vias de resolução para lidar com a angústia vivida e criar possibilidades de separação e de liberação desse lugar de filho parentalizado pode ser buscar outros contextos de construção identitária, dentre esses, o uso de drogas que o leva, quase que simultaneamente, ao envolvimento com atos infracionais (Penso & Sudbrack, 2004, p. 36).

A parentalização só causará esse efeito caso seja permanente ou por longo período. A parentalização temporária é um fenômeno natural sem efeitos negativos necessários. (Miermont, 1994) No entanto, parentalização permanente impõe ao adolescente o desempenho de uma série de papéis que deveriam ser exercidos por um dos pais, impondo-lhe também o não exercício do papel de filho. Penso e Sudbrack (2004) em uma pesquisa realizada com adolescentes de Brasília em 2003 verificaram que a parentalização ocorre de

forma mais comum com o adolescente assumindo papéis que deveriam ser exercidos pelo pai, afastando-se deste e aproximando-se da mãe. Dessa forma, ocorre a triangulação na relação conjugal e o filho substitui o pai no exercício do papel de cuidador e de educador dos irmãos, protetor e provedor da família.

Penso e Sudbrack (2004) esclarecem que os papéis exercidos pelo adolescente no processo de parentalização são fixos, difíceis de serem alterados, pois a tentativa de alteração é entendida por ele como abandono da família, da mãe. O adolescente se depara com um sentimento paradoxal: sofrimento pelo exercício de um papel fixo e a crença de que alterar esse papel seria abandonar sua família. “O uso de drogas garante a possibilidade de vivência de outros papéis além daqueles do filho parental, propiciando a sensação de pertencimento e afiliação a outros contextos, garantindo formas de inclusão social” (Penso & Sudbrack, 2004).

Penso e Sudbrack (2004) verificaram que em muitos casos, adolescentes que faziam uso arriscado de drogas tinham pais cujo consumo de drogas também permeava o risco. Esse fato foi interpretado como forma de identificação e de aproximação com esse pai ausente. No entanto, essa forma é pouco eficaz, pois os pais estavam em processo de afastamento tão avançado que nem chegavam a ter conhecimento do envolvimento do filho com drogas. Outro ponto levantado foi a impossibilidade dos filhos de exercerem o papel parental adequadamente, precisando para tal cometer atos infracionais, desvios para conseguir dinheiro e prover a família – ato infracional numa relação de funcionalidade com o consumo de drogas.

Penso e Sudbrack (2004) revelam que a estrutura familiar do *filho parental permanente* pode gerar um processo de *pseudoindividualização* (Stanton, Todd, 1985).

Trata-se de um movimento que dá a falsa impressão de individualização, mas na verdade cria ou reforça dependências relacionais. É natural que o adolescente faça um

movimento no sentido de se diferenciar, no entanto, se a rede familiar não estiver estruturada de forma saudável, esse movimento pode abalar de forma significativa as relações já existentes. Diante dessa situação o adolescente não consegue se diferenciar, pois esse movimento poderia quebrar seu sistema familiar. Sua saída é, então, tentar a individualização que não altere o próprio sistema familiar, mas infelizmente essa tentativa torna-se frustrada, pois o processo de individualização não será adequado e seu sistema familiar bem como seu modo não saudável de funcionamento permanecem inalterados (Penso & Sudbrack, 2004).

O uso de drogas por adolescentes é forma comum de se realizar uma *pseudoindividualização*. Essa transgressão<sup>6</sup> evidencia o mau funcionamento da rede, mas é ao mesmo tempo a tentativa de regularizar as relações e de superar dificuldades sem provocar mudança efetiva (Penso & Sudbrack, 2004). No entanto, sem mudança no contexto relacional, a pretensão de se superar problemas torna-se inatingível. “Resta-lhes consumir para esquecer, sonhar ou esperar conseguir melhorar seus desempenhos. O consumo abusivo e compulsivo impede a modificação do comportamento num contexto que resiste a qualquer transformação” (Colle, 2001, p. 55).

#### **1.4 Adolescentes: do desvio ao envolvimento com a justiça**

Pereira (2009) esclarece que para que o adolescente realize um processo de individualização saudável é necessário que ele sinta a presença parental e que ele sinta o pertencimento para então realizar um processo de separação. As dificuldades desse processo são engrandecidas quando a função de autoridade não está sendo exercida de forma adequada, quando existe autoritarismo familiar ou autoridade líquida. Diante dessa situação o adolescente tem a transgressão como forma de pedir ajuda, de denunciar falha em sua rede relacional.

---

<sup>6</sup> Entende-se por transgressão tanto o uso de drogas ilícitas, quanto lícitas. Mesmo drogas legalizadas no Brasil não podem ser comercializadas para menores de 18 anos, portanto o uso de drogas lícitas por adolescentes também é uma forma de transgressão, seja pela norma familiar, seja pela lei Brasileira. Art 81, II, ECA.

Sudbrack (1992, 2001) entende que a figura paterna é a personificação das regras, da lei. Na falta dessa figura, o adolescente pode entrar em um movimento de busca pela autoridade, sendo a autoridade maior a Lei Brasileira e os operadores do direito brasileiro. Esse movimento foi denominado “*da falta do pai à busca de lei*” (Sudbrack, 1992, 2001). No entanto, Pereira (2009) observou que esse movimento é ineficaz e o adolescente termina por desencadear um movimento contrário ao desejado, de afastamento do pai. Pereira (2009) esclarece que a simples presença do pai biológico em casa não significa que a função de autoridade será eficaz. Portanto, quando se refere à figura paterna, refere-se à figura que exercerá a função de construir normas e limites, transmitir valores.

Tanto a autoridade líquida quanto a completa inexistência de autoridade criarão no adolescente um vazio, o sentimento de abandono, de culpa e um movimento de busca pela autoridade. Esse é apenas um dos quadros que criam a condição de risco para o adolescente. A autoridade também pode intercalar, em diferentes momentos, entre a inexistência e o autoritarismo, como pode apresentar-se primordialmente em um dos extremos. Questões do âmbito da autoridade têm potencial de gerar a desqualificação do adolescente nas relações familiares. Os adolescentes se sentem excluídos e, por isso, se envolvem em situações de risco, na busca por inclusão, por autoridade, sendo novamente excluídos pela família. Esse é um movimento de *dupla exclusão* (Sudbrack, 1996). É natural que essas questões influenciem a construção identitária do adolescente podendo alterar de forma significativa a auto-estima, torná-lo inseguro, com sentimentos de impotência, incompletude, de não ser bom o suficiente (Pereira, 2009).

As questões da rede social bem como as de ordem da construção identitária irão somar-se às questões sócio-culturais para construir o universo de risco e de proteção ao adolescente. Paiva (2007) alerta que o mercado de trabalho cada vez mais restrito, com poucas ofertas de trabalhos não valorizados social e economicamente, em conjunto com

crescente apelo ao consumo e a bens indicadores de *status*, contribuirão para a esfera de risco. A necessidade humana é um conjunto de carências que incluem primárias como fome, frio; as afetivas; as de reconhecimento pessoal e social que podem se manifestar por meio de bens e serviços apelativos de *status*, entre outras (Paiva & Sento-Sé, 2007).

O apelo da sociedade consumista resume-se em criar novas e infinitas necessidades. São *gratificações imediatas* (Sales, 2007) super valorizadas e indicadoras de *status* que têm potencial de causar sofrimento, sentimentos de falta, baixa auto-estima, sentimentos de impotência naqueles que não conseguem suprir essas necessidades. Os adolescentes são alvos fáceis para esses apelos, pois estão no momento de construção e de afirmação identitária. Precisam diferenciar-se, mostrar-se à sociedade, afirmar-se tendo nos bens indicativos de *status* um auxílio nesse processo. Reforçando esse pensamento, Silva e Guerresi (2003) afirmam que os alvos preferenciais da infração de adolescentes são roupas, objetos de marca, bonés, tênis, relógios e outros bens representativos de *status*. Neste ponto de vista, a droga também pode ser entendida como bem de consumo. “A droga, com a promessa de satisfação imediata, pode surgir como caminho que resta, como uma réplica à falta de acesso aos ‘prazeres’ da sociedade de consumo, como consequência da impossibilidade de se inscrever numa dimensão de existência” (Feffermann, 2006, p. 40).

Com isso, não se pretende aqui fazer qualquer insinuação de que populações em vulnerabilidade social estão mais propensas a essa falta que populações não vulneráveis socialmente. As necessidades consumistas são ilimitadas e atingem todas as camadas da sociedade.

Esse universo de risco e de proteção de um adolescente que irá permear questões da rede social, questões de ordem da construção identitária e questões sócio-culturais será determinante no processo de diferenciação do adolescente. Ele entrará em processo de aproximação da margem por meio de transgressões. Se estiver imerso no universo



prioritariamente protetivo, esse processo fará com que se aproprie das normas e construa a própria autonomia normativa. Concluído o processo ele será capaz de perceber a dimensão protetiva das normas e das regras e então se afastará da transgressão. No entanto, se o adolescente estiver imerso no universo prioritariamente de risco, esse processo pode fazer com que o adolescente ultrapasse a margem do desvio de exploração e atinja um nível de desvio não saudável. (Selosse, 1997).

Sales (2007) realiza um recorte teórico ao estudar adolescentes infratores em situação de vulnerabilidade social. São vastos e profundos os riscos que englobam esses adolescentes: o apelo da sociedade consumista e a falta de boas oportunidades de emprego somam-se ao preconceito, à violência, à proximidade com tráfico de drogas, às gangues, à inexistência de cidadania. Esse universo deverá gerar o que Sales (2007) denominou de *(in)visibilidade perversa*. Trata-se de olhar paradoxal destinado a esses adolescentes em vulnerabilidade social. São jovens que não têm reconhecido o próprio sofrimento, a privação, a falta e a situação de vulnerabilidade. Tudo isso é ignorado pela sociedade – *invisibilidade perversa*. Entretanto, esses mesmos adolescentes são alvos de olhares preconceituosos, discriminantes, receosos de violência – *visibilidade perversa*. A perversidade desse olhar torna-se evidente quando se observa o desejo de ser visto, de sair da zona da invisibilidade e o sofrimento consequente por ser mal visto.

A *visibilidade* toma diversas dimensões no discurso de Sales (2007). Desde a dimensão de Foucault (1996) e o olhar que carrega em si abusos e excessos ao olhar míope que passa pela lente da mídia e distorce o real, ao não olhar de Saramago (1995), à metáfora da cegueira. No entanto, o que permeia todos esses olhares é a necessidade de existir, pois “só existe o que se vê” (p. 148). Está posta, então, a luta daqueles que estão no campo da *invisibilidade* pela própria existência e a barreira dos cegos e dos míopes que se recusam a conceder um olhar livre de qualquer patologia.

Os adolescentes invisíveis, em sua luta particular, se deparam com faltas, com carências, com a impossibilidade de luta justa pela *visibilidade*. Nesse momento, alguns rompem as amarras – por vezes já tão fracas que não exigem esforço – e se permitem enveredar por caminhos tortuosos de violência, de transgressão e de delitos. Então, recai sobre eles a almejada e perversa *visibilidade*. Primeiramente por olhares míopes: um que desvirtua valores sociais e encara atos de violência e desvio como sinônimos de coragem e bravura (Pereira, 2009), outro que ignora a complexidade desse adolescente, sua inexistência, suas carências, suas contradições, destinando, assim, um olhar estigmatizante.

Do ponto de vista social, o adolescente é ainda estigmatizado ora como vítima (produto do meio em que vive), ora como agressor (responsável único pela prática do ato infracional), ora como doente (portanto precisa de tratamento) ou como delinquente (deve ser punido) (Pereira & Sudbrack, 2008, p. 158).

Posteriormente por um olhar empoderado que busca prever o desvio e corrigi-lo a partir de lógica padronizante de comportamento, mas se isso não for possível deve ser punido – *poder panóptico*. (Foucault, 1996). Entra em questão a punição de adolescentes infratores. A Doutrina da Proteção Integral na qual se baseia o ECA prevê medidas socioeducativas e não medidas punitivas. No entanto, Sales (2007) e Volpi (2001) destacam o descumprimento evidente dessa determinação no Brasil. Atualmente, existe certa ambigüidade no tratamento de adolescentes em conflito com a lei, relação “caracterizada pela mudança do discurso com a explicitação de uma doutrina de proteção integral e a manutenção de uma prática repressiva própria da doutrina de situação irregular” (Volpi, 2001, p. 14). Sales (2007) entende que a prática repressiva destinada ao adolescente em conflito com a lei pode ser entendida sob a óptica do *poder panóptico*.

Foucault (1996) em discurso crítico destaca a importância do olhar. Alerta para a existência do olhar carregado de poderes e de excessos que busca vigiar e punir em prol da uniformidade de comportamentos. Ressalta que o objetivo da sociedade atual é a punição da mente e não do corpo. No entanto, para se atingir a mente o corpo deve sofrer algumas restrições, pois não se trata de um sofrimento deliberado e sim do mínimo de restrição corpórea para se atingir a mente. A punição pode vir em forma de pequenas humilhações e de privações. Para o exercício do *poder panóptico* tem-se um sistema de instituições que é amparado e articulado pelo poder judiciário que tem a lógica panóptica como premissa. Esse sistema gerou o que Foucault denominou de docilização dos corpos. O exercício do poder, paradoxalmente óbvio e dissimulado, gera certa apatia, falta de resistência, corpos dóceis ao exercício do poder que é óbvio, pois aqueles que estão subjugados a ele não o negam; mas é também dissimulado, pois parece não haver alternativa a ele.

Os adolescentes em situação de vulnerabilidade social são englobados por contextos de risco já abordados nesse estudo como a falta de pertencimento familiar, o mau exercício da autoridade, a dificuldade de se diferenciar como indivíduo, o fato de pertencer a uma rede social falha ou escassa, o apelo de uma sociedade consumista, a inexistência de cidadania, a proximidade com a violência, o tráfico de drogas, os olhares preconceituosos, a valorização da violência e do desvio. Esses fatores propiciam a esfera de riscos, mas nenhum fator é tão forte ou preponderante quanto a carência afetiva (Pereira, 2008). Todo esse universo contribui para a *(in)visibilidade perversa* (Sales, 2007) e, conseqüentemente, para a passagem da margem ao desvio (Selosse, 1997). Tem-se, então o adolescente em conflito com a lei.

As medidas socioeducativas englobam a dimensão jurídico-sancionatória e a dimensão ético-pedagógica. É importante que as duas dimensões coexistam em harmonia para que o adolescente tenha a oportunidade de superar a situação de exclusão e reelaborar sua participação na vida social por meio da ressignificação de valores antigos e da formação

de novos. A dimensão jurídico-sancionatória não pode, em nenhuma circunstância, prevalecer sob a dimensão ético-pedagógica (SINASE, 2006). No entanto, nem sempre essa determinação é cumprida e, além disso, a dimensão jurídico-sancionatória prevê medidas de responsabilização, mas as denúncias de punição de adolescente são inúmeras em todo o país (Sales, 2007). Diante disso, é interessante saber quem são esses adolescentes no contexto brasileiro.

### **1.5 Adolescentes no contexto brasileiro de medidas socioeducativas**

De acordo com Silva e Guerresi (2003) o histórico da legislação sobre crianças e adolescentes no Brasil teve o início subordinado à defesa da sociedade. Ou seja, a lei deveria legislar sobre a proteção da sociedade contra adolescentes e crianças delinquentes. O controle estatal partia da doutrina da situação irregular para justificar a proteção social em detrimento das necessidades de crianças e de adolescentes. Em 1927 foi criado o primeiro Código de menores, conjunto de medidas baseadas na doutrina da situação irregular, destinadas ao menor infrator, carente ou abandonado.

Em 1970 surgem tanto no âmbito internacional, como nacional, discussões a respeito da nova visão de crianças e de adolescentes, na qual eles seriam percebidos como sujeitos de direitos. Essa mudança de paradigma trouxe a doutrina de proteção integral em detrimento da doutrina da situação irregular. No entanto, esse novo paradigma não extinguiu de imediato a visão repressiva e assistencialista de antes e a sociedade brasileira conviveu com a coexistência de paradigmas antagônicos.

Em 1990 o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA – adequa-se aos princípios da Convenção das Nações Unidas sobre o Direito da Criança no contexto latino americano e contempla o novo paradigma. De acordo com Mendez (1994, p. 54) as principais inovações do ECA foram:

- Municipalização da política de atendimento direto

- A eliminação de formas coercitivas de reclusão por motivos relativos ao desamparo social, por meio da eliminação da figura da situação irregular
- A participação paritária e deliberativa governo/ sociedade civil, estabelecida por intermédio da existência de Conselhos dos Direitos da Criança e do Adolescente
- A hierarquização da função judicial, com a criação do Conselho Tutelar – órgão permanente e autônomo, não jurisdicional, encarregado pela sociedade de zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente.

Dessa forma, o controle estatal passa a ter como obrigação garantir plenos direitos às crianças e aos adolescentes. A medida socioeducativa de privação de liberdade deve justificar-se por extrema necessidade, garantir a proteção integral dos internos e ter por objetivo a reinserção social e a possibilidade de reflexão acerca da infração cometida. Para tal é preciso que os adolescentes estejam em ambiente que forneça novos referenciais para sua conduta. No entanto, muitos deles convivem com o descumprimento dessas determinações (Silva & Guerresi, 2003).

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), IBGE de 1992 e 2001. Segundo dados relativos a 2001, os adolescentes, brasileiros entre 12 e 18 anos, representam aproximadamente 15 % da população brasileira, com certa igualdade na proporção de gênero. No entanto, quanto ao analfabetismo 2,9% dos adolescentes são meninas analfabetas, enquanto os meninos analfabetos representam 3,9% dos adolescentes. Dados relativos à escola e ao trabalho indicam que a maior parte dos adolescentes, 66%, só estuda; 17,5% estuda e trabalha; 7,5% só trabalha e 9% não estuda nem trabalha. Dos adolescentes que não estudam nem trabalham 60% são mulheres. Segundo Silva e Guerresi (2003) esse é o reflexo da ocupação feminina nos afazeres domésticos e nos cuidados com as crianças da família, atividades sem remuneração.

Entre os meses de setembro e outubro de 2002, o número de adolescentes privados de liberdade em todo o país era de 9.555 mil, distribuídos em 190 instituições<sup>7</sup>. Comparando esse número com o total de adolescente tem-se que para cada 10 mil existem 3 privados de liberdade no Brasil. Essa proporção varia de acordo com a região do país. No Distrito Federal, existem 6 adolescentes privados de liberdade para cada 10 mil, o que representa o total de 247 adolescentes em instituições socioeducativas de privação de liberdade. O Distrito Federal tem a média duas vezes maior que nacional. Silva e Guerresi (2003) esclarecem que esse fato é reflexo da postura de aplicação de medidas de privação de liberdade duradouras, visto que os delitos mais graves (latrocínio, tráfico de drogas, lesão corporal, homicídio e estupro) não alcançam 30% dos casos. Dessa forma, não se justifica o fato de 78% dos internos terem idade cronológica acima de 18 anos.

**Tabela 1.** Atos infracionais no DF.

	<b>Roubo</b>	<b>Homicídio</b>	<b>Latrocínio</b>	<b>Furto</b>	<b>Tráfico de drogas</b>	<b>Estupro</b>	<b>Lesão corporal</b>	<b>Sem informação</b>	<b>Outros</b>	<b>Total de delitos</b>
Distrito Federal	73	34	19	16	10	7	1	3	87	250

Fonte: IPEA/MJ-DCA. Mapeamento Nacional das Unidades de Execução de Medida de privação de liberdade (setembro – outubro 2002).

As medidas de responsabilização pelo ato infracional previstas no ECA Art. 112 são:

- I. Advertência;
- II. Obrigação de reparar o dano;
- III. Prestação de serviços à comunidade;
- IV. Liberdade assistida;
- V. Inserção em regime de semi-liberdade;

<sup>7</sup> Fonte: IPEA/MJ-DCA. Mapeamento Nacional das Unidades de Execução de Medida de privação de liberdade (setembro – outubro 2002).

- VI. Internação em estabelecimento educacional.
- VII. Qualquer uma das previstas na art. 101, I a IV.

Art. 101

- I. Encaminhamento aos pais ou responsável, mediante termo de responsabilidade;
- II. Orientação, apoio e acompanhamento temporários;
- III. Matrícula e frequência obrigatórias em estabelecimento oficial de ensino fundamental ;
- IV. Inclusão em programa comunitário ou oficial, de auxílio à família, à criança e ao adolescente.

De acordo com ECA art. 122 a medida de interação só deve ser aplicada para infrações cometidas mediante grave ameaça ou violência contra pessoa, por reiteração no cometimento de outras infrações graves ou por descumprimento reiterado e injustificável da medida anteriormente imposta. A medida de internação deve ser reavaliada, no máximo, a cada 6 meses ECA art 121 § 2º. No entanto, Silva e Guerresi (2003) esclarecem que o número de adolescentes em cumprimento de medida de semi-liberdade não chega a representar 10% dos que estão em medida de privação de liberdade. Essa proporção indica que as medidas de meio aberto são pouco utilizadas.

Quanto à faixa etária dos adolescentes privados de liberdade no Brasil os dados do IPEA , considerando os dados de adolescentes entre 12 e 18 anos, mostram que 81% estão na faixa entre os 16 e 18 anos, enquanto 19% estão abaixo dos 16 anos. Quanto ao gênero, 90% são do sexo masculino. Silva e Guerresi (2003) esclarecem que o reduzido número de meninas faz com que as instituições de internação a elas destinadas estejam subocupadas, sendo

possíveis acomodações mais adequadas. No entanto, a população feminina, tem a ela destinada atendimento com aspecto qualitativo prejudicado.

Quanto à escolaridade e ao trabalho, 51% dos adolescentes não estavam estudando quando cometeram o delito e 49% não estavam trabalhando. Quanto ao grau de instrução 89,9 % dos adolescentes internos não concluíram o ensino fundamental, ainda que a idade (16 a 18 anos) correspondesse ao ensino médio.

Com relação à família, 81% dos adolescentes internados moravam com a família na época em que cometeram a infração e 66% viviam em famílias com renda mensal de até dois salários mínimos vigentes em setembro e outubro de 2002. Esse dado rompe com a crença de que adolescentes infratores são, na maioria, “meninos de rua”, abandonados pelas famílias. Silva e Guerresi (2003) afirmam que a qualidade dos vínculos familiares é mais relevante como fator de ingresso no mundo infracional que a simples convivência familiar.

A pesquisa do IPEA também investigou o uso de drogas por adolescentes em medidas de internação. Esses dados revelaram que 85,6% dos adolescentes privados de liberdade no Brasil eram usuários de drogas antes da internação. As drogas mais citadas foram: maconha (67,1%), álcool (32,4%), cocaína/crack (31,3%) e os inalantes (22,6 %). O expressivo número de adolescentes usuários de drogas em medidas socioeducativas reflete a necessidade tanto no ambiente socioeducativo, como na comunidade de programas especializados e profissionais atentos para a questão do uso de drogas. Nota-se que a pesquisa em questão não faz referência ao consumo de tabaco. O tabaco é droga lícita de consumo disseminado e caso tivesse sido levada em consideração teria aumentado os índices acima apresentados.



## **2. CAMINHOS METODOLÓGICOS E DISCUSSÃO DAS ETAPAS DE PESQUISA**

### **2.1 Revisão de literatura**

O levantamento de literatura dos fatores de risco e de proteção em adolescentes foi o primeiro passo dessa pesquisa. Para chegar ao desenho do levantamento dos fatores de risco e de proteção foi feito um estudo do uso de drogas na adolescência sob a perspectiva sistêmica e da complexidade, ancorado nas idéias de Morin (1990), Sluzki (1997), Selossi (1997).

Na direção dada por Morin (1990) em que a compreensão do objeto deve ser feita dentro de sua completude e na sua própria lógica de funcionamento, abriu a possibilidade de buscar instrumentos que evidenciam fatores de risco e de proteção, sem perder a perspectiva do adolescente em seu universo complexo de relações, bem como evidenciar sua lógica de funcionamento.

Os conceitos de círculo vicioso e círculo virtuoso de Sluzki (1997) instigaram a busca de fatores que pudessem ser categorizados dentro desta dinâmica sistêmica. Esses fatores foram denominados de fatores de risco e de proteção. Os fatores de risco são aqueles que afetam a rede de tal forma que ela entra na dinâmica de influências que caracteriza o círculo vicioso. Fatores de proteção, por outro lado, afeta a rede de maneira que ela entra na dinâmica do círculo virtuoso.

De acordo com Selosse (1997) adolecer é processo marcado por condutas de exploração e de testes, por meio dos quais o adolescente resignificará seus campos relacionais de pertencimento e formará novos campos. Esse processo permite ao adolescente diferenciar-se em um espaço de criatividade por ser de exploração e, assim, aproximar o adolescente da margem que separa condutas socialmente aceitas, do desvio e da transgressão.

A busca do entendimento do que é adolescência e a relação com uso de drogas encontrou aporte em Selosse (1997) e Sluzki (1997). O primeiro define que adolecer é

processo marcado por atos de exploração e de testes, por meio dos quais o adolescente resignificará seus campos relacionais de pertencimento e formará novos campos. Esse processo de exploração permite ao adolescente diferenciar-se de forma criativa, assim, aproxima o adolescente da margem que separa condutas socialmente aceitas, do desvio e da transgressão.

Sluzki (1997) ao discutir rede social como o conjunto de relações que o indivíduo percebe como significativas e o diferencia dos demais indivíduos da sociedade, aponta para a construção de uma rede. Essa propicia o autoreconhecimento e a autoimagem do indivíduo sendo, portanto, chave central da experiência individual de identidade.

A luz desta conceituação do processo de adolecer e de rede social foi feita uma revisão bibliográfica a cerca de instrumentos de avaliação dos fatores de risco e de proteção e estudo documental dos relatórios do projeto Fênix para subsidiar a construção de uma proposta de avaliação que pudesse evidenciar estes fatores no cotidiano das medidas socioeducativas.

A construção da primeira proposta de avaliação dos fatores de risco e de proteção relativos ao envolvimento de adolescentes com o uso drogas, no contexto de medidas socioeducativas, fruto dessa pesquisa, foi baseada em dois pilares: no conjunto de propostas de instrumentos revisado da literatura; e na análise e a sistematização de dados por meio de um estudo documental dos relatórios técnicos do projeto FÊNIX para levantamento de fatores de risco e de proteção de adolescentes em medidas socioeducativas, identificados como usuários de drogas atendidos pelo PRODEQUI e pela UnB em 2002 e 2003.

O conjunto revisado de propostas de instrumentos foi composto pela forma de avaliação de redes sociais proposto por Sluzki (1997), pelo instrumento elaborado por Santos (2006) a respeito de redes sociais e fatores de risco e de proteção para envolvimento com drogas na adolescência, no contexto da escola e pela proposta de avaliação de Pereira (2009)

a cerca de redes sociais de adolescentes em contexto de vulnerabilidade social e sua relação com os riscos de envolvimento com o tráfico de drogas.

A partir desses dois pilares foi elaborada a primeira proposta da avaliação dos fatores de risco e de proteção relativos ao envolvimento de adolescentes com o uso drogas, no contexto de medidas socioeducativas, que se estruturou no formato de uma entrevista estruturada. Foi, então, realizado procedimento de adequação de linguagem de parte entrevista estruturada junto a profissionais do sistema socioeducativo, que resultou numa segunda versão da entrevista. Elaborada esta versão, foi realizada a aplicação piloto junto a profissionais e adolescentes do sistema socioeducativo, que resultou na proposta final da entrevista estruturada, produto desta pesquisa.

## **2.2 Apresentação do estudo documental dos relatórios técnicos do Projeto Fênix**

Para a construção da primeira versão da entrevista foi feita a análise e sistematização dos dados de 53 relatórios de atendimento de adolescentes em conflito com a lei que participaram do projeto FENIX. Esses relatórios tinham como um dos focos destacar fatores de risco e proteção que poderiam colocar ou proteger os adolescentes de situações de vulnerabilidade. Esta etapa apontou vários pontos de reflexão e forneceu subsídios empíricos para essa pesquisa.

Os relatórios analisados correspondiam a um grupo de adolescentes composto por 6 meninas e 47 meninos, com idades que variavam de 14 a 18 anos, que participaram do Projeto FÊNIX, entre outubro de 2002 e junho de 2003.

Para formular a categorização foram extraídas informações contidas nos relatórios e que já estavam definidas como fatores de risco ou de proteção (anexo 5), casando-as com o conceito de rede social, com os grupos relacionais propostos por Sluzki (1997) e com as dimensões de dependência propostos por Colle (1996/2001), Pereira e Sudbrack (2008).

A luz das propostas de Sluzki (1997), Colle (1996/2001), Pereira e Sudbrack (2008) os fatores de risco e de proteção foram agrupados nas categorias abaixo relacionadas:

- Família – Risco / Família – Proteção;
- Escola – Risco / Escola – Proteção;
- Comunidade – Risco / Comunidade – Proteção;
- Pares – Risco / Pares – Proteção;
- Relação do uso de drogas e práticas de delito – Risco / Relação do uso de drogas e práticas de delito – Proteção;
- Dependência dos efeitos – Risco / Dependência dos efeitos – Proteção;
- Dependência relacional afetiva – Risco / Dependência relacional afetiva – Proteção;
- Dependência do fornecedor – Risco / Dependência do fornecedor – Proteção;
- Dependência do Provedor – Risco / Dependência do provedor – Proteção;
- Dependência dos Pares – Risco / Dependência dos Pares – Proteção;
- Dependência das crenças – Risco / Dependência das crenças – Proteção.

Os resultados dessa categorização em conjunto com a revisão da literatura a respeito do risco e da proteção ao adolescente quanto ao uso de drogas possibilitaram a elaboração da primeira versão da entrevista estruturada (anexo 1).

### **2.2.1 Apresentação dos resultados do estudo documental dos relatórios técnicos do Projeto Fênix**

Os resultados do estudo documental dos relatórios técnicos do projeto FÊNIX estão apresentados na íntegra no anexo 2. Abaixo estão apresentados os resultados que forneceram subsídios para essa pesquisa.

As categorias de sistematização dos dados, que foram apresentadas no item acima, são categorias que englobam todos os campos relacionais da vida do adolescente e buscam

identificar nos campos relacionais aspectos que estão funcionando como fatores de risco e aspectos que estão funcionando como fatores de proteção. Cada dimensão dessa categorização será explorada a seguir.

Na dimensão Família Risco alguns dados se apresentaram com relevância: 75% dos 53 relatórios apresentaram alguma forma de *dificuldade relacional do adolescente com a família*; 32% apresentaram *envolvimento de membros da família com uso de drogas*; 19% dos relatórios apontaram *problemas financeiros*; 15% apontaram alguma *doença na família* e 13% foram outros fatores. Nesses dados cada adolescente que apresentou relações de risco na família foi computado apenas uma vez. No entanto, um mesmo adolescente poderia apresentar diferentes formas de dificuldades.

**Tabela 2.** Número de relatórios do projeto Fênix que apresentaram situações de risco no contexto familiar, entre outubro de 2002 e junho de 2003

<b>Contexto Familiar</b>		
<b>Situações de Risco</b>	<b>Número de relatórios</b>	<b>Percentual</b>
Aspectos não saudáveis das relações familiares	40	75%
Envolvimento de membros da família com uso de drogas	17	32%
Problemas financeiros	10	19%
Doença na Família	8	15%
Outros	7	13%
<b>Total de relatórios</b>	<b>53</b>	<b>100%</b>

Na categoria *aspectos não saudáveis das relações familiares* 40 relatórios, ou seja, 75% dos relatórios apontam alguma forma de dificuldade. No entanto, soma-se 81 respostas nesse sentido. Dessas respostas destacam-se: 17% das respostas de dificuldade relacional com a família representam a *ausência de um dos pais*, 12% indicam *dificuldades da família de*

*impor autoridades e limites, 10% apontam um isolamento do adolescente em relação ao convívio familiar.*

**Tabela 3.** Número de respostas nos relatórios do projeto Fênix que apresentaram situações de risco de *aspectos não saudáveis das relações familiares*, entre outubro de 2002 e junho de 2003

<b>Contexto Familiar de Risco</b>		
<b>Aspectos não saudáveis das relações familiares</b>	<b>Número de respostas</b>	<b>Percentual</b>
Ausência de um dos pais	14	17%
Dificuldades de impor autoridade e limites	10	12%
Dificuldade de relacionamento familiar de forma geral	9	11%
Isolamento em relação ao convívio familiar	8	10%
Elevado conflito com algum membro familiar	5	6%
Regras rígidas	4	5%
Falta de dialogo	4	5%
Historia familiar conflituosa e agressiva	4	5%
Distanciamento afetivo	3	4%
Inversão de papeis familiares	2	2%
Separação dos pais vista como fonte de problemas	2	2%
Saiu da casa da família de origem	2	2%
Sente-se ameaçado por algum membro familiar	1	1%
Faz coisas ilegais na companhia do irmão	1	1%
Se sente cobrado por alguém da família	1	1%
Papeis familiares rígidos	1	1%
Fragilidade da mãe	1	1%
Exercício de papeis estereotipados	1	1%
Regras ambíguas	1	1%
Mãe dominadora/ impositora	1	1%
Relação simbiótica mãe e filho	1	1%
Família pensa em desistir do adolescente	1	1%
Pais moradores de rua	1	1%
Avos idosos e desgastados	1	1%
Precocidade na percepção do filho com adulto	1	1%
Auto-estima afetada pela relação com algum membro familiar	1	1%
<b>Total de respostas de Aspectos não saudáveis nas relações familiares</b>	<b>81</b>	<b>100%</b>

Os dados relativos ao uso de drogas por membros da família correspondem a 24 respostas. Ressalta-se que em 46% das respostas foram atribuídas ao *alcoolismo de pelo menos um dos pais*; 25% a existência de *membros da família que fazem uso de álcool ou de drogas*; 17% a *um dos pais que é ou foi usuário de drogas*, e em 13% o *adolescente faz uso de álcool ou de drogas com algum membro da família*.

**Tabela 4.** Número de respostas nos relatórios do projeto Fênix que apresentaram situações de risco de *envolvimento de membros da família com uso de drogas*, entre outubro de 2002 e junho de 2003

<b>Contexto Familiar Risco</b>		
<b>Envolvimento de membros da família com uso de drogas</b>	<b>Número de respostas</b>	<b>Percentual</b>
Alcoolismo de um dos pais (atual ou passado)	11	46%
Existem membros da família que fazem uso de álcool ou drogas	6	25%
Um dos pais e ou foi usuário de drogas	4	17%
Faz uso de álcool ou drogas com algum membro da família	3	13%
<b>Total de respostas de envolvimento de membros familiares com drogas</b>	<b>24</b>	<b>100%</b>

Na dimensão Família Proteção os dados mais relevantes são os dados relativos a aspectos positivos do relacionamento do adolescente com a família. Em 91% dos relatórios foram apontados algum *aspecto saudável no relacionamento familiar*. Foram computadas 71 respostas nesse sentido, sendo que 59% das respostas registraram o *apoio e a proteção de alguns membros da família para com o adolescente*; 13% *apresentou uma relação afetiva do adolescente com algum membro familiar*; 11% *apontou a manutenção e o respeito aos vínculos familiares*.

**Tabela 5.** Número de relatórios do projeto Fênix que apresentaram situações de proteção no contexto familiar entre outubro de 2002 e junho de 2003

<b>Contexto Familiar</b>		
<b>Situações Proteção</b>	<b>Número de Relatórios</b>	<b>Percentual</b>
Aspectos saudáveis das relações familiares	48	91%
Potencialidades	5	9%
Boa Condição Financeira	3	6%
<b>Total de relatórios</b>	<b>53</b>	<b>100%</b>

**Tabela 6.** Número de respostas nos relatórios do projeto Fênix que apresentaram situações de proteção de aspectos saudáveis das relações familiares, entre outubro de 2002 e junho de 2003

<b>Contexto familiar de Proteção</b>		
<b>Aspectos saudáveis das relações familiares</b>	<b>Número de respostas</b>	<b>Percentual</b>
Apoio e proteção de alguns membros da família	42	59%
Relação afetiva com algum membro da família	9	13%
Manutenção e respeito dos vínculos familiares	8	11%
Atitudes protetivas para com algum membro da família	2	3%
Tem respeito por algum membro da família	2	3%
Tem atividade de lazer com membros da família	2	3%
Dialogo familiar	2	3%
União das mulheres da família	1	1%
Valoriza e reconhece autoridade	1	1%
Vê nos pais um ponto de apoio	1	1%
Vê na mãe um ponto de apoio	1	1%
<b>Total de respostas de aspectos saudáveis das relações familiares</b>	<b>71</b>	<b>100%</b>



Na dimensão Escola, Trabalho, aspectos de risco, dois pontos se destacaram: 64% dos adolescentes apresentaram *déficit entre a idade e o ano escolar* e 21% dos adolescentes *não estavam estudando* no momento da coleta de dados do projeto Fênix. Quanto aos aspectos protetivos da escola – trabalho, 28% dos participantes apontaram *motivação do adolescente em relação aos estudos ou ao trabalho* e 34%<sup>8</sup> dos *adolescentes estavam estudando no momento*.

**Tabela 7.** Número de relatórios do projeto Fênix que apresentaram situações de risco no contexto da escola/trabalho, entre outubro de 2002 e junho de 2003

<b>Contexto da Escola/ Trabalho</b>		
<b>Situações de Risco</b>	<b>Número de relatórios</b>	<b>Percentual</b>
Déficit entre a idade e o ano escolar	34	64%
Não esta estudando	11	21%
Falta de crença/motivação com escola e estudo	5	9%
Escola é vista como ambiente de risco	4	8%
Professores rígidos	1	2%
Teve dificuldades escolares com a separação dos pais	1	2%
<b>Total de relatórios</b>	<b>53</b>	<b>100%</b>

**Tabela 8.** Número de relatórios do projeto Fênix que apresentaram situações de proteção no contexto da escola/trabalho, entre outubro de 2002 e junho de 2003

<b>Contexto da Escola / Trabalho</b>		
<b>Situações de Proteção</b>	<b>Número de relatórios</b>	<b>Percentual</b>
Esta estudando	18	34%
Motivação para estudo e/ou trabalho	15	28%
Vê no trabalho perspectiva de futuro	3	6%
Vê a escola como forma de conseguir emprego	2	4%
Tem possibilidade de trabalho	2	4%

<sup>8</sup> Em 45% dos relatórios não havia informação quanto a matrícula do adolescente em instituição de ensino.

Escola se preocupa e quer ajudar	1	2%
Facilidade de engajar-se nos estudos	1	2%
<b>Total de relatórios</b>	<b>53</b>	<b>100%</b>

Dos dados relativos à comunidade os mais relevantes foram os relativos aos riscos: 8% dos relatórios apontaram o *local de moradia dos adolescentes exposto a riscos* e 8% apresentaram *sentimentos de ameaça* do adolescente com relação à comunidade.

**Tabela 9.** Número de relatórios do projeto Fênix que apresentaram situações de risco no contexto da comunidade, entre outubro de 2002 e junho de 2003

<b>Contexto da Comunidade</b>		
<b>Situações de Risco</b>	<b>Número de relatórios</b>	<b>Percentual</b>
Local de residência exposto a riscos	4	8%
Esta sendo ameaçado na comunidade	4	8%
Não gosta da vizinhança	2	4%
Facilidade de adquirir drogas	2	4%
Deixou de fazer atividades que antes fazia	1	2%
Sente-se discriminado na comunidade	1	2%
<b>Total de relatórios</b>	<b>53</b>	<b>100%</b>

Em contraponto, dos dados relativos ao pares a relevância se deu no campo da proteção: 40% dos relatórios apontaram que o adolescente tem alguma *atividade de lazer com os amigos*.

**Tabela 10.** Número de relatórios do projeto Fênix que apresentaram situações de proteção no contexto dos pares, entre outubro de 2002 e junho de 2003

<b>Contextos dos Pares</b>		
<b>Situações de Proteção</b>	<b>Números de relatórios</b>	<b>Percentual</b>
Tem atividades de lazer com os amigos	21	40%
Influenciam adequada dos pares ou namorado (a)	2	4%

Afastou-se dos amigos que usam drogas ou são delinquentes	1	2%
Amigos não usam drogas	1	2%
Confiança nos amigos	1	2%
<b>Total de relatórios</b>	<b>53</b>	<b>100%</b>

Na dimensão das Motivações Internas, nos contextos relativos aos riscos 28% dos relatórios apresentou algum *embotamento afetivo* do adolescente; 11% dos adolescentes se *sentiam ameaçados*. No campo da proteção, 32% apontaram para alguma *perspectiva ou plano do adolescente para o futuro* e 11% apresentou *desejo de mudança pessoal*.

**Tabela 11.** Número de relatórios do projeto Fênix que apresentaram situações de risco na dimensão das motivações internas do adolescente, entre outubro de 2002 e junho de 2003

<b>Motivações internas</b>		
<b>Situações de Risco</b>	<b>Número de relatórios</b>	<b>Percentual</b>
Embotamento afetivo	15	28%
Sente-se ameaçado	6	11%
Comprometimento da saúde	5	9%
Agressividade	2	4%
Sofreu maus tratos	2	4%
Dificuldades em aceitar regras e limites	1	2%
Apresenta danos físicos pelo uso de drogas	1	2%
Certeza da impunidade	1	2%
Gosta da liberdade da rua	1	2%
Ex morador de rua	1	2%
Preocupação exagerada com o corpo	1	2%
Sintomas psicóticos	1	2%
Busca o lado prazeroso da vida sem responsabilidades	1	2%
<b>Total de relatórios</b>	<b>53</b>	<b>100%</b>

**Tabela 12.** Número de relatórios do projeto Fênix que apresentaram situações de proteção na dimensão das motivações internas do adolescente, entre outubro de 2002 e junho de 2003

<b>Motivações internas</b>		
<b>Situações de Proteção</b>	<b>Número de relatórios</b>	<b>Percentual</b>
Perspectiva/ planos de futuro	17	32%
Desejo de mudança pessoal	6	11%
Pessoa comunicativa	5	9%
Gosta de esportes	4	8%
Possui recursos pessoais abundantes	3	6%
Consciência da própria capacidade e responsabilidade	3	6%
Possui <i>hobbies</i>	1	2%
<b>Total de relatórios</b>	<b>53</b>	<b>100%</b>

Os 15 (28%) participantes que apresentaram alguma forma de *embotamento afetivo* o fizeram na forma de 22 respostas. Das 22 respostas de embotamento afetivo 23% foram de *depressão* do adolescente e 14% foram na forma de *falta de perspectiva quanto ao presente e ao futuro*.

**Tabela 13.** Número de respostas nos relatórios do projeto Fênix que apresentaram situações de risco de embotamento afetivo na dimensão das motivações internas do adolescente, entre outubro de 2002 e junho de 2003

<b>Contextos de risco das motivações internas</b>		
<b>Embotamento afetivo</b>	<b>Número de respostas</b>	<b>Percentual</b>
Depressão	5	23%
Falta de perspectiva quanto ao presente/futuro	3	14%
Dificuldade de expressão	2	9%
Recursos pessoais escassos	2	9%
Solidão	2	9%
Comportamento arreadio	2	9%
Desinteresse Geral	1	5%
Frustração na busca de autonomia e independência	1	5%
Sente ser fonte de problemas para a mãe	1	5%
Desmotivação	1	5%
Insegurança	1	5%

Ideação suicida	1	5%
<b>Total de respostas de embotamento Afetivo</b>	<b>22</b>	<b>100%</b>

A dependência de contextos não era foco de investigação dos técnicos do Projeto Fênix e por isso havia poucos dados nesse sentido que pudessem ser extraídos dos relatórios. No entanto, pode-se destacar alguns dados. Na dimensão das dependências de contextos – risco, se destacaram, na relação entre o uso de drogas e a prática de atos infracionais que 11% dos adolescentes vendem ou já venderam drogas e que 32% já praticou atos infracionais.

**Tabela 14.** Número de relatórios do projeto Fênix que apresentaram situações de risco na relação entre uso de drogas e prática de delitos, entre outubro de 2002 e junho de 2003

<b>Relação do uso de drogas e pratica de atos infracionais</b>		
<b>Situações de Risco</b>	<b>Números de relatórios</b>	<b>Percentual</b>
Pratica ou praticou delitos	17	32%
Adolescente vende ou vendeu drogas	6	11%
<b>Total de relatórios</b>	<b>53</b>	<b>100%</b>

Com relação às crenças, 9% dos relatórios indicaram que o adolescente tem crenças positivas com relação ao uso de drogas. Na dimensão dependências de contexto – proteção destaca-se que 9% dos adolescentes não faziam mais uso de drogas.

Do estudo documental de 53 relatórios do projeto Fênix foram extraídas 507 informações, estas foram categorizadas conforme foi apresentado nas tabelas acima. Ainda de acordo com essa categorização pode-se perceber que desse universo de 507 informações computadas, 60% se concentraram no campo do risco e 40% no campo da proteção.

Na dimensão Família Risco se concentraram 26%; 16% na Família Proteção, 11% na Escola Risco, 8% na Escola Proteção, 3% na Comunidade Risco, 0% na Comunidade

Proteção, 1% nos Pares Risco, 5% nos Pares Proteção, 9% nas Motivações Internas Risco, 8% nas Motivações Internas Proteção.

**Tabela 15.** Número de respostas nos relatórios do projeto Fênix que apresentaram situações de risco versus número de respostas que apresentaram situações de proteção, entre outubro de 2002 e junho de 2003

<b>Risco</b>		<b>Proteção</b>	
	<b>Porcentagem</b>		<b>Porcentagem</b>
<b>Família</b>	26%	Família	16%
<b>Escola</b>	11%	Escola	8%
<b>Comunidade</b>	3%	Comunidade	0%
<b>Pares</b>	1%	Pares	5%
<b>Mot. Internas</b>	9%	Mot. Internas	8%
<b>Outros</b>	10%	Outros	3%
<b>Total</b>	<b>60%</b>	<b>Total</b>	<b>40%</b>
<b>Número De informações</b>			<b>507</b>

A forma com que esses dados auxiliaram a construção da primeira versão da entrevista será apresentada a seguir, no item Entrevista estruturada: processo de construção da primeira versão.

### **2.3 Entrevista Estruturada: processo de construção da primeira versão**

Nesse momento será apresentado o processo de construção da primeira versão da entrevista estruturada, a entrevista na íntegra está apresentada no anexo 1. A construção baseou-se na revisão de literatura pautada nos fatores de risco e de proteção referente ao uso de drogas na adolescência e nos resultados da análise de dados dos relatórios do projeto FÊNIX. Da revisão de literatura destacam-se a teoria sistêmica e de redes sociais e os modelos de prevenção ao uso indevido de drogas por adolescentes.

Contrim (1999) apresenta alguns modelos de prevenção ao uso indevido de drogas:

- Modelo do conhecimento científico: levar informações científicas a respeito de drogas na intenção de abrir espaço para diálogo aberto, em que poderá se desmistificar tabus, informações incorretas, tirar dúvidas e esclarecer os riscos do uso.
- Oferecimento de alternativas: entende-se que o uso de drogas tem função na psicodinâmica do indivíduo, portanto é preciso compreender esse processo para que haja progressiva substituição do uso de drogas por ações e relações saudáveis que ocupem as funções antes exercidas pela droga.
- Modelo da educação afetiva: busca-se mudança de atitude, conscientização por meio de um espaço de reflexão em que o indivíduo poderá expressar-se e confrontar idéias.
- Modelo da pressão de grupo positiva: entende-se que o grupo de pares tem forte influência no processo de construção da identidade, pois molda comportamentos e introduz crenças e valores. Essa pressão pode ir de encontro ou ao encontro das construções familiares e sociais. Nesse modelo, entende-se a importância do incentivo ao convívio com grupo de pares que apresentam valores, crenças e comportamentos positivos e saudáveis. Dessa forma, a pressão do grupo convergirá para atitudes compatíveis com o contexto familiar e social.

A proposta metodológica da entrevista estruturada segue a abordagem comunitária e a prática de redes sociais sugerida por Sudbrack (1996) que procura caminhar pelos quatro modelos e superar o paradigma dicotômico prevenção/tratamento em proposta de educação para a saúde integral de adolescentes. Sudbrack (1996) entende que a prática de redes sociais é uma proposta metodológica que ultrapassa a prevenção do uso indevido de drogas e oferece subsídios para a construção de proposta de promoção da saúde e da melhoria da qualidade de vida.

A prática de rede sociais entende que cada indivíduo está imerso em um processo de construção e de desconstrução de vínculos, os quais formam o movimento relacional que compõe a rede social de cada um. Compreender o funcionamento da rede é um passo importante para entender os contextos de risco e de proteção que envolvem o adolescente em situações de uso de drogas e de conflito com a lei.

Sluzki (1997) propõe uma forma de avaliação da rede social pessoal em que o indivíduo representa graficamente a própria rede. Essa proposta de representação gráfica foi denominada de *mapa mínimo*.

Santos (2006) baseia-se nessa proposta de Sluzki (1997) e na proposta de Sudbrack (1996, 2006) e elabora um instrumento de avaliação da situação pessoal de risco e de proteção para o envolvimento de adolescentes, com drogas, no contexto da escola, em que o mapa *mínimo* de Sluzki (1997) é utilizado como forma de o adolescente representar graficamente a própria rede social. Em seguida, as funções da rede são exploradas (Sluzki, 1997) e por fim o adolescente deve responder *Sim* ou *Não* à série de assertivas, dizendo se elas fazem ou não sentido na vida deles. Os adolescentes, alvos desse instrumento são os que se encontram no contexto da escola. Esse formato de apresentação do instrumento de Santos (2006) foi base para a construção da entrevista estruturada para avaliação dos fatores de risco e de proteção relativos ao envolvimento de adolescentes com o uso drogas, no contexto de medidas socioeducativas, fruto desse estudo.

Apenas o formato da exploração das funções da rede foi alterado, na presente pesquisa, pelo apresentado por Pereira (2009). A autora apresenta uma forma inovadora de exploração das funções da rede social e construiu um mapa em que as pessoas da rede e suas funções são representadas graficamente pelo adolescente.



O *mapa mínimo* foi adotado na entrevista estruturada, produto dessa pesquisa, como a primeira de três etapas. Sendo assim, a entrevista estruturada é composta de três partes:

Parte I: construção do *mapa mínimo* e exploração das características estruturais do mapa.

Parte II: construção do mapa das funções da rede e exploração das funções dos vínculos.

Parte III: exploração dos fatores de risco e de proteção no formato de questões sobre situações do dia a dia.

#### Entrevista estruturada - Parte I

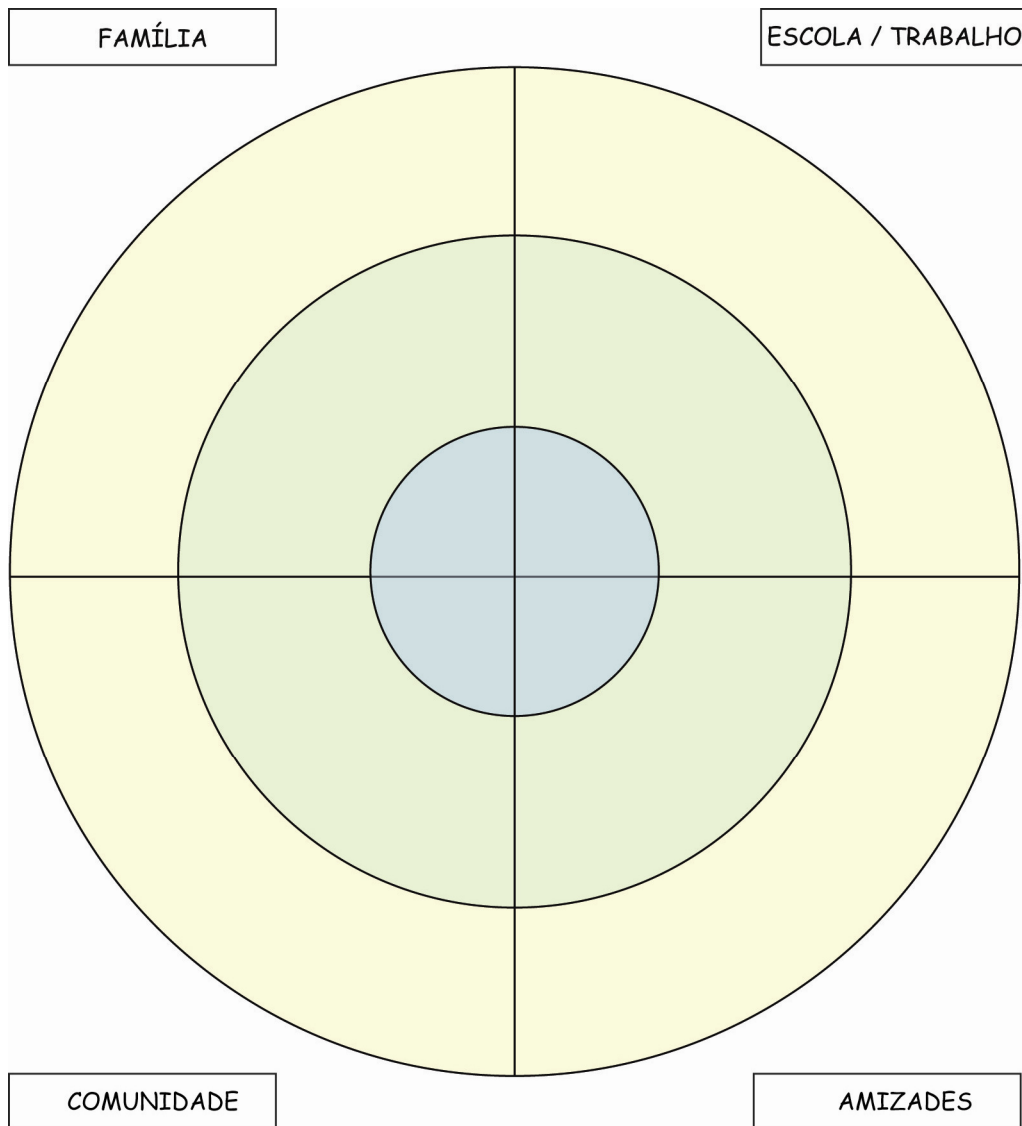
O mapa é constituído de três círculos concêntricos divididos em quatro quadrantes:

- Família;
- Amizades;
- Trabalho ou escola;
- Comunidade.

O círculo mais interno é o espaço onde deverão ser representadas as relações mais íntimas.

No círculo intermediário deverão ser representadas as relações com menor grau de compromisso.

No círculo externo serão representadas as relações ocasionais.



**Figura 1.** Mapa Mínimo

O *mapa mínimo* é uma representação gráfica estática do momento que o indivíduo usou de referência para sua construção. É a representação estática da realidade dinâmica, em constante movimento e fluidez. No entanto, Sluzki (1997) esclarece que o mapa pode ser complementado com informações adicionais capazes de ultrapassar esses limites. Como por exemplo, pode ser interessante investigar se as relações estão em movimento de aumento da intimidade, de redução da intimidade ou se o indivíduo não percebe nenhum tipo de

movimento. Esse tipo de informação pode acrescentar um pouco de fluência e de dinamismo ao mapa.

O mapa pode ser explorado no nível de suas características estruturais que são definidas por Sluzki (1997) pelo tamanho, densidade, composição, dispersão, homogeneidade, heterogeneidade e tipo de funções da rede, como descritas a seguir.

O tamanho é o número de pessoas representadas no mapa. As redes de tamanho intermediário têm mais chances de realmente serem efetivas que redes cujo tamanho tende para algum extremo.

A densidade é a representação dos vínculos entre os membros da rede, sendo esses vínculos independentes do informante. Assim como o tamanho, a densidade com mais chances de efetividade é a densidade intermediária.

A composição ou distribuição é a proporção do total de membros distribuídos em cada quadrante e em cada círculo. A rede, na qual os membros são bem distribuídos tanto nos quadrantes quanto nos círculos é uma rede com boas perspectivas. No entanto, Sluzki (1997) ressalta que a composição é quesito que pode trazer informações mais ricas quando cruzado com o quesito homogeneidade ou heterogeneidade e redes com a composição bem distribuída podem perder a eficiência se for muito homogênea, pois se tornam menos capazes de reação.

A dispersão refere-se à distância geográfica entre os membros e indica o grau de acessibilidade da relação.

A homogeneidade ou heterogeneidade da rede são referentes a dados sócio-culturais, tais como idade, sexo, cultura e nível socioeconômico. Esses dados podem deflagrar a existência de subgrupos dentro da rede.

Essas características estruturais são ícones que permitem uma leitura sistêmica do conjunto de informações contidas no mapa, com vistas ao desenho da rede relacional do indivíduo.

O *mapa mínimo* proposto por Sluzki (1997) é apresentado na entrevista estruturada seguindo as seguintes instruções:

### Parte I - Mapeando minha rede social e refletindo a respeito de algumas situações da minha vida...

Vamos começar preenchendo um "mapa da sua rede social".

- Nesse mapa, cada pessoa será representada da seguinte forma: por um círculo, se for do sexo feminino, e por um quadrado, se for do sexo masculino. Não é preciso colocar nomes.
- Para colocar as pessoas no mapa existem algumas regras que você deverá seguir:
  - I. Você está localizado no centro do desenho.
  - II. No círculo mais interno (**azul**) represente as pessoas mais íntimas, de sua maior confiança.
  - III. No círculo do meio (**verde**) represente as pessoas importantes para você, mas que não estão tão próximas.
  - IV. No círculo externo (**amarelo**) coloque as pessoas que você considera que fazem parte das suas relações, mas que não são tão importantes ou que estão mais distantes de você neste momento de sua vida.
  - V. Observe que os círculos são divididos em **quatro partes**, cada uma correspondendo a uma área da sua vida: **a família, a comunidade, a escola, as amizades/namoro.**
  - VI.

Posteriormente o adolescente deverá dar continuidade ao preenchimento do mapa seguindo quatro orientações:

1. **Agora me diga: das pessoas que você representou acima quais se relacionam entre si? Faça um traço ligando essas pessoas.**

Essa orientação permite uma avaliação da densidade da rede e é a representação das relações entre os membros dela.

2. **Das pessoas que representou acima existe uma ou mais que possa estar se afastando de você? Faça uma seta para o lado externo nessas pessoas.**
3. **Das pessoas que representou acima existe uma ou mais que possa estar se aproximando de você? Faça uma seta para o lado interno nessas pessoas.**

A segunda e a terceira orientações têm por objetivo dar fluidez ao mapa. Sluzki (1997) esclarece que o universo relacional é dinâmico, mas a representação gráfica é estática, é a fotografia de um movimento. Para ampliar o campo de percepção do mapa o autor propõe que se investigue se as relações estão em um movimento de aumento ou de redução da intimidade ou se não se percebe nenhum movimento.

4. **Agora, com um triângulo ( $\Delta$ ) represente no mapa o lugar onde existem drogas, incluindo o álcool.**

A quarta orientação tem por objetivo investigar em que campos relacionais existe consumo de drogas.

Essas orientações têm o objetivo de facilitar a identificação de algumas características estruturais e movimentos relacionais com vistas a colaborar para leitura sistêmica do conjunto de informações contidas no mapa.

Sluzki (1997) propõe outro nível de análise do mapa mínimo em que se investigam as funções das relações representadas no mapa. Neste trabalho foi adotado o mapa das funções da rede proposto por Pereira (2009) como estratégia identificação dessas funções.

#### Entrevista estruturada – Parte II

Os tipos de funções da rede são aquelas desempenhadas individualmente e pelo conjunto de vínculos. Esses vínculos podem exercer certas funções de forma predominante. Sluzki (1997) traz alguns exemplos de funções que podem aparecer em uma rede social:

companhia social (realização conjunta de atividades ou compartilhamento da rotina cotidiana); apoio emocional (relações em que se encontra ressonância emocional positiva); guia cognitivo e conselhos (compartilhamento de informações pessoais ou sociais, relações que proporcionam modelos de papéis); regulação social (relações que regulam responsabilidades e exercício de papéis); ajuda material e de serviços (relações de apoio especializado como, por exemplo, serviços de saúde); acesso a novos contatos (relações que permitem e estimulam a criação de novos vínculos relacionais).

O mapa das funções da rede incorpora, além das funções propostas por Sluzki (1997), outras funções que foram percebidas por Pereira (2009) como relevantes. São elas: identificação (relações de referência, de modelos a serem seguidos pelo adolescente); afeto/ amor (relações de atenção, apreço, carinho e cuidado); segurança e proteção (relações que representam apoio protetivo); amizade / confiança (vínculos de afeto e de confiança); perigo /risco (relações que se comprometem pela exposição a situações de risco); controle/ poder (vínculos marcados por uma assimetria na relação, por um contexto de dominação sobre o adolescente); medo/ ameaça (relações que provocam medo e insegurança no adolescente); aventura/ transgressão (relações que permeiam risco por meio de situações de aventura permeiam transgressões às normas vigentes); acesso às drogas (vínculos com pessoas envolvidas em contextos de consumo/ venda de drogas); competição/ gangue (relações marcadas por disputas, rixas em torno de contextos de violência);

Essas variáveis foram assim divididas para facilitar a compressão do fenômeno, mas o movimento relacional é fenômeno complexo no qual essas variáveis se entrecruzam de maneira única para cada indivíduo.

Cada indivíduo está imerso em uma rede de relações e de funções cuja complexidade não está pré-definida. O universo funcional dos vínculos é progressivamente delineado à medida que o mapa é construído. O estudo das funções da rede pode levantar questões

relevantes como concentração e ou ausência. O interessante é que estas funções não estejam restritas a determinado grupo de relações, nem que exista algum vácuo, alguma função relevante que não esteja sendo exercida por nenhuma relação da rede. O mapa das funções da rede está apresentado a seguir:

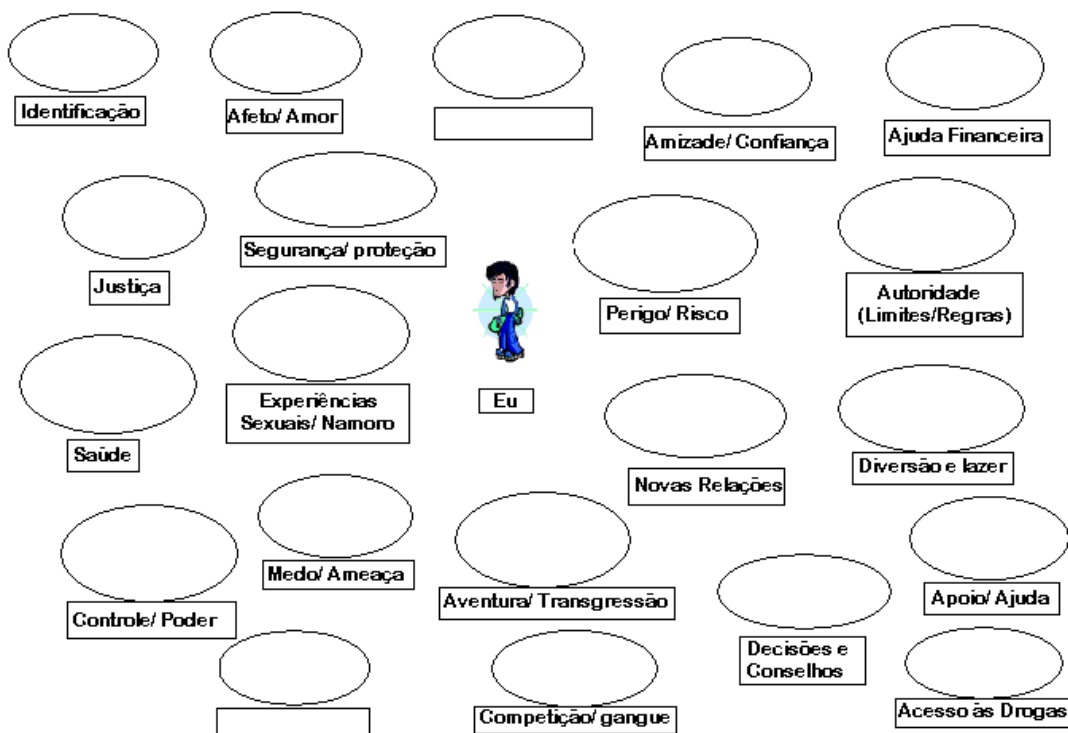
## Parte II - Mapeando as funções da minha rede social.

Preencha o "mapa sobre as funções da rede social".

- Nesse mapa, você deverá escrever no círculo com quem conta para cada função correspondente, não precisa colocar o nome da pessoa!
- Por exemplo:



### MAPA FUNÇÕES DA REDE



### Entrevista estruturada – Parte III

A terceira parte da entrevista estruturada é composta por assertivas às quais os adolescentes devem responder *Sim* ou *Não* caso as assertivas façam ou não sentido na vida deles. De acordo com a consigna abaixo:

Agora você deverá responder mais algumas afirmativas a seu respeito.  
Vamos lá?

Abaixo encontrará uma ou mais ações, atividades ou situações que podem ou não fazer parte do seu dia-a-dia. Leia atentamente cada uma e avalie de que forma elas estão presentes na sua vida. Se na maior parte do tempo ou das situações, a afirmativa for verdadeira, marque um X em

( ) sim e se na maior parte do tempo ou das situações a afirmativa não for verdadeira, marque um X em ( ) não. Seja sincero com você e lembre-se que não há resposta certa ou errada.

EXEMPLO: Eu me acho bonito(a)	( ) sim	( ) não
➤ Se essa situação <b>ocorre</b> com você marque um X em " <b>sim</b> "	(X) <b>sim</b>	( ) sim
➤ Se essa situação <b>não ocorre</b> com você, marque um X em " <b>não</b> "	( ) sim	(X) <b>não</b>



Os itens são apresentados numa ordem aleatória, embora eles tenham sido pensados em categorias. Cada categoria busca investigar um aspecto diferente da sua rede relacional e de sua relação com o uso de drogas e atos infracionais. A seguir serão apresentados os grupos de itens conforme foram apresentados na primeira versão da entrevista estruturada.

**Itens que buscam investigar a função da droga:**

Cruz (1999) destaca que o uso de drogas pode adquirir caráter funcional, tendo em vista que ela pode ser usada para trazer sensações de prazer, para diminuir sensações desagradáveis ou as duas funções simultaneamente. Esse grupo de itens busca avaliar qual a função que a droga está exercendo no adolescente em questão. Dessa maneira, os profissionais responsáveis pelo adolescente em medida socioeducativa poderão trabalhar com ele uma forma de encontrar alternativas mais saudáveis para suprir a função que o uso de drogas está exercendo na vida do adolescente.

*Uso drogas para ficar mais rápido, ágil*

*Uso drogas para esquecer de coisas ruins*

*Uso drogas para curtir os efeitos, o que ela me faz sentir*

*Uso drogas para me divertir em ambiente de lazer*

*Uso drogas para relaxar*

*Uso drogas para não sentir frio*

*Uso drogas para não sentir fome*

*Uso drogas para ficar fora de mim*

*Uso drogas para ficar acordado*

**Itens que buscam investigar a forma de consumo**

Entende-se aqui que nem todo consumo de drogas se configura tipo de dependência. Albertani (2006) destaca quatro formas de consumo de drogas: experimentação, uso

esporádico, uso inadequado e síndrome de dependência<sup>9</sup>. Esse grupo de itens busca situar o profissional quanto à forma que o adolescente está usando drogas. Evita-se, assim, alarmismo desnecessário quanto ao uso de drogas pelo adolescente enquanto o profissional terá um ponto de partida para trabalhar a forma com que ele usa drogas.

*Já usei drogas, mas foi só para saber como é (experimentação)*

*Uso drogas, mas só de vez em quando (uso esporádico)*

*Uso drogas com frequência, mas em poucas quantidades (uso inadequado - crônico)*

*Uso drogas só de vez em quando, mas nessas ocasiões acabo usando mais do que gostaria. (uso inadequado - agudo)*

*Uso drogas com frequência e sempre em grandes quantidades (uso inadequado crônico e agudo)*

#### **Itens que buscam investigar a dependência de contexto – relação entre uso de drogas e a prática de delitos**

A relação entre uso de drogas e prática de delitos foi observada por Pereira e Sudbrack (2008) e corroborada pelos relatórios do projeto Fênix que apontam adolescentes envolvidos com o tráfico e adolescentes envolvidos com outros delitos. Esse grupo de itens tem o objetivo de investigar se existe alguma relação de funcionalidade entre uso de drogas e prática de delitos.

*Preciso praticar delitos para comprar drogas*

*Só pratico delitos quando não tenho dinheiro para comprar drogas*

*Uso drogas para ter coragem de praticar delitos Só uso drogas para ter coragem de praticar delitos*

*Quando uso drogas fico violento*

---

<sup>9</sup> A dependência será explorada nos itens sobre dependência de contexto.

*Quando uso drogas pratico delitos sem saber direito o que estou fazendo*

**Itens que buscam investigar a dependência de contexto – dependência dos efeitos**

Os itens em questão foram baseados nos critérios da OMS. Esse conjunto de itens tem o objetivo de situar o profissional no que se refere ao nível de dependência dos efeitos da droga que o adolescente se encontra.

*Sinto-me fisicamente mal quando não posso usar drogas* (Síndrome de abstinência)

*Não consigo controlar quando eu vou usar a droga* (Dificuldade de controlar o consumo quanto ao momento do uso)

*Não consigo controlar onde eu vou usar a droga* (Dificuldade de controlar o consumo quanto ao lugar do uso)

*Não consigo controlar quanto da droga eu vou usar* (Dificuldade de controlar o consumo quanto à quantidade da droga)

*Não consigo controlar minha vontade de usar drogas* (Dificuldade de controlar o consumo de forma generalizada)

*Tem dias em que fico pensando na droga o tempo todo* (Forte desejo de consumir a droga)

*Sei que usar drogas me faz mal, mas continuo usando* (Utilização persistente da droga, apesar das consequências prejudiciais)

*Quando estou usando drogas fico descompromissado com outras atividades* (Maior prioridade dada ao uso de drogas em detrimento de outras atividades)

*Preciso usar quantidades cada vez maiores para ter o mesmo efeito* (Aumento da tolerância)

**Itens que buscam investigar a dependência de contexto – dependência relacional afetiva**

Entende-se que os itens que investigam a dependência relacional afetiva se confundem com os itens que buscam investigar a família em seu contexto da rede relacional. Sendo assim, os itens só serão postos uma vez. Os itens abaixo buscam averiguar se existe alguma relação de co-dependência, pois essa relação pode ser identificada casando as respostas desses itens com as respostas dos itens da relação familiar. Caso seja identificada alguma possível relação de co-dependência o profissional poderá continuar investigando e, se confirmada, focar no sentido de melhorar qualitativamente essa relação por meio de um trabalho familiar.

*Existe (m) pessoa (s) que se dedica(m) demais a mim*

*Existe (m) pessoa (s) que deixa (m) de viver a própria vida para cuidar de mim*

#### **Itens que buscam investigar a dependência de contexto – dependência do fornecedor**

Esse conjunto de itens tem o objetivo de investigar a rede de relações que fornece drogas ao adolescente. Procura compreender como o adolescente se relaciona com esse grupo de pessoas.

*Tenho amizade com quem me fornece cola, thinner*

*Tenho relação de amizade com quem me fornece bebidas alcoólicas*

*Tenho relação de amizade com quem me fornece remédios sem receita*

*Tenho relação de amizade com quem me fornece cigarros*

#### **Itens que buscam investigar a dependência de contexto – dependência do provedor**

Os itens a seguir buscam investigar a relação do adolescente com as pessoas que lhe fornecem subsídios materiais que possibilitam o uso de drogas.

*Sinto-me desamparado quando estou sem emprego e sem dinheiro para comprar drogas*

*Tenho de roubar para conseguir comprar drogas*

*Só consigo comprar drogas se minha família me der dinheiro*

*Se eu não pegar algo da minha casa para dar em troca, não consigo drogas*

*Se eu não vender drogas, não consigo comprar para mim mesmo*

#### **Itens que buscam investigar a dependência de contexto – dependência dos pares**

Os itens em questão têm o intuito de avaliar se o uso de drogas está de alguma forma mediando a relação do adolescente com os pares. Pereira e Sudbrack (2008) esclarecem que o adolescente pode sofrer influências e pressões do grupo de pares para o consumo de drogas. É importante compreender se a necessidade de pertencer ao grupo é anterior à necessidade da droga.

*Tenho amigos com os quais troco informações sobre onde conseguir drogas*

*Tive de usar drogas para entrar para uma gangue*

*Uso drogas só na companhia de meus amigos*

*Uso drogas só quando estou com a gangue*

*Uso drogas independente das minhas companhias*

#### **Itens que buscam investigar a dependência de contexto – dependência de crenças**

Esses itens investigam possíveis representações sociais que o adolescente pode ter construído ao longo da própria vida a respeito das drogas e dos efeitos que elas provocam. Os dados relativos ao projeto Fênix apontam que alguns adolescentes constroem representações sociais positivas em torno do uso de drogas.

*Somente pessoas fracas ficam dependentes de drogas*

*Com força de vontade qualquer um consegue parar de usar drogas*

*Usar drogas dá mais força para enfrentar a vida*

*Usar drogas ajuda a passar por dificuldades*

*Usar drogas facilitará passar pela medida socioeducativa*

*A dependência de drogas é uma doença e deve ser tratada*

*Quem usa drogas acaba tendo de vender também*

*Quem usa drogas começa usando pouco mas logo já está usando muito*

*Maconha é menos prejudicial que cigarro*

*Quando uma pessoa usa muito drogas ela fica resistente e o uso faz menos mal*

#### **Itens que buscam investigar informações sobre drogas**

Carlini (1999) destaca modelos de prevenção ao uso de drogas e, segundo a autora, levantar informações científicas a respeito de drogas é a forma de estabelecer um diálogo aberto com os adolescentes. O conjunto de itens a seguir pretende investigar qual o nível de conhecimento que os adolescentes têm a respeito de drogas.

*A droga pura faz mais mal que a misturada*

*Cerveja não é droga*

*Beber um pouco todo dia não faz mal*

*Drogas são somente aquelas proibidas pelo governo*

*Bebidas energéticas são drogas*

*Cigarro é droga*

*Crack e merla geram dependência muito rápido*

*Álcool é droga*

*Beber em exagero, mesmo que poucas vezes, faz mal*

*Cola, thinner e loló podem gerar dependência*

*Misturar diferentes drogas pode ser mais perigoso*

*Eu busco informações sobre álcool e outras drogas*

### **Itens que buscam investigar a rede relacional – família**

Vários autores trabalham a importância da rede relacional na construção identitária do adolescente (Sudbrack, 1996, 2006; Sluzki, 1997; Cinnanti, 1999; Dios, 1999; Santos 2006, Pereira, 2009). Foi visto no Capítulo 1 Construções teóricas, que a rede relacional pode influenciar o adolescente a se aproximar de comportamentos de risco, a aprender a usar drogas e a cometer atos infracionais. A família é o sistema afetivo primeiro, e talvez por isso o mais aprofundado pelos autores. Os itens a seguir buscam avaliar como as relações familiares podem estar aproximando o adolescente de comportamentos de risco e como os comportamentos de risco podem estar afetando as relações familiares. Os relatórios do projeto Fênix apontaram muitas questões familiares, sendo as mais representativas: o envolvimento de membros da família com uso de drogas, problemas financeiros, ausência de um dos pais, dificuldades da família em impor autoridades e limites e isolamento do adolescente em relação ao convívio familiar. Desse modo, vale afirmar que esses são pontos importantes de investigação uma vez que esses contextos de risco foram repensados para serem transformados em itens. O resultado do esforço de pensar o quadro teórico e os resultados empíricos e transformá-los em pontos de investigação estão assim itemizados:

*Quando uso drogas me sinto mais independente*

*Depois que comecei a usar drogas minha família está mais próxima de mim*

*Depois que comecei a usar drogas minha família está mais afastada de mim*

*Minha Família sabe que o dinheiro que levo para dentro de casa vem do tráfico*

*Minha Família sabe que o dinheiro que levo para dentro de casa vem de delitos*

*Na minha família tem pessoas que me ameaçam*

*Na minha família não existem restrições para beber*

*Meu pai é ou foi alcoolista*

*Existem pessoas em minha família que usam álcool com muita frequência*

*Existem pessoas em minha família que usam drogas com muita frequência*

*Em minha família existem muitos conflitos*

*Minha família já perdeu um membro de forma prematura ou inesperada*

*Minha família não impõe autoridade e limites*

*Minha família tem dificuldades financeiras*

*Sinto-me isolado com relação a minha família*

*Sinto que falta diálogo em minha família*

*Gostaria de ter uma relação mais próxima com minha família*

*Sinto que sou fonte de problemas para minha família*

*Existe agressividade excessiva em minha família*

*Perdi a confiança de minha família por causa do meu uso de drogas*

#### **Itens que buscam investigar relações de parentalização**

Ainda explorando as relações familiares, Penso e Sudbrack (2004) esclarecem que algumas famílias diante de situação de vulnerabilidade e de ausência parental podem se organizar de forma que um filho passe a exercer permanentemente a função parental. Segundo as autoras, essa organização familiar é muito rígida, o que pode fazer com que o adolescente busque situações de risco como uma forma de exercer outros papéis, se inserir em outros contextos. O *filho parental* tende a afasta-se de um dos pais e aproximar-se do outro. Os itens desse grupo investigam a existência dessa forma de relação.

*Tenho que ajudar no sustento de minha família*

*Ajudo meus irmãos com tarefas da escola*



*Tenho de cuidar dos meus irmãos mais novos*

*Sinto que um dos meus pais está ausente*

*Sinto-me afastado de um dos meus pais e próximo ao outro*

*Não tenho tempo para brincar*

*Não tenho tempo para estudar*

*Sinto que tenho de me dedicar demais a minha família*

*Às vezes sinto vontade de minha família não precisar tanto de mim*

*Tenho muito medo de abandonar minha família*

*Sinto que devo proteger minha família*

*Vendo drogas para ajudar no sustento de minha família*

*Gostaria de poder me afastar de minha família*

#### **Itens que buscam investigar a rede relacional – escola**

Os dados do projeto Fênix relativos à escola trazem dois aspectos muito importantes: o alto índice de *déficit* entre a idade dos adolescentes e o ano escolar e o número de adolescente fora do contexto escolar. Dessa forma, os itens relativos à escola buscam investigar fatores de desmotivação do adolescente com relação à escola.

*Sinto que não estou aprendendo na escola*

*Não acredito na escola*

*A escola não ensina a enfrentar a vida*

*Não acredito que a escola vai me dar um futuro melhor*

*Na escola existe ameaça*

**Itens que buscam investigar a rede relacional – comunidade**

A comunidade foi apontada, por alguns adolescentes do projeto Fênix, como ambiente de riscos e como contexto de ameaças. Entende-se esse fator de risco como importante e que pode ser assim explorado:

*Existe ameaça onde moro*

*Onde moro estou exposto a muitos perigos*

*Onde moro existe muita facilidade em comprar drogas*

*Onde moro as atividades de lazer envolvem consumo de drogas*

*Em minha comunidade não existe atividades de lazer*

**Itens que buscam investigar a rede relacional – pares**

A relação entre o adolescente e seu grupo de pares pode permear uma série de comportamentos de risco, o que é avaliado a partir do questionamento a respeito da possibilidade de contexto de risco entre os pares, procurando diferenciá-los entre amigos e gangue. Entende-se que a gangue pode representar contexto de risco mais significativo que os amigos.

*Faço parte de uma gangue*

*Tenho amigos que usam drogas*

*Minha namorada ou meu namorado usa drogas*

*Meus amigos incentivam o uso de drogas*

*Meus amigos incentivam a violência*

*Minha gangue incentiva o uso de drogas*

*Minha gangue incentiva a violência*

*Sinto que tenho de fazer coisas que não gosto para continuar na gangue*

*Sinto que tenho de fazer coisas que não gosto para continuar andando com meus amigos*

*Meus amigos acham que o tráfico é uma boa opção de trabalho*

*As pessoas da gangue não são meus amigos*

*Sinto que perdi amigos por causa do meu uso de drogas*

### **Itens que buscam investigar motivações internas**

Os relatórios do projeto Fênix levantam questões quanto à auto-percepção do adolescente. Sentimentos de ameaça, de depressão e de falta de perspectiva quanto ao presente e ao futuro foram apontados por alguns adolescentes. Por isso, procurou-se identificar possíveis percepções do adolescente quanto ao próprio consumo de drogas:

*Depois que me envolvi com drogas sinto-me ameaçado*

*Depois que me envolvi com drogas às vezes me sinto muito triste*

*Depois que me envolvi com drogas às vezes me sinto sozinho*

*Depois que me envolvi com drogas não faço mais planos para o futuro*

*Sinto que fico lerdo quando uso drogas*

*Sinto que estou com a memória prejudicada pelo uso de drogas*

*Quando uso drogas solto a raiva que tem dentro de mim*

Finito o processo de construção da primeira versão da entrevista estruturada, foi iniciado o processo de avaliação e reconstrução da entrevista, por meio de trabalhos de campo: adequação da linguagem da Parte III da primeira versão da entrevista estruturada com a contribuição de profissionais do sistema socioeducativo e aplicação piloto da entrevista estruturada com a contribuição de profissionais e de adolescentes.

#### **2.4 Adequação da linguagem da Parte III da primeira versão da entrevista estruturada com a contribuição de profissionais do sistema socioeducativo.**

Após a elaboração da primeira versão da entrevista estruturada achou-se necessário fazer adequação na linguagem e no conteúdo. Como foi visto, a entrevista é subdividida em três partes: I – construção de um mapa da rede social; II – construção de um mapa das funções da rede social; III – itens de aprofundamento. A Parte III é constituída de assertivas nas quais o adolescente deve marcar *Sim* ou *Não* caso elas façam ou não sentido na vida dele. Como as Partes I e II da entrevista são construções gráficas, foi feito nesse momento o trabalho de adequação da Parte III. Nessa etapa do trabalho de campo participaram 15 profissionais que, na ocasião, trabalhavam em medidas socioeducativas no Distrito Federal, doze profissionais do sexo feminino e três do sexo masculino; destes quatro agentes sociais, seis assistentes sociais, três educadores, dois psicólogos. No que se refere ao local de trabalho sete profissionais são lotados em unidades de medida sócio-educativas de internação, um de semi-liberdade, cinco de liberdade assistida e dois sem informação. O trabalho de campo teve o objetivo de avaliar os itens da entrevista estruturada, nas seguintes questões:

1. Os adolescentes compreendem a linguagem em que os itens estão escritos?
2. Seria interessante elaborar os itens na linguagem que os adolescentes estão habituados a falar? Que linguagem seria essa?
3. Existe algum item que não faz sentido para os adolescentes em questão?
4. Os itens estão claros? Estão transmitindo a mensagem pretendida pelo grupo de pesquisa?

Para avaliar essas questões, os profissionais foram divididos em quatro grupos de discussão. Para cada grupo foi entregue um conjunto de itens e pedido que discutissem as questões relacionadas aos itens que lhes foram entregues. Para a devida captura dos dados, o grupo compunha-se de três pesquisadores que realizaram anotações de campo.

A partir desse trabalho de campo os itens da entrevista foram reescritos e uma segunda versão da entrevista estruturada foi elaborada. As alterações realizadas serão apresentadas a seguir.

### **Resultado da avaliação crítica da linguagem e do conteúdo da terceira parte da entrevista**

O objetivo da avaliação crítica foi esclarecer algumas questões a respeito da linguagem e do conteúdo da Parte III da entrevista estruturada. As questões foram esclarecidas da seguinte maneira:

#### **1. Os adolescentes compreendem a linguagem em que os itens estão escritos?**

De acordo com os profissionais participantes da pesquisa os adolescentes em medidas socioeducativas compreendem a linguagem em que os itens estão escritos e não teriam dificuldades em responder as questões, à exceção de alguns termos para os quais foram oferecidas alternativas. No entanto, os itens poderiam ser reescritos em linguagem coloquial, como forma de aproximação com o adolescente.

Os profissionais sugeriram alternativas para as seguintes palavras:

Ágil, no item *Uso drogas para ficar mais rápido*, *ágil* – a palavra deve ser retirada, uma vez que não é necessária para a compreensão do item.

Delito – deve ser substituída por roubo ou assalto, pois essa palavra não faz parte do vocabulário dos adolescentes.

Dependência – deve ser substituída por vício.

A partir dessas informações advindas dos profissionais, os termos considerados fora do contexto vocabular dos adolescentes foram retirados ou substituídos por outros mais próximos da oralidade e do coloquialismo conforme eles convivem.

## **2. Seria interessante colocar os itens na linguagem em que os adolescentes estão habituados a falar? Que linguagem seria essa?**

Para refletir a respeito dessa questão os profissionais reescreveram os itens na linguagem em que os adolescentes falariam. No entanto, entenderam não ser interessante apresentar as questões nessa linguagem, tendo em vista ela ser própria dos adolescentes, em geral, que, muitas vezes, não se sentem à vontade quando um adulto se apropria dessa linguagem. Assim, o mesmo poderia ocorrer com a entrevista estruturada. Outro ponto registrado é que a linguagem falada pelos adolescentes tem sentido complementado pelo contexto, quando escritas, sem contextualização, muitas questões poderiam ficar ambíguas ou sem sentido. Para exemplificar esse fato duas expressões usadas na linguagem dos adolescentes que poderiam expressar situações diferentes foram destacadas:

Ficar ligado/ ligadão: ficar rápido, curtir os efeitos da droga, ficar acordado, ter força para enfrentar a vida.

Neura: coisas ruins, dificuldades, tristeza, pensar na droga.

Diante dessas informações a equipe de pesquisa optou por não escrever os itens na linguagem falada pelos adolescentes em medidas socioeducativas. No entanto, o exercício de reescrever os itens na linguagem dos adolescentes, feito pelos profissionais, auxiliou no processo de reescrevê-los utilizando o registro coloquial.

## **3. Existe algum item que não faz sentido para os adolescentes em questão?**

Os profissionais mostram quatro itens com os quais os adolescentes não se identificariam:

*Uso drogas para não sentir fome / Uso drogas para não sentir frio*

De acordo com os profissionais, esses itens não fazem sentido para os adolescentes em medidas socioeducativas, pois trata-se, em maioria, de adolescentes com vínculos familiares e não daqueles sem moradia.

*Só consigo comprar drogas se minha família me der dinheiro –*

É um item sem sentido, em vista de os adolescentes, em geral, não receberem dinheiro da família, não ganharem nenhuma espécie de “mesada”.

*Bebidas energéticas são drogas –*

Os adolescentes em medidas socioeducativas não têm o hábito de consumir bebidas energéticas.

Sendo assim, em um primeiro momento, decidiu-se por manter os itens em questão até que a entrevista estruturada fosse testada em aplicação piloto, com a participação dos adolescentes em medidas socioeducativas. Nesse momento posterior os itens seriam reavaliados.

Com exceção dos dois primeiros itens, os demais se mantiveram da maneira que foram apresentados aos profissionais. Em *Uso drogas para não sentir fome / Uso drogas para não sentir frio* foram alterados para *Já usei drogas para não sentir fome / Já usei drogas para não sentir frio*. Ficou entendido que dessa forma esses itens englobariam os adolescentes que apesar de terem moradia e vínculos familiares já passaram algum período longe de casa, de maneira desamparada.

#### **4. Os itens estão claros? Estão transmitindo a mensagem pretendida pelo grupo de pesquisa?**

Os profissionais participantes da pesquisa atestaram a clareza dos itens. No entanto, avaliou-se a clareza dos itens não só com a devolutiva dos profissionais, mas também

comparando a mensagem pretendida com a mensagem dos itens reescritos por eles. Em alguns itens foi notado certo descompasso:

O item *Existem pessoas que se dedicam demais a mim* foi reescrito pelos profissionais da seguinte forma: *Tem uns caras que se amarram em mim*. O sentido pretendido nesse item era averiguar se existe alguma relação de *co-dependência* na rede relacional do adolescente. No entanto, a frase reescrita traz mensagem de amizade, de relação saudável. Dessa forma, tem-se a impressão de que a mensagem original perdeu-se no momento em que foi reescrita, o que significa que não foi transmitida de forma correta. Optou-se, portanto, por manter a forma de escrita original até a aplicação piloto para que fossem dadas sugestões quanto à forma mais adequada para se transmitir a mensagem.

O Item *Quando uma pessoa usa muito álcool ou outras drogas ela fica resistente e o uso faz menos mal* foi reescrito da seguinte forma: *Quanto mais uma pessoa usa, mais precisa para ficar ligada*. O item em seu sentido original pretendia analisar a crença de que um indivíduo que consome grande quantidade de álcool ou outras drogas é menos afetado negativamente pelo consumo. No entanto, a forma como o item foi reescrito pelos profissionais não manteve o sentido original: ele traz o sentido de tolerância, de usar mais droga para obter o mesmo efeito, o que fica em descompasso com o sentido pretendido pelo item. Optou-se por substituir o item por: *Quanto mais a pessoa usa drogas, menos mal a droga faz*.

Além das questões que o grupo de pesquisa pretendia discutir com os profissionais das medidas socioeducativas, outras questões relevantes foram apontadas pelos participantes.

Com relação à expressão *gangue* eles relataram que os adolescentes, em geral, não gostam de usá-la, nem gostam que seja usada por algum adulto, pois carrega consigo algum tom pejorativo. Para se referirem à *gangue* os adolescentes e os profissionais usam a palavra *parceiros*. No entanto, o mesmo termo é utilizado para fazerem referência aos amigos.



Portanto, a diferenciação se dá pelo contexto. Mesmo não se sentindo à vontade com a palavra em questão os profissionais afirmaram que os adolescentes compreendem o significado da palavra gangue.

Para a pesquisa é importante a diferenciação entre amigos e gangue, então, nos itens que continham esse termo fez-se a substituição pela expressão *parceiros da gangue*, numa tentativa de suavizar o tom pejorativo de gangue. No entanto, a palavra em questão não pôde ser excluída, pois não havia alternativa que mantivesse a diferença entre amigo e gangue sem se referir à última.

Os itens *Sinto que um dos meus pais está ausente* e *Sinto-me afastado de um dos meus pais e próximo a outro* fazem parte do conjunto cujo objetivo era analisar a existência de relações familiares de *parentalização*. A intenção inicial era não fechar a relação no pai ou na mãe, dessa forma os itens abarcariam tanto a relação de *parentalização* estabelecida com a mãe quanto com o pai. No entanto, o retorno recebido foi que não havia necessidade de deixar esses itens abertos, pois esse tipo de relação só existia na forma de um vínculo forte com a mãe e um afastamento do pai. Como esse retorno estava condizente com o que encontramos na literatura, optou-se por reescrever os itens da seguinte forma: *Meu pai não aparece ou não se importa* e *Sou mais chegado a minha mãe que ao meu pai*.

Essa experiência levantou subsídios para adequar a linguagem de forma que ficasse mais apropriada à população alvo dessa pesquisa. A partir das reflexões advindas desse trabalho de campo a equipe de pesquisa pôde construir a segunda versão da entrevista estruturada (apresentada no anexo 2). Finalizada essa etapa de trabalho, o próximo passo para a aproximação da versão final seria o treinamento dos profissionais para posterior aplicação piloto da entrevista estruturada em adolescentes em conflito com a lei e em cumprimento de medidas socioeducativas.

## **2.5 Aplicação piloto da entrevista estruturada com a participação de profissionais de medidas sócioeducativas e de adolescentes que cumprem estas medidas**

Nessa etapa da pesquisa participaram sete profissionais de medidas socioeducativas, sendo cinco da semi-liberdade e dois da liberdade assistida. Eram três agentes sociais, um atendente de reintegração, um pedagogo e dois assistentes sociais, sendo dois do sexo masculino e cinco do sexo feminino. O treinamento foi realizado por meio de psicodrama, em específico pelo método de *role playing*, técnica de desenvolvimento de papéis. Para tanto, a pesquisadora solicitou aos profissionais que imaginassem um adolescente com o qual eles tivessem bastante contato e preenchessem a entrevista estruturada como se fosse esse adolescente. Em seguida, as orientações para o preenchimento da entrevista foram passadas e a aplicação da entrevista seguiu. Ao término do treinamento foi solicitado aos profissionais que aplicassem a entrevista em adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas, seguindo as orientações devidas.

Os profissionais aplicaram a entrevista estruturada em 19 adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas, todos do sexo masculino. Foram 11 aplicações individuais de toda a entrevista e um aplicação coletiva em que participaram oito adolescentes e somente as Partes I e II da entrevista foram aplicadas.

O objetivo dessa etapa do trabalho de campo era testar a viabilidade da entrevista estruturada. Para o esclarecimento da questão foram realizadas entrevistas com os profissionais que aplicaram a entrevista estruturada, registradas por meio de gravações em áudio e ou em vídeos. Foram realizadas duas entrevistas em dupla, cujo registro se deu por vídeo para posterior identificação das falas, e três entrevistas individuais com registro de áudio. Tratou-se de uma entrevista semi-estruturada cujo roteiro pré-definido está no anexo 3. Para a análise do que surgiu nas entrevistas realizou-se um esforço no sentido de condensar todas as respostas à mesma pergunta, num único documento.

Outras três aplicações individuais foram realizadas pela própria pesquisadora em adolescente em conflito com a lei no contexto da medida de semi-liberdade. Essa atividade teve o objetivo de confirmar as impressões que os profissionais passaram a propósito da viabilidade da entrevista estruturada e de avaliar como a aplicação aconteceria se realizada por alguém que não tivesse vínculo pré-estabelecido com o adolescente.

A análise das entrevistas em conjunto com a experiência da pesquisadora como aplicadora da entrevista estruturada forneceram subsídios para modificação na entrevista, o que resultou na proposta final da entrevista de avaliação dos fatores de risco e de proteção relativos ao uso de drogas por adolescentes no contexto de medidas socioeducativas.

#### **2.5.1 Discussão da aplicação piloto da entrevista estruturada**

Esta etapa teve o objetivo de investigar a viabilidade de aplicação da entrevista estruturada a partir de quatro eixos de investigação: aspectos favoráveis e desfavoráveis do contexto da aplicação; adequação da entrevista estruturada quanto à linguagem, quanto à pertinência do conteúdo e da forma e quanto à utilidade prática para o atendimento de adolescentes em conflito com a lei; mobilização do adolescente pela entrevista estruturada e reação comportamental do adolescente frente às diferentes partes da entrevista estruturada.

Uma das entrevistas realizadas está exemplificada no anexo 4, para preservar o anonimato dos participantes da pesquisa que foram identificados pelas letras B, E, H, I, J, M, T. Buscando melhor apreender o que surgiu nas entrevistas, as respostas foram condensadas para se ter a compreensão do todo, conforme resultado apresentado a seguir.

**Dados compilados da entrevista de devolutiva da aplicação piloto*****Dados do profissional***

Profissões: três agentes sociais (B, M, T), um atendente de reintegração social (I), um pedagogo (H), dois assistente social (E, J).

Sexo: dois M (B, J), cinco F (E, H, I, J, M)

Medida socioeducativa com que trabalha: cinco semiliberdade (B, E, H, M, T), dois liberdade assistida (I, J).

***Dados da aplicação***

Número de adolescentes que responderam a entrevista estruturada: 19

Aplicações: 11 individuais, uma coletiva com a participação de oito adolescentes

**Contexto da aplicação: aspectos favoráveis e desfavoráveis*****Rapport***

1. Como foi a escolha do adolescente para participar da entrevista? Ele manifestou vontade de participar? Estava motivado?

Oito adolescentes foram escolhidos, pois já estava prevista uma atividade coletiva com eles, então parte da entrevista estruturada foi aplicada como sendo atividade.

Quatro adolescentes pediram para participar da atividade, se manifestaram.

Três adolescentes foram escolhidos porque os profissionais gostariam de saber mais a respeito deles, estar mais próximos.

Três adolescentes foram escolhidos porque estavam sem atividades, disponíveis no momento.

Um adolescente foi escolhido, pois os demais não quiseram participar e ele aceitou.

### ***Motivação***

Nove adolescentes estavam motivados ou se motivaram a partir de algo que o profissional falou para eles.

Dez adolescentes não estavam motivados. (dentre esses estão os oito da aplicação coletiva)

2. O profissional e os adolescentes tinham vínculo de confiança? Há quanto tempo?

Todos os profissionais já tinham vínculo com os adolescentes. O menor espaço do tempo foi 3 meses e o maior pouco mais de um ano.

3. O adolescente teve clareza da confidencialidade de suas respostas?

Todos os adolescentes tiveram clareza da confidencialidade.

### **Adequação da entrevista estruturada**

4. Clareza da consigna (Partes I, II, III)

O que foi preciso para que os adolescentes compreendessem o que deveria ser feito?

Parte I – Para quatro adolescentes foi preciso ler e explicar, para 15 adolescentes não foi preciso ler, a explicação do aplicador foi suficiente.

Parte II – Para quatro adolescentes foi preciso ler e explicar, para um adolescente somente a leitura da instrução foi suficiente; para 14 adolescentes a explicação do aplicador foi suficiente.

Para os oito adolescentes, cuja aplicação foi coletiva e a instrução foi apenas a explicação do aplicador, a forma de preencher o mapa não foi bem compreendida.

Três adolescentes tiveram dificuldades para compreender o conceito representado pelas palavras-chave dos balões.

Parte III – Para dois adolescentes foi preciso ler e explicar, para outros dois adolescentes somente a leitura da instrução foi suficiente; para sete adolescentes a explicação do aplicador foi suficiente. Obs.: oito adolescentes não fizeram a Parte III.

5. A linguagem dos itens – Parte III – estava acessível ao adolescente?

Três adolescentes confundiram o conteúdo de algumas frases que estavam na negativa

Um adolescente ficou com dúvidas quanto ao conceito de droga

Sete adolescentes não tiveram problemas de compreensão

6. O conteúdo e a forma da entrevista estruturada estão pertinentes?

***Forma***

Cinco profissionais (B, E, H, I, J) acharam a entrevista estruturada muito extensa.

Seis profissionais (B, E, H, I, M, T) mencionaram a existência de perguntas repetidas.

Dois profissionais (H, T) questionaram a inexistência da possibilidade de respostas como “às vezes” na Parte III da entrevista estruturada.

***Conteúdo***

Todos os profissionais acharam, de forma geral, que o conteúdo está pertinente em relação à realidade dos adolescentes. No entanto, um (I) profissional acha que os itens: *uso drogas para não sentir fome e uso drogas para não sentir frio* não fazem parte da realidade desses adolescentes. E um profissional (E) acha que os itens podem ou não fazer sentido, depende da individualidade do adolescente.

7. De que forma o entrevista estruturada pode auxiliar no atendimento aos adolescentes?

Três profissionais (E, H, I) responderam que a entrevista estruturada auxiliaria se fosse menos extenso.

Seis profissionais (B, E, H, J, M, T) deram respostas no sentido de destacar que o entrevista estruturada é uma forma interessante de conhecer mais o adolescente e de trabalhar com ele as questões levantadas.

### **Mobilização da entrevista estruturada a respeito do adolescente**

8. O adolescente teve alguma resistência quanto à entrevista estruturada antes ou durante a aplicação?

Sete adolescentes não apresentaram resistência antes ou durante a aplicação.

Doze adolescentes apresentaram alguma forma de resistência, em sua maioria alegando o tamanho da entrevista estruturada.

9. O adolescente mostrou-se interessado?

Oito adolescentes mostraram-se interessados pela atividade em algum momento.

Onze adolescentes não estavam interessados, mas aceitaram participar.

10. O adolescente falou a respeito dos assuntos levantados na entrevista estruturada?

Das 11 aplicações individuais, em 8 delas os adolescentes foram mobilizados pela entrevista estruturada a falar sobre eles. Três adolescentes se restringiram a responder a entrevista estruturada.

Da aplicação coletiva, alguns foram mobilizados e outros não, mas o profissional não soube precisar quantos.

### **Resposta do adolescente**

11. Como foi o comportamento do adolescente na elaboração do mapa das redes sociais?

Dez adolescentes tiveram comportamentos que manifestavam interesse, tranquilidade e concentração.

Oito adolescentes (da aplicação coletiva) manifestaram comportamentos ora de querer entender a atividade, ora de querer interrompê-la.

Um adolescente estava retraído, cabisbaixo.

12. Como foi o comportamento do adolescente na elaboração do mapa das funções da rede?

Onze adolescentes tiveram comportamentos que manifestavam interesse, tranquilidade e concentração.

Oito adolescentes (da aplicação coletiva) manifestaram comportamentos ora de querer entender a atividade ora de querer interrompê-la.

13. Como foi o comportamento do adolescente na resposta aos fatores de risco e de proteção?

Oito adolescentes reclamaram do tamanho ou de perguntas repetidas e manifestaram cansaço.

Três adolescentes manifestaram interesse.

Os oito adolescentes da aplicação coletiva não fizeram a Parte III.

#### **Outras contribuições do observador**

Dois profissionais (H, J) ressaltaram que a entrevista estruturada é capaz de apontar problemáticas que os profissionais não percebem. O profissional H mostrou que a entrevista estruturada é uma forma de avaliar o trabalho deles e o que eles deixaram de promover para o adolescente.

Dois profissionais (M, T) ressaltaram que a entrevista estruturada soma pontos positivos ao trabalho deles.

Os demais profissionais não fizeram comentários adicionais.

Todos os adolescentes que participaram da aplicação piloto realizada pelos profissionais já tinham vínculo estabelecido com o profissional em questão. No entanto, é importante para a pesquisa avaliar a viabilidade da entrevista, mesmo quando aplicada sem



vínculo pré-estabelecido. Para investigar essa questão foi realizada a segunda etapa da aplicação piloto em que a entrevista foi realizada pela pesquisadora em adolescentes.

Três adolescentes com idades entre 16 e 18 anos, do sexo masculino, dois estudantes do ensino fundamental e um estudante do ensino médio se dispuseram a participar da aplicação da entrevista realizada pela pesquisadora. Os três adolescentes estavam no momento da aplicação cumprindo medida socioeducativa de semiliberdade em uma instituição em Brasília. As aplicações foram individuais e ocorreram em uma sala da instituição. A escolha dos adolescentes foi realizada pelos profissionais da instituição, amparados pela anuência e pela disponibilidade dos adolescentes. No primeiro contato com os adolescentes foi explicado que as informações que eles viessem a fornecer seriam confidenciais, que não havia o intuito de informar ao Juiz e que os nomes deles não apareceriam em nenhum lugar. A voluntariedade da participação foi confirmada pela pesquisadora. Em seguida, deu-se início à aplicação da entrevista.

#### ***Adolescente 1 – 16 anos/7ª série do ensino fundamental***

O adolescente apresentou-se bem disposto e curioso quanto à atividade. A pesquisadora fez a leitura da primeira consigna junto com ele e pediu-lhe que preenchesse o mapa das redes sociais. No entanto, o adolescente solicitou que a pesquisadora mesmo preenchesse a consigna e colocasse depois no mapa da rede o que ele lhe desse como informação. A pesquisadora consentiu, mas mesmo com a leitura inicial da consigna o adolescente permaneceu com muitas dúvidas levando a pesquisadora a repetir por várias vezes as instruções.

Seguiu-se para o preenchimento do mapa das funções da rede. Após a leitura da consigna o adolescente teve dúvida quanto ao conceito por detrás das palavras-chave do mapa, sendo necessária a explicação da pesquisadora para seguir a aplicação. Na terceira parte da entrevista, não houve dúvidas quanto à consigna, no entanto, o adolescente

confundi-se com as perguntas formuladas na negativa. A entrevista foi toda preenchida pela pesquisadora e os itens lidos por ela por solicitação do adolescente. Ao final, a pesquisadora perguntou o que ele achou da entrevista e de sua participação ao que ele respondeu que as perguntas eram muito importantes, que não eram chatas, mas a entrevista era um pouco grande. Ele demonstrou-se feliz, pois alguém estava ouvindo-o, e disse que não conversa muito sobre os assuntos constantes da entrevista e que pelo menos alguém iria saber o que ele pensa.

### *Adolescente 2 – 16 anos / série de aceleração do ensino fundamental*

O adolescente estava um pouco tímido, desde o início falou muito pouco e às vezes respondia às perguntas com apenas um aceno de cabeça. A pesquisadora fez a leitura de todas as consignas junto com o adolescente, mas foi ele quem preencheu. Em seguida à primeira leitura, a pesquisadora pediu que ele preenchesse o mapa das redes sociais. Nesse momento o adolescente esteve meio confuso a propósito do preenchimento, mas depois de explicado pela pesquisadora ele preencheu o mapa das redes sociais. Nas instruções complementares do mapa ele ficou em dúvida quanto ao sentido da seta que indicaria afastamento ou aproximação de alguma pessoa do mapa. Quanto ao mapa das funções da rede, o adolescente ficou com dúvidas em apenas alguns conceitos: identificação, justiça e saúde. Na terceira parte da entrevista ele não se confundiu quanto à consigna, mas ficou confuso com as perguntas formuladas na negativa. O adolescente pediu que a pesquisadora lesse item por item junto com ele. Ao final, ela perguntou sobre o que ele achou da entrevista e de sua participação, ao que ele respondeu que o preenchimento dos dois mapas é legal, mas os itens são ruins, não tinham muito a ver com ele que não usa drogas e os itens só falavam sobre isso. Apesar disso, falou que não achou a entrevista cansativa.

### *Adolescente 3 – 18 anos/ 1º ano do ensino médio*

O adolescente chegou um pouco resistente falando que dependendo das perguntas ele só responderia três. No entanto, no decorrer da atividade, a resistência não foi mais demonstrada. Todas as consignas foram lidas pela pesquisadora junto com ele que, no entanto, preencheu toda a entrevista, sozinho. No mapa das redes sociais ele ficou com dúvida quanto à forma de preencher, mas depois de elucidadas o preenchimento foi feito. No mapa das funções da rede ele pediu explicações sobre todos os conceitos por trás das palavras-chave. Na terceira parte da entrevista, o adolescente não apresentou dúvidas e não teve dificuldades com as perguntas na negativa. Ao final, a pesquisadora perguntou-lhe o que havia achado da entrevista e da própria participação, ao que ele respondeu que achou as três partes da entrevista interessantes e que a atividade fez sentido para ele, e fez com que pensasse na vida. Perguntado quanto ao tamanho da entrevista, disse que não o achou grande.

Os resultados do trabalho de campo em que a entrevista estruturada foi aplicada por profissionais em adolescentes, levantaram vários pontos de discussão que embasaram em conjunto com a análise das respostas a entrevista uma proposta da versão final.

O primeiro eixo de discussão é quanto à forma de aplicação da entrevista. Essa foi aplicada de forma coletiva e individual. No entanto, na aplicação coletiva a terceira parte da entrevista não foi aplicada por ser inviável a aplicação em grupo. Soma-se a esse fato a desmotivação e resistência apresentadas por todos os adolescentes durante a aplicação coletiva.

Das 11 aplicações individuais, 9 adolescentes estavam motivados e apenas 4 apresentaram alguma forma de resistência, queixando-se da extensão da atividade. Alguns adolescentes apresentaram dificuldades de preencher a entrevista e nesses casos, ela foi preenchida pelo profissional, seguindo as informações fornecidas pelo adolescente.

Por tais fatores entende-se que o formato coletivo da aplicação não é adequado, pois é mais difícil motivar o adolescente e o profissional tem menor percepção daqueles adolescentes com dificuldades de preenchimento. Portanto a proposta final para a aplicação é no formato de entrevista individual. Quanto ao preenchimento é preferível que o adolescente preencha, mas nos caso do profissional perceber certa limitação nesse sentido, ele pode assumir esse papel.

Quanto a escolha do adolescente podemos perceber que dos 11 adolescentes da aplicação individual 3 foram escolhidos porque o profissional estava motivado em conhecer mais sobre o adolescente e 4 adolescentes manifestaram a vontade de participar da atividade. Essa motivação inicial seja do profissional ou do adolescente é muito importante para que a aplicação da entrevista tenha significado e possa efetivamente auxiliar no atendimento dos adolescentes. Por tal motivo sugerimos que aplicação aconteça nos casos em que haja motivação para um trabalho no sentido de explorar aspectos da vida do adolescente.

Outro ponto importante da aplicação é a questão do vínculo de confiança entre o profissional e o adolescente. Entendemos que não precisa existir, necessariamente, um vínculo pré-estabelecido entre o adolescente e o profissional. Uma vez que a entrevista foi aplicada pela pesquisadora em três adolescentes sem a existência de vínculo anterior e sem prejuízo da qualidade da informação levantada. Dessa forma, a aplicação pode acontecer no início da medida como uma forma de auxiliar a construção do plano individual de atendimento (PIA) do adolescente. No entanto, se for esse o caso, o vínculo de confiança deve ser estabelecido no *rapport*, é importante para a condução da aplicação que o adolescente tenha certeza de que as informações fornecidas por ele não irão prejudicá-lo no cumprimento de sua medida. O adolescente em cumprimento de medida sócioeducativa é periodicamente avaliado pelos profissionais que o atendem por meio de um relatório que é encaminhado ao juiz responsável. A entrevista aborda assuntos cuja resposta do adolescente

poderia prejudicá-lo caso fosse encaminhada para o juiz. O adolescente só será sincero se tiver a clareza de que as informações que ele fornecer não irão prejudicá-lo na medida.

Ainda sobre a aplicação da entrevista foi percebido que na maioria dos casos a explicação do profissional sobre o que deveria ser feito em cada parte foi mais importante do que a leitura isolada da consigna. A pesquisadora entendeu que para a correta compreensão das consignas, só a sua leitura não é suficiente. É importante que o profissional forneça explicações extras até que perceba que o adolescente compreendeu a atividade. Fato que reforça ainda mais a indicação de uma aplicação em forma de entrevista individual, pois o profissional precisa estar atento para averiguar se o adolescente compreendeu corretamente cada instrução.

Entendemos que as consignas devem ser corretamente compreendidas pelos profissionais para que, após a leitura, estes reforcem a instrução. Entramos então no segundo eixo de discussão, a forma da entrevista. Para a melhor compreensão da atividade proposta foi decidido que alguns conceitos deveriam ser definidos e algumas consignas deveriam ser modificadas. Percebemos que é importante que o profissional e o adolescente compreendam determinados conceitos que são investigados no decorrer da entrevista. Para avançar nesse sentido a pesquisadora decidiu elaborar uma carta de apresentação em que foram definidos os conceitos de redes sociais, fatores de risco e proteção e exemplos de substâncias que se encaixam em nossa definição de drogas. Nessa carta de apresentação também foi expresso que nenhuma informação fornecida pelo adolescente irá compor o relatório para acompanhamento do juiz.

Quanto às consignas foi percebido que a consigna número 1 do mapa das redes sociais (Parte I da entrevista) deveria ser reescrita para a melhor compreensão. A consigna: *1. Agora me diga: das pessoas que você representou no mapa das redes quem se relaciona entre si? Vamos fazer um traço ligando essas pessoas*, não foi bem compreendida, pois

somente em 6 entrevistas o adolescente estabeleceu relações entre pessoas de diferentes quadrantes. Percebemos que a possibilidade de relacionar pessoas independente de suas posições no mapa deveria estar expressa na consigna. Para tal, ela foi reescrita da seguinte maneira:

*1. Agora me diga: das pessoas que você representou no mapa das redes quem se relaciona entre si? Vamos fazer um traço ligando essas pessoas. Lembre-se de relacionar as diferentes áreas da sua vida: família, escola/trabalho, amizades e comunidade.*

No mapa das funções da rede (Parte II da entrevista) foi entendido que a consigna: Nesse mapa, você deverá escrever no círculo com quem você conta para cada função correspondente, não precisa colocar o nome da pessoa! Poderia transmitir uma mensagem ambígua cuja interpretação do adolescente poderia ser que ele deveria colocar as pessoas com quem ele contava para cada situação representada ou que ele deveria colocar as pessoas que representassem aquelas funções. Dessa forma quando um adolescente escrevesse mãe no balão de medo/ameaça não ficaria claro se o adolescente conta com apoio da mãe nas situações de medo e ameaça ou se a mãe representa medo e ameaça para aquele adolescente. Como o objetivo da entrevista é identificar quem exerce essas funções na vida do adolescente, a consigna foi reescrita da seguinte forma:

*Nesse mapa, você deverá escrever no círculo quem é a pessoa ou instituição que representa cada função correspondente, não precisa colocar o nome em caso de pessoas!*

Foi acrescentado à consigna informações sobre os balões em branco:

*Você pode perceber que existem balões em branco, você pode preenchê-los se existir uma pessoa ou instituição importante na sua vida e que não se encaixou em nenhum outro balão, escreva também o que essa pessoa ou instituição representa para você.*

Os espaços em branco são relevantes, pois representam espaço de manifestação em que o adolescente pode exprimir sua individualidade acrescentado alguma função que não tenha sido prevista. A complexidade da rede de relações e de suas funções é única para cada sujeito e não pode ser pré-definida. Por essa relevância, entendeu-se que os espaços em branco precisariam de mais destaque.

Ainda com relação à Parte II da entrevista foi indicado que três adolescentes tiveram dificuldade de compreender o conceito representado pelas palavras-chave. Dado que os profissionais foram treinados pela pesquisadora para aplicar a entrevista e fornecer as devidas explicações e, ainda assim, três adolescentes tiveram dificuldade nesse sentido, entendemos que deveríamos elaborar uma nota explicativa com um breve conceito de cada palavra-chave.

Quanto à Parte III da entrevista ficou claro que deveríamos realizar um esforço diminuir a quantidade de itens e avaliar a necessidade de itens parecidos que dão a sensação de repetição.

### **2.5.2. Avaliação crítica e seletiva dos itens da entrevista – Parte III**

A aplicação piloto levantou vários pontos de reflexão para a reconstrução da Parte III da entrevista que se dará por meio de uma avaliação crítica e seletiva das assertivas. Alguns pontos ficaram abertos na avaliação crítica da linguagem e do conteúdo, esses pontos serão aqui retomados e repensados de acordo com os resultados da aplicação piloto. Por meio da aplicação piloto percebemos a necessidade de diminuir a extensão da entrevista e reavaliar a necessidade de itens parecidos que podem dar sensação de repetição, cada assertiva será avaliada e selecionada com base nesses parâmetros. Para isso foram construídas tabelas que

apresentam quantos adolescentes apresentaram respostas no sentido do risco para cada item. Respostas de risco foram computadas com o valor 1, respostas de proteção foram computadas com o valor 0. Sendo assim, o somatório dos valores e as porcentagens são relativas à respostas de risco.

Na avaliação crítica da linguagem e do conteúdo, foi levantado que os itens *Já usei drogas para não sentir fome* e *Já usei drogas para não sentir frio* não fariam parte da realidade de adolescentes em cumprimento de medias socioeducativas. No entanto, como pode ser visto na tabela abaixo, três adolescentes dos 14 que responderam à entrevista marcaram risco para essas afirmativas, o que significa que eles responderam *Sim*. Como esses itens denotam desamparo, entendemos que por mais que não faça parte da realidade da maioria dos adolescentes, é importante para o profissional de medidas socioeducativas identificar quais são os adolescentes que estão mais próximos dessa forma de desamparo. Sendo assim, os itens serão mantidos, mas condensados num único item: *Já usei drogas para não sentir fome ou frio*. Esse item denota contexto de vulnerabilidade social em que a droga está exercendo papel funcional de aliviar situações desprazerosas, situações de desamparo e vulnerabilidade.

O item *uso drogas para curtir os efeitos, o que ela me faz sentir* foi entendido como sendo aberto demais, pouco específico e por isso foi retirado. O item *Uso drogas para ficar fora de mim* também foi retirado, pois apenas um adolescente se identificou e não se refere a um ponto imprescindível. Os demais itens dessa categoria foram mantidos.

**Tabela 16.** Função da droga.

<b>Itens que buscam investigar a função do droga</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
<b>5</b> Já usei drogas para não sentir fome	1	7%
<b>15</b> Uso drogas para esquecer de coisas ruins	6	43%
<b>25</b> Uso drogas para curtir os efeitos, o que ela me faz sentir	8	57%



<b>33</b>	Já usei drogas para não sentir frio	2	14%
<b>62</b>	Uso drogas para relaxar	8	57%
<b>74</b>	Uso drogas para me divertir	9	64%
<b>90</b>	Uso drogas pra ficar mais rápido	4	29%
<b>109</b>	Uso drogas para ficar acordado	3	21%
<b>110</b>	Uso drogas para ficar fora de mim	1	7%
<b>Total de respostas</b>		<b>14</b>	

Os itens que buscam investigar o nível de dependência foram mantidos. Apesar de nenhum adolescente ter se identificado com o item *uso drogas direto e muito* entende-se que esse item é importante para identificar uma forma de consumo de drogas arriscada.

**Tabela 17.** Nível de dependência.

<b>Itens que buscam investigar o nível de dependência</b>		<b>Total</b>	<b>%</b>
<b>2</b>	Uso drogas direto, mas em pouca quantidade	8	57%
<b>34</b>	Uso drogas direto e uso muito	0	0%
<b>42</b>	Uso drogas só de vez em quando, mas numa quantidade grande	4	29%
<b>43</b>	Uso drogas, mas não é sempre	8	57%
<b>98</b>	Já usei drogas, mas foi só para saber como é	10	71%
<b>Total de respostas</b>		<b>14</b>	

No grupo de itens que investigam a relação entre uso de drogas e prática de delitos, alguns itens foram retirados. O objetivo é avaliar se existe uma relação de dependência entre uso de drogas e prática de delitos. Sendo assim, o item *Uso drogas pra ter coragem de fazer um assalto* foi retirado, pois o item *Só uso drogas pra ter coragem de fazer um assalto* abarca melhor a idéia de dependência e foi mais significativo para os adolescentes participantes da pesquisa. O mesmo foi pensado para o item *Preciso roubar pra comprar drogas*, o item foi retirado, permanecendo assim aquele que abarca melhor a idéia de dependência: *Só roubo*

*quando preciso de dinheiro pra comprar drogas.* A frase foi reescrita para sair da forma negativa. Dessa maneira, diminuem a quantidade de itens semelhantes que dão impressão de repetição e o item torna-se mais claro na forma afirmativa.

**Tabela 18.** Uso de drogas e prática de delitos.

<b>Itens que buscam investigar a relação: uso de drogas e prática de delitos</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
<b>10</b> Quando uso drogas, acabado roubando e depois não lembro	2	14%
<b>48</b> Só roubo quando não tenho dinheiro pra comprar drogas	2	14%
<b>81</b> Só uso drogas pra ter coragem de fazer um assalto	1	7%
<b>91</b> Quando uso drogas, fico violento	1	7%
<b>92</b> Preciso roubar pra comprar drogas	1	7%
<b>100</b> Uso drogas pra ter coragem de fazer um assalto	0	0%
<b>Total de respostas</b>	<b>14</b>	

Ainda com a idéia de selecionar as assertivas semelhantes, nos itens que buscam avaliar a dependência dos efeitos, os itens: *Não consigo controlar quando eu vou usar a droga; Não consigo controlar minha vontade de usar drogas; Não consigo controlar onde eu vou usar a droga; Não consigo controlar quanto da droga eu vou usar*, foram condensados em um único item: *Não controlo minha vontade de usar drogas, falta controle de onde, quando ou quanto da droga eu vou usar*. Entende-se que dessa forma as assertivas se tornam menos repetitivas e facilita ao profissional identificar a existência de dependência dos efeitos, uma vez que, esses itens representam um só critério da OMS.

**Tabela 19.** Dependência dos efeitos.

<b>Itens que buscam investigar a dependência dos efeitos</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
<b>19</b> Tem dias em que fico pensando na droga o tempo todo	1	7%
<b>52</b> Quando estou usando drogas não faço mais nada	1	7%
<b>56</b> Não consigo controlar onde eu vou usar a droga	3	21%
<b>58</b> Não consigo controlar quando eu vou usar a droga	2	14%
<b>60</b> Não consigo controlar minha vontade de usar drogas	2	14%
<b>78</b> Me sinto fisicamente mal quando não posso usar drogas	3	21%
<b>87</b> Preciso usar mais drogas para sentir a mesma coisa	1	7%

<b>120</b>	Sei que usar drogas me faz mal, mas continuo usando	11	79%
<b>125</b>	Não consigo controlar quanto da droga eu vou usar	2	14%
<b>Total de respostas</b>		<b>14</b>	

Como pode ser observado na tabela abaixo os itens de dependência relacional afetiva obtiveram muitas respostas no sentido do risco. Foi entendido que os itens foram escritos de forma aberta demais e por esse motivo muitos adolescentes se identificaram. Na avaliação crítica da linguagem foi levantado que os itens não estavam expressando corretamente a mensagem pretendida, essa suspeita foi corroborada pelos resultados abaixo e, portanto entende-se que não são bons itens para identificar relações de co-dependência. Os itens abaixo foram substituídos por um único item: *Depois que me envolvi com drogas, existe alguém que passa muito tempo cuidando de mim.*

**Tabela 20.** Dependência relacional afetiva.

<b>Itens que buscam investigar a dependência relacional afetiva</b>		<b>Total</b>	<b>%</b>
<b>65</b>	Existe (m) pessoa (s) que deixa (m) de viver a própria vida para cuidar de mim	10	71%
<b>123</b>	Existe (m) pessoa (s) que se dedica(m) demais a mim	14	100%
<b>Total de respostas</b>		<b>14</b>	

Quanto aos itens de dependência do fornecedor, pode ser observado que são itens semelhantes e portanto foram reduzidos a um único item: *Sou amigo de quem me fornece drogas.* No entanto, a pesquisadora entendeu que esse item não é suficiente para compreender a complexidade da relação entre o adolescente e o fornecedor de drogas. Para tanto, para compreender o movimento relacional que pode construir relação de dependência entre o adolescente e o fornecedor, foram acrescentados alguns itens:

*Tem vezes que fico na mão de quem me fornece drogas*

*Fico perdido quando o traficante não me vende drogas*

*Já tive que fazer favores pro traficante pra ter droga*

*Ganho drogas dos meus amigos*

*Às vezes fico contrariado com quem me dá drogas*

**Tabela 21.** Dependência do fornecedor.

<b>Itens que buscam investigar a dependência do fornecedor</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
<b>18</b> Sou amigo de quem me dá cola, thinner	0	0%
<b>24</b> Sou amigo de quem me dá bebida	4	29%
<b>53</b> Sou amigo de quem me dá remédios sem receita	1	7%
<b>71</b> Sou amigo de quem me dá cigarros	3	21%
<b>Total de respostas</b>	<b>14</b>	

Na avaliação crítica da linguagem foi levantado que o item *Quando não recebo dinheiro em casa, não tenho como comprar drogas* não faria sentido para os adolescentes em medidas socioeducativas, pois esses adolescentes não recebem dinheiro em casa. No entanto, esse item obteve a mesma frequência de respostas de risco que os demais itens do grupo que investigam a dependência do provedor. Sendo assim, o item foi mantido, bem como os demais. O intuito é compreender o fenômeno em suas várias dimensões, imerso em sua lógica e complexidade, portanto, mesmo que na avaliação de linguagem alguns itens tiveram indicativo de retirada, não foram retirados itens que fizeram sentido na aplicação piloto. No entanto, alguns itens foram alterados da forma negativa para a forma afirmativa, no intuito de deixar a mensagem mais clara, visto que alguns adolescentes tiveram dificuldades com algumas frases na negativa, como pôde ser observado na avaliação da linguagem. Sendo assim o item *Quando não recebo dinheiro em casa, não tenho como comprar drogas* foi alterado para *Compro drogas com o dinheiro que ganho em casa*. E o item *Se não vendo drogas não consigo para mim* foi alterado para *preciso vender drogas para ter para mim*.

**Tabela 22.** Dependência do provedor.

<b>Itens que buscam investigar a dependência do provedor</b>		<b>Total</b>	<b>%</b>
<b>3</b>	Para ter drogas, pego coisas da minha casa pra dar em troca	0	0%
<b>30</b>	Fico desesperado sem emprego, sem grana pra comprar drogas	1	7%
<b>49</b>	Quando não recebo dinheiro em casa, não tenho como comprar drogas	1	7%
<b>55</b>	Se não vendo drogas, não consigo pra mim	1	7%
<b>104</b>	Tenho que roubar pra comprar drogas	1	7%
<b>Total de respostas</b>		<b>14</b>	

Nos itens de dependência dos pares o item *Usei drogas pra entrar na gangue* foi retirado, uma vez que não fez sentido para nenhum dos adolescentes participantes. O item *Uso drogas por conta própria* foi retirado, foi entendido que o item não estava expressando uma mensagem ampla demais, pois o item obteve respostas 12 respostas de risco (vide tabela abaixo). Quanto aos itens *Só uso drogas com meus parceiros da gangue* e *Só uso drogas com meus amigos* foram transformados em um único item no intuito de evitar semelhanças: *Só uso drogas com meus parceiros*.

**Tabela 23.** Dependência dos pares.

<b>Itens que buscam investigar a dependência dos pares</b>		<b>Total</b>	<b>%</b>
<b>29</b>	Só uso drogas com meus parceiros da gangue	2	14%
<b>38</b>	Meus amigos informam o contato pra ter drogas	8	57%
<b>73</b>	Só uso drogas com meus amigos	4	29%
<b>85</b>	Usei drogas pra entrar na gangue	0	0%
<b>115</b>	Uso drogas por conta própria	12	86%
<b>Total de respostas</b>		<b>14</b>	

Quanto ao grupo de itens de dependência de crenças o item *Usar drogas dá mais força para enfrentar a vida* foi retirado, pois tem sentido semelhante ao item *Usar drogas ajuda a passar por dificuldades* e o último fez mais sentido para os adolescentes, como pode

ser observado na tabela que se segue. O item *Se a pessoa quiser, ela pára de usar drogas* obteve respostas de risco de 13 dos 14 adolescentes participantes, a pesquisadora entendeu que o item pode ser reescrito de forma mais específica: *Uma pessoa dependente de drogas consegue parar com facilidade basta força de vontade*. Os itens *Quanto mais a pessoa usa drogas, menos mal a droga faz* e *Usar drogas é doença, tem que tratar* foram retirados, pois foi entendido que seriam tópicos difíceis de serem trabalhados pelos profissionais de medidas socioeducativas.

**Tabela 24.** Dependência de crenças.

<b>Itens que buscam investigar a dependências de crenças</b>		<b>Total</b>	<b>%</b>
<b>1</b>	Só gente fraca fica viciada	9	64%
<b>26</b>	Usar drogas vai aliviar o cumprimento da medida	3	21%
<b>31</b>	Usar drogas ajuda a passar por dificuldades	2	14%
<b>44</b>	Usar drogas é doença, tem que tratar	8	57%
<b>63</b>	Se a pessoa quiser, ela pára de usar drogas	13	93%
<b>64</b>	Quem usa drogas acaba tendo que vender também	6	43%
<b>88</b>	Usar drogas dá mais força para enfrentar a vida	1	7%
<b>95</b>	Quem usa drogas começa usando pouco mais logo já está usando muito	4	29%
<b>118</b>	Baseado faz menos mal que cigarro	12	86%
<b>122</b>	Quanto mais a pessoa usa drogas, menos mal a droga faz	4	29%
<b>Total de respostas</b>		<b>14</b>	

Os itens de informações sobre drogas foram retirados na íntegra uma vez que a entrevista precisava ser reduzida. A pesquisadora entendeu que por mais que esses itens pudessem oferecer um ponto de partida para um diálogo aberto sobre drogas entre os profissionais e os adolescentes, são itens que não trabalham o aspecto relacional do uso de drogas. Sendo assim, esse é um tópico mais fácil de ser trabalhado pelos profissionais sem o incentivo inicial da entrevista.

**Tabela 25.** Informações sobre drogas.

<b>Itens que buscam investigar Informações sobre drogas</b>		<b>Total</b>	<b>%</b>
<b>6</b>	Drogas são só aquelas proibidas	3	21%
<b>8</b>	Crack e merla viciam rápido	1	7%
<b>20</b>	Cigarro é droga.	2	14%
<b>37</b>	Álcool é droga.	2	14%
<b>39</b>	Eu procuro saber sobre álcool e drogas	10	71%
<b>77</b>	Beber muito, mesmo que só de vez em quando, faz mal	5	36%
<b>79</b>	Bebidas energéticas são drogas.	7	50%
<b>99</b>	Misturar drogas pode ser mais perigoso	1	7%
<b>103</b>	Droga pura faz mais mal que a batizada	6	43%
<b>107</b>	Beber um pouco todo dia não faz mal	10	71%
<b>111</b>	Cerveja não é droga.	10	71%
<b>127</b>	Cola, thinner, loló vicia	1	7%
<b>Total de respostas</b>		<b>14</b>	

Ainda no intuito de reduzir o tamanho da entrevista alguns itens de análise da rede familiar foram retirados. O item *Depois que comecei a usar drogas minha família esta mais próxima de mim* foi retirado, pois tem sentido semelhante ao item *Depois que comecei a usar drogas minha família está mais afastada de mim* e o último demonstrou ser mais específico na avaliação do risco. Visto a tabela abaixo pode ser observado que 79% dos adolescentes deram uma resposta de risco para o primeiro item, o que demonstra que ele está sendo pouco específico.

Os itens *Minha família sabe que o dinheiro que levo pra casa vem de roubos* e *Minha Família sabe que o dinheiro que levo para dentro de casa vem do tráfico* foram transformados em um único item *Minha família sabe que o dinheiro que levo para dentro de casa vem de roubos ou tráfico*.

Os itens *Na minha família todos podem beber a vontade*, *Tem pessoas na minha família que bebem muito*, *Meu pai bebe muito* foram retirados, pois foi entendido que uma vez definido na entrevista que droga também se refere ao álcool, o item *Tem pessoas na minha família que se drogam muito* abarca todos os itens referidos acima. Como pode ser observado na tabela abaixo o item mantido recebeu menos respostas de risco do que os itens retirados, no entanto, a entrevista na versão da aplicação piloto ainda não continha a definição de droga e, portanto os adolescentes não devem ter se referido à bebidas alcoólicas ao responder esse item. Acredita-se que esclarecida a definição de drogas o item mantido fará referência à todos os tipos de drogas e abará a questão em toda sua complexidade.

Foi entendido que os itens *Existe violência em minha família*, *Em minha família tem muita briga*, *Na minha família tem pessoas que me ameaçam* são itens com mensagens no mesmo sentido, sendo assim a primeira assertiva *Existe violência em minha família* foi retirada, como pode ser visto na tabela abaixo, esse item só fez sentido para um adolescente e entende-se que as assertivas mantidas já seriam suficientes para se trabalhar essa questão.

Da mesma forma a pesquisadora entendeu que os itens *Sinto falta de conversar com minha família* e *Gostaria de ser mais próximo de minha família* têm mensagens no mesmo sentido e portanto basta uma ser mantida. Como as duas obtiveram a mesma quantidade de respostas de risco, a escolha foi aleatória. Foi mantido *Sinto falta de conversar com minha família*. Esse item indica falha na rede relacional familiar, um vácuo afetivo, indica função de proteção que a família está deixando de exercer.

**Tabela 26.** Rede relacional- família.

<b>Itens que buscam investigar a rede relacional - Família</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
<b>9</b> Depois que comecei a usar drogas minha família esta mais próxima de mim	11	79%
<b>13</b> Minha família sabe que o dinheiro que levo pra casa vem de roubos	2	14%
<b>22</b> Em minha família tem muita briga	3	21%



<b>36</b>	Já perdi parentes jovens de repente	9	64%
<b>40</b>	Meu pai bebe muito	3	21%
<b>50</b>	Existe violência em minha família	1	7%
<b>54</b>	Depois que comecei a usar drogas minha família está mais afastada de mim	5	36%
<b>72</b>	Tem pessoas na minha família que se drogam muito	2	14%
<b>82</b>	Na minha família todos podem beber a vontade	7	50%
<b>83</b>	Minha Família sabe que o dinheiro que levo para dentro de casa vem do tráfico	2	14%
<b>84</b>	Sinto rejeitado por minha família	2	14%
<b>93</b>	Sinto que só dou problemas para minha família	7	50%
<b>94</b>	Gostaria de ser mais próximo de minha família	9	64%
<b>106</b>	Tem pessoas na minha família que bebem muito	4	29%
<b>108</b>	Quando uso drogas, fico mais independente de minha família	8	57%
<b>27</b>	Perdi a confiança de minha família por causa de meu uso de drogas	6	43%
<b>114</b>	Minha família não impõe autoridade e limites	6	43%
<b>117</b>	Sinto falta de conversar com minha família	9	64%
<b>124</b>	Na minha família tem pessoas que me ameaçam	2	14%
<b>128</b>	Minha família tem muito pouco dinheiro para viver	5	36%
<b>Total de respostas</b>		<b>14</b>	

Para investigar a existência de relações de parentalização alguns itens não se demonstraram eficazes (vide tabela que se segue). Nenhum adolescente se identificou com a assertiva *Gostaria de poder me afastar de minha família*, entende-se que ela está na mesma direção da assertiva *Às vezes tenho vontade que minha família não precise tanto de mim*, portanto, mantém-se a última, que fez mais sentido para os adolescentes, e retira-se a primeira.

Da mesma maneira, nenhum adolescente se identificou com o item *Vendo drogas para ajudar no sustento de casa*, sendo assim o item foi retirado. Entende-se que o item de

relações familiares *Minha família sabe que o dinheiro que levo para dentro de casa vem de roubos ou tráfico* trata da mesma questão e será mais efetivo.

Os itens *Tenho de cuidar dos meus irmãos mais novos* e *Tenho que ajudar meus irmãos nos deveres* são itens que investigam a mesma questão, mas a pesquisadora entendeu que eles não estavam necessariamente avaliando situação de risco. Os itens foram substituídos por: *Tenho que cuidar de meus irmãos quando meus pais saem para trabalhar*. Dessa forma, o item está mais próximo de identificar relação de parentalização, uma vez implica situação frequente em que o adolescente assume papel de cuidador, sendo ignorado em seu papel de filho.

Os itens *Não tenho tempo para brincar* e *Não tenho tempo para estudar* foram transformados em um único item: *Falta tempo para estudar ou fazer atividade que eu gosto*. Como pode ser verificado na tabela abaixo, o item *Sinto que devo proteger minha família* foi marcado por todos os adolescentes, entendeu-se que a assertiva estava aberta demais e, portanto, foi reescrita da seguinte forma: *Sinto que minha família ficaria desprotegida sem mim*. O item escrito dessa forma denota a fragilidade da família que está sendo suprida pelo adolescente, ao invés de ser suprida pelos adultos da relação familiar.

**Tabela 27.** Relações de parentalização.

<b>Itens que buscam investigar relações de parentalização</b>		<b>Total</b>	<b>%</b>
<b>7</b>	Não tenho tempo para brincar	5	36%
<b>11</b>	Tenho que ajudar no sustento de casa	6	43%
<b>12</b>	Meu pai não aparece ou não se importa	8	57%
<b>28</b>	Tenho que ajudar meus irmãos nos deveres	8	57%
<b>41</b>	Às vezes tenho vontade que minha família não precise tanto de mim	3	21%
<b>67</b>	Gostaria de poder me afastar de minha família	0	0%
<b>68</b>	Não tenho tempo para estudar	4	29%
<b>75</b>	Tenho muito medo de abandonar minha família	12	86%
<b>76</b>	Sinto que devo proteger minha família	14	100%
<b>89</b>	Tenho de cuidar dos meus irmãos mais novos	5	36%

<b>105</b>	Sou mais chegado a minha mãe que ao meu pai	11	79%
<b>112</b>	Sinto que tenho que me dedicar demais a minha família	10	71%
<b>126</b>	Vendo drogas para ajudar no sustento de casa	0	0%
<b>Total de respostas</b>		<b>14</b>	

Quanto aos itens que investigam as relações no ambiente escolar o item *Eu era ameaçado* na escola não fez sentido para nenhum adolescente e, portanto, foi retirado (vide tabela abaixo). Os itens *Não acredito que a escola vai me dar um futuro melhor* e *Não acredito na escola* são itens semelhantes, decidiu-se manter somente o segundo, pois alguns adolescentes se confundiram com a negação da primeira frase.

**Tabela 28.** Rede relacional- Escola.

<b>Itens que buscam investigar a rede relacional – Escola</b>		<b>Total</b>	<b>%</b>
<b>4</b>	A escola não ensina a enfrentar a vida	5	36%
<b>21</b>	Não acredito que a escola vai me dar um futuro melhor	5	36%
<b>61</b>	Eu era ameaçado na escola	0	0%
<b>102</b>	Não acredito na escola	7	50%
<b>121</b>	Não entendo nada na escola	9	64%
<b>Total de respostas</b>		<b>14</b>	

Os itens que analisam as relações na comunidade foram mantidos. Apenas o item *Onde moro não tem coisas legais pra fazer* foi alterado para *Moro num lugar sem coisas legais para fazer*. A intenção foi tirar a frase da forma negativa no sentido de torná-la mais clara.

**Tabela 29.** Rede relacional-comunidade.

<b>Itens que buscam investigar a rede relacional - Comunidade</b>		<b>Total</b>	<b>%</b>
<b>14</b>	Onde moro é fácil comprar drogas	10	71%
<b>32</b>	Onde moro não tem coisas legais pra fazer	4	29%

<b>47</b>	Tem muito perigo onde eu moro	10	71%
<b>59</b>	Era ameaçado onde moro	3	21%
<b>129</b>	Onde moro tem que usar drogas pra se divertir	2	14%
<b>Total de respostas</b>		<b>14</b>	

Quanto aos itens que investigam as relações com os pares, muitos davam a sensação de repetição, pois um mesmo item foi escrito com relação aos amigos e com relação aos parceiros da gangue. Para evitar essa situação para todos os itens repetidos foram retirados aqueles itens que tratavam de parceiros da gangue e foi acrescentado o item *Os parceiros da gangue são meus amigos*. Entende-se que dessa maneira será possível identificar se os amigos fazem ou não parte de uma gangue e evita-se repetição. O item *Não confio em meus parceiros da gangue* foi reescrito na afirmativa: *Falta confiança nos parceiros da gangue*.

**Tabela 30.** Rede relacional- pares.

<b>Itens que buscam investigar a rede relacional - Pares</b>		<b>Total</b>	<b>%</b>
<b>16</b>	Meus amigos são violentos	7	50%
<b>35</b>	Meus amigos trabalham no tráfico	8	57%
<b>45</b>	Meus amigos me obrigam a fazer coisas que não gosto	0	0%
<b>46</b>	Meus amigos acham legal usar drogas	11	79%
<b>80</b>	Sinto que perdi amigos pelo meu uso de drogas	8	57%
<b>51</b>	Meus parceiros da gangue acham legal usar drogas	6	43%
<b>69</b>	Faço parte de uma gangue	1	7%
<b>70</b>	Meus parceiros da gangue me obrigam a fazer coisas erradas	0	0%
<b>96</b>	Minha namorada ou meu namorado usa drogas	2	14%
<b>97</b>	Meus parceiros da gangue são violentos	4	29%
<b>113</b>	Não confio em meus parceiros da gangue	2	14%
<b>119</b>	Meus amigos usam drogas	11	79%
<b>Total de respostas</b>		<b>14</b>	

Os itens que percorrem a auto-percepção com relação ao uso de drogas foram mantidos sem alterações.

**Tabela 31.** Auto-percepção com relação ao uso de drogas.

<b>Itens que buscam investigar auto-percepção com relação ao uso de drogas</b>		<b>Total</b>	<b>%</b>
<b>17</b>	Depois que me envolvi com drogas, fico mais triste	5	36%
<b>23</b>	Sinto que estou esquecendo muito as coisas por causa da droga	6	43%
<b>57</b>	Estou ficando lerdo por causa das drogas	4	29%
<b>66</b>	Depois que me envolvi com drogas, tem hora que me sinto só	8	57%
<b>86</b>	Depois que me envolvi com drogas, estou sendo ameaçado	0	0%
<b>101</b>	Quando uso drogas solto a raiva que tem dentro de mim	3	21%
<b>116</b>	Depois que me envolvi com drogas, não penso no amanhã	3	21%
<b>Total de respostas</b>		<b>14</b>	

### 3 APRESENTAÇÃO DA VERSÃO FINAL DA ENTREVISTA ESTRUTURADA

#### CONVITE

Olá!

A nossa unidade está querendo compreendê-lo melhor em suas necessidades e suas qualidades.

Estamos iniciando pelo conhecimento das situações que o colocam em risco e das que o protegem, em relação ao envolvimento com drogas.

O objetivo é construirmos, juntos, o plano individual de atendimento - PIA.

Acreditamos que vocês são os mais interessados na própria saúde e bem estar e, por isso, são os personagens fundamentais na elaboração do PIA.

Para concretizarmos este trabalho, estamos convidando você para participar de uma atividade que se divide em três partes.

- **Na primeira parte** você deverá preencher o mapa de sua rede social;
- **Na segunda parte** você deverá preencher o mapa das funções da rede social;
- **Na terceira parte** você deverá responder algumas questões sobre situações do seu dia a dia.

A atividade é simples. Siga as instruções e pergunte, em caso de dúvida. Para entender melhor este convite é importante que você saiba :

1. O **PIA** é um instrumento pedagógico que visa a garantir o respeito aos direitos dos adolescentes no decorrer de um processo socioeducativo. É uma forma de a instituição conhecer e traçar estratégias para os adolescentes que estão dando início ao cumprimento de uma medida socioeducativa.

2. A **rede social** é o conjunto de pessoas que considera importantes para você atualmente. Pessoas com as quais pode contar para lhe dar conselhos, apoio, ajuda ou lhe fazer companhia. As redes sociais podem conter tanto **fatores de risco como de proteção** aos adolescentes em relação ao envolvimento com drogas.

3. Consideramos **drogas** todas as substâncias psicotrópicas (atuam no sistema nervoso central e causam dependência) que alteram o comportamento e as emoções como: o álcool, o tabaco, a maconha, o Thinner, a cocaína, dentre outros.

**IMPORTANTE: esta atividade não será transmitida ao Juiz responsável e não terá nenhuma consequência negativa na medida, portanto seja sincero.**

Obrigada por sua participação!

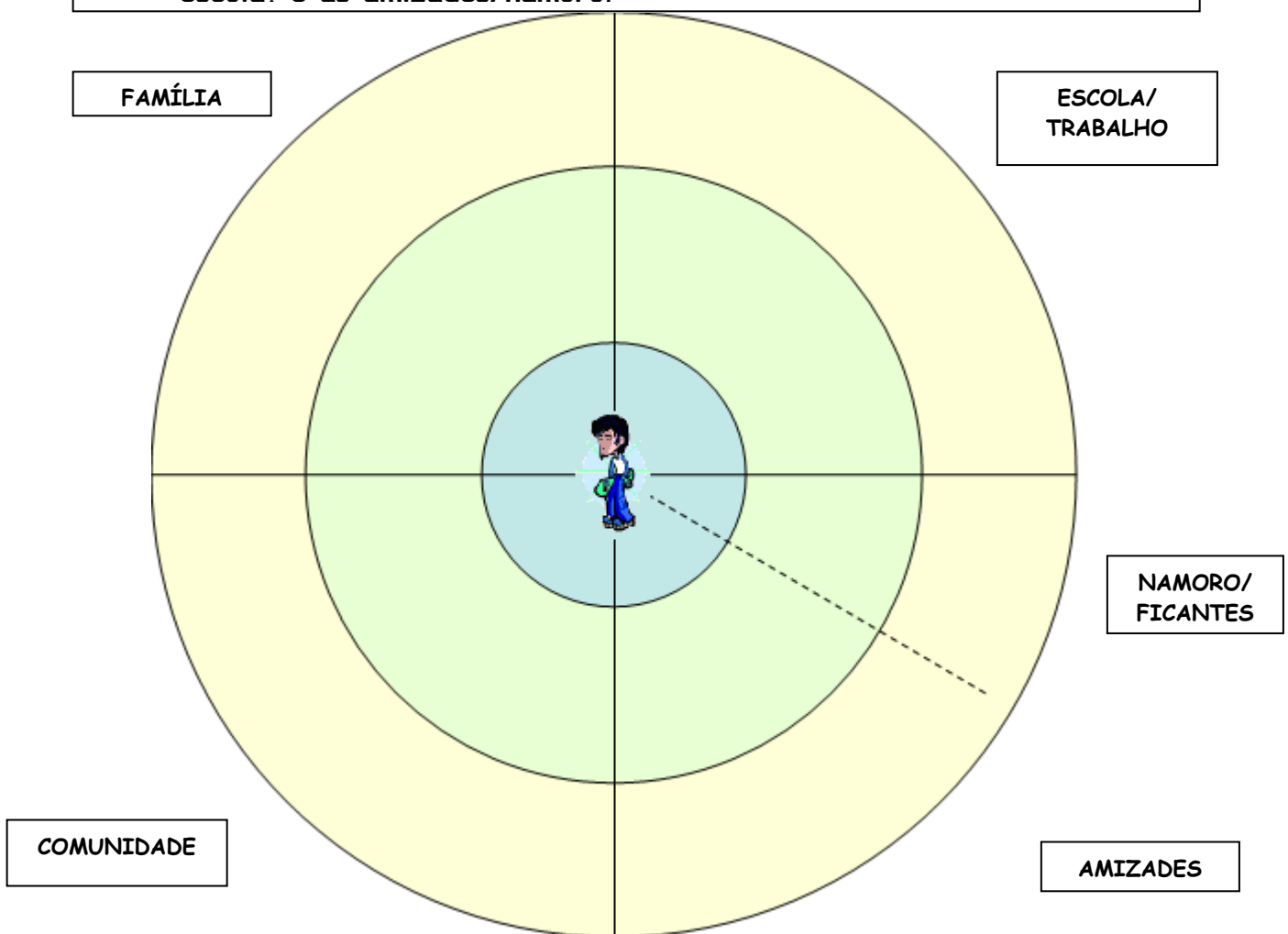
*Profissional:*

Drogas: álcool, thinner, remédios sem receita, cocaína, crack, merla, maconha, etc.

## Parte I - Mapeando minha a rede social

Vamos começar preenchendo um "mapa da sua rede social".

- Nesse mapa, cada pessoa será representada da seguinte forma: por um círculo, se for do sexo feminino, e por um quadrado, se for do sexo masculino. Não precisa colocar nomes.
- Para colocar as pessoas no mapa, existem algumas regras que você deve seguir:
  - I. Você está localizado no centro do desenho.
  - II. No círculo mais interno (**azul**) represente as pessoas mais íntimas, de sua maior confiança.
  - III. No círculo do meio (**verde**) represente as pessoas importantes para você, mas que não estão tão próximas.
  - IV. No círculo externo (**amarelo**) coloque as pessoas que você considera que fazem parte das suas relações, mas que não são tão importantes ou que estão mais distantes de você neste momento de sua vida.
  - V. Observe que os círculos são divididos em **quatro partes**, cada uma correspondendo a uma área da sua vida: **a família, a comunidade, a escola e as amizades/namoro.**



Drogas: álcool, thinner, remédios sem receita, cocaína, crack, merla, maconha, etc.

1. Agora me diga: das pessoas que você representou no mapa das redes quais se relacionam entre si? Vamos fazer um traço ligando essas pessoas. Lembre-se de relacionar as diferentes áreas da sua vida: família, escola/trabalho, amizades e comunidade.
  
2. Das pessoas que você representou acima existe uma ou mais pessoas que você acha que está se afastando de você? Vamos fazer uma seta para o lado externo (→) nessas pessoas.
  
3. Das pessoas que você representou acima existe uma ou mais pessoas que você acha que está se aproximando de você? Vamos fazer uma seta para o lado interno(←) nessas pessoas.
  
4. Agora vamos representar com um triângulo ( Δ ) onde existem drogas no seu mapa.

Drogas: álcool, thinner, remédios sem receita, cocaína, crack, merla, maconha, etc.



## Parte II - Mapeando as funções da minha rede social

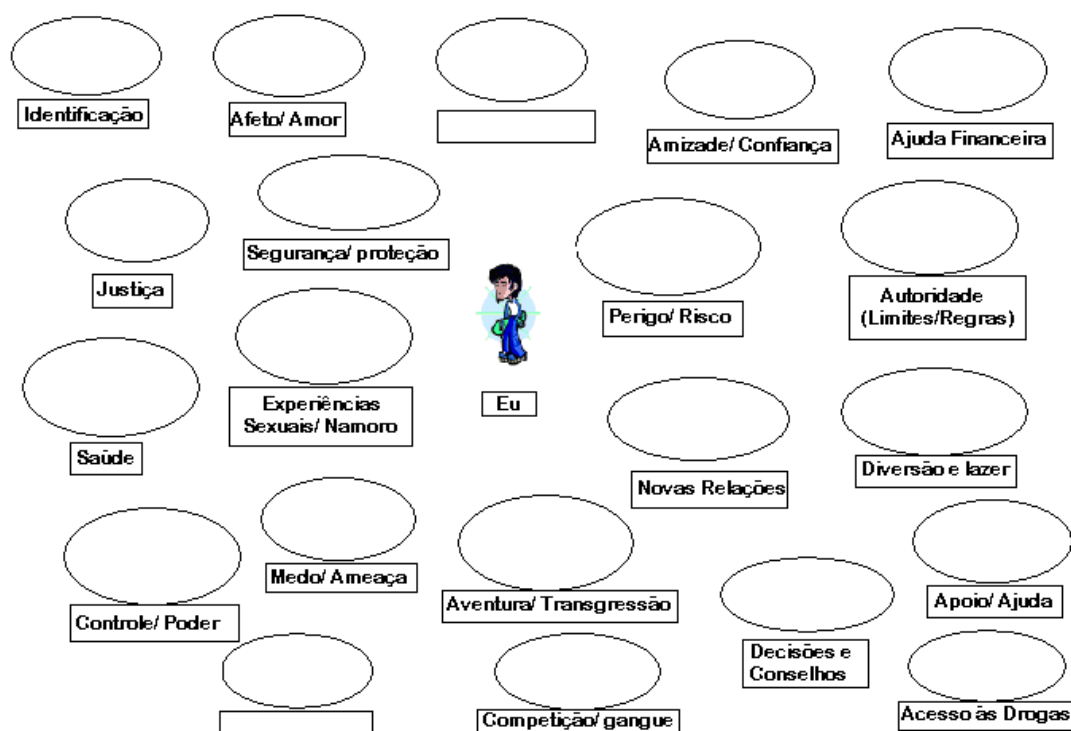
Vamos começar preenchendo um "mapa sobre as funções da rede social".

- Nesse mapa, você deverá escrever no círculo quem é a pessoa ou instituição que representa cada função correspondente, não precisa colocar o nome em caso de pessoas!
- Por exemplo:



- Você pode perceber que existem balões em branco, pode preenchê-los se existir uma pessoa ou instituição importante na sua vida e que não se encaixou em nenhum outro balão, escreva também o que essa pessoa ou instituição representa para você.
- Caso você tenha dúvidas a respeito das palavras abaixo, vá à página seguinte, lá você encontrará explicações.
- 

MAPA DAS FUNÇÕES DA REDE



Drogas: álcool, thinner, remédios sem receita, cocaína, crack, merla, maconha, etc.

- Identificação:** pessoa que é um exemplo que você gostaria de seguir.
- Afeto/Amor:** pessoa de quem você recebe afeto; ambiente onde recebe, amor, carinho.
- Amizade/ Confiança** pessoa ou lugar que você tenha amizade e relação de confiança.
- Ajuda Financeira:** pessoa ou um lugar que te oferece ajuda financeira.
- Justiça:** pessoa ou lugar que representa justiça na sua vida.
- Segurança/ Proteção:** pessoa ou lugar que te oferece segurança e proteção.
- Perigo/ Risco:** pessoa ou lugar que representa perigo e risco na sua vida.
- Autoridade:** pessoa ou lugar que estabelece limites e regras para você.
- Saúde:** pessoa ou lugar que te oferece suporte nas questões relativas à sua saúde.
- Experiências sexuais/ namoro:** pessoa com quem você tem relação sexual ou de namoro.
- Novas Relações:** pessoa ou lugar que te apresenta para novas pessoas, novas relações.
- Diversão e lazer:** pessoa ou lugar que representa diversão e lazer na sua vida.
- Controle e poder:** pessoa ou lugar que exerce controle e poder sobre você.
- Medo e ameaça:** pessoa ou lugar que representa medo e ameaça para você.
- Aventura e transgressão:** pessoa ou lugar que representa aventura e quebra de regras na sua vida.
- Decisões e conselhos:** pessoas ou instituições que te oferecem ajuda quando você tem de tomar uma decisão, te oferece conselhos.
- Apoio/Ajuda:** pessoa ou lugar com que você conta quando precisa de apoio e ajuda.
- Competição/gangue:** pessoa com quem você estabelece uma relação de competição, de gangue.
- Acesso às drogas:** pessoa ou lugar que te oferece drogas.

### Parte III - Questões sobre situações do meu dia-a-dia

Agora você irá responder mais algumas afirmativas sobre você. Vamos lá?		
Abaixo você encontrará uma ou mais ações, atividades ou situações que podem ou não fazer parte do seu dia-a-dia. Leia atentamente cada uma e avalie de que forma elas estão presentes em sua vida. Seja sincero com você e lembre-se que não há resposta certa ou errada. <b>Caso você fique na dúvida se marca Sim ou Não, lembre-se:</b> <b>Se na maior parte do tempo ou das situações a afirmativa for verdadeira, marque um X em ( ) Sim e se na maior parte do tempo ou das situações a afirmativa não for verdadeira, marque um X em ( ) Não.</b>		
EXEMPLO: Eu me acho bonito(a)	( ) sim	( ) não
➤ Se na maior parte do tempo essa situação <b>ocorre</b> com você marque um X em "sim"	(X) <b>sim</b>	( ) sim
➤ Se na maior parte do tempo essa situação <b>não ocorre</b> com você, marque um X em "não"	( ) sim	(X) <b>não</b>

### VAMOS COMEÇAR?

	Itens	Sim	Não
1	Só gente fraca fica viciada	( ) Sim	( ) Não
2	Uso drogas direto, mas em pouca quantidade	( ) Sim	( ) Não
3	Para ter drogas, pego coisas da minha casa para dar em troca	( ) Sim	( ) Não
4	A escola não ensina a enfrentar a vida	( ) Sim	( ) Não
5	Já usei drogas para não sentir fome ou frio	( ) Sim	( ) Não
6	Falta tempo para estudar ou fazer atividade que eu gosto	( ) Sim	( ) Não
7	Quando uso drogas, acabado roubando e depois não lembro	( ) Sim	( ) Não
8	Tenho de ajudar no sustento de casa	( ) Sim	( ) Não
9	Meu pai não aparece ou não se importa	( ) Sim	( ) Não
10	Minha família sabe que o dinheiro que levo para dentro de casa vem de roubos ou tráfico	( ) Sim	( ) Não
11	Onde moro é fácil comprar drogas	( ) Sim	( ) Não
12	Uso drogas para esquecer de coisas ruins	( ) Sim	( ) Não
13	Meus amigos são violentos	( ) Sim	( ) Não
14	Depois que me envolvi com drogas, fico mais triste	( ) Sim	( ) Não

Drogas: álcool, thinner, remédios sem receita, cocaína, crack, merla, maconha, etc.

15	Sou amigo de quem me fornece drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
16	Tem dias que fico pensando na droga o tempo todo	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
17	Em minha família tem muita briga	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
18	Sinto que estou esquecendo muito as coisas por causa da droga	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
19	Tem vezes que fico na mão de quem me fornece drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
20	Usar drogas vai aliviar o cumprimento da medida	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
21	Perdi a confiança de minha família por usar drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
22	Tenho de cuidar de meus irmãos quando minha meus pais saem para trabalhar	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
23	Só uso drogas com meus parceiros	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
24	Fico desesperado sem emprego, sem grana para comprar drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
25	Usar drogas ajuda a passar por dificuldades	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
26	Moro num lugar sem coisas legais para fazer	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
27	Uso drogas direto e uso muito	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
28	Meus amigos trabalham no tráfico	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
29	Já perdi parentes jovens de repente	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
30	Meus amigos informam o contato para eu ter drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
31	Às vezes tenho vontade que minha família não precise tanto de mim	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
32	Uso drogas só de vez em quando, mas numa quantidade grande	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
33	Uso drogas, mas não é sempre	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
34	Meus amigos me obrigam a fazer coisas que não gosto	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
35	Meus amigos acham legal usar drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
36	Tem muito perigo onde eu moro	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
37	Só roubo quando preciso de dinheiro para comprar drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
38	Compro drogas com o dinheiro que ganho em casa	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
39	Os parceiros da gangue são meus amigos	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
40	Quando estou usando drogas não faço mais nada	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
41	Fico perdido quando o traficante não me vende drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
42	Depois que comecei a usar drogas minha família está mais afastada de mim	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
43	Preciso vender drogas para ter para mim	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
44	Estou ficando lerdo por causa das drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
45	Era ameaçado onde moro	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não

Drogas: álcool, thinner, remédios sem receita, cocaína, crack, merla, maconha, etc.

46	Uso drogas para relaxar	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
47	Uma pessoa dependente de drogas consegue parar com facilidade basta força de vontade	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
48	Quem usa drogas acaba tendo que vender também	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
49	Depois que me envolvi com drogas, existe alguém que passa muito tempo cuidando de mim	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
50	Depois que me envolvi com drogas, às vezes sinto-me só	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
51	Faço parte de uma gangue	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
52	Já tive que fazer favores para o traficante para ter droga	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
53	Tem pessoas na minha família que se drogam muito	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
54	Uso drogas para me divertir	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
55	Tenho muito medo de abandonar minha família	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
56	Sinto que minha família ficaria desprotegia sem mim	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
57	Sinto-me fisicamente mal quando não posso usar drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
58	Sinto que perdi amigos por usar drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
59	Só uso drogas para ter coragem de fazer um assalto	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
60	Sinto-me rejeitado por minha família	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
61	Depois que me envolvi com drogas, estou sendo ameaçado	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
62	Preciso usar mais drogas para sentir a mesma coisa	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
63	Uso drogas para ficar mais rápido	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
64	Quando uso drogas, fico violento	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
65	Sinto que só dou problemas para minha família	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
66	Quem usa drogas começa usando pouco mais logo já está usando muito	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
67	Minha namorada ou meu namorado usa drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
68	Já usei drogas, mas foi só para saber como é	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
69	Quando uso drogas solto a raiva que tem dentro de mim	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
70	Não acredito na escola	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
71	Tenho de roubar para comprar drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
72	Sou mais chegado a minha mãe que ao meu pai	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
73	Quando uso drogas, fico mais independente de minha família	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
74	Uso drogas para ficar acordado	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
75	Sinto que tenho de me dedicar demais a minha família	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
76	Falta confiança nos parceiros da gangue	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não

Drogas: álcool, thinner, remédios sem receita, cocaína, crack, merla, maconha, etc.

77	Minha família não impõe autoridade e limites	( ) Sim	( ) Não
78	Depois que me envolvi com drogas, não penso no amanhã	( ) Sim	( ) Não
79	Sinto falta de conversar com minha família	( ) Sim	( ) Não
80	Baseado faz menos mal que cigarro	( ) Sim	( ) Não
81	Meus amigos usam drogas	( ) Sim	( ) Não
82	Sei que usar drogas me faz mal, mas continuo usando	( ) Sim	( ) Não
83	Não entendo nada na escola	( ) Sim	( ) Não
84	Na minha família tem pessoas que me ameaçam	( ) Sim	( ) Não
85	Não controlo minha vontade de usar drogas, falta controle de onde, quando ou quanto da droga eu vou usar	( ) Sim	( ) Não
86	Minha família tem muito pouco dinheiro para viver	( ) Sim	( ) Não
87	Onde moro tem que usar drogas para se divertir	( ) Sim	( ) Não
88	Ganho drogas dos meus amigos	( ) Sim	( ) Não
89	Às vezes fico contrariado com quem me dá drogas	( ) Sim	( ) Não

Drogas: álcool, thinner, remédios sem receita, cocaína, crack, merla, maconha, etc.

A entrevista estruturada foi pensada como forma de avaliação do aspecto da drogadição no contexto da medida socioeducativa. Ela avalia os fatores de risco e de proteção relativos ao uso de drogas. Essa avaliação tem a importância fundamentada na dimensão ético-pedagógica da medida, que visa a promover a saúde do adolescente de forma integral. Para isso, o SINASE (2006) determina que a ação socioeducativa deve respeitar o adolescente em sua individualidade, levando em consideração sua subjetividade, suas potencialidades, sua capacidade e suas limitações. O instrumento pedagógico que possibilita essa individualização do atendimento é o plano individual de atendimento – PIA o qual possibilita conhecer, traçar estratégias e metas individuais para cada adolescente que dá entrada no sistema socioeducativo.

A entrevista elaborada por esse estudo auxilia os profissionais na elaboração do PIA na medida em que possibilita conhecer o adolescente em suas relações interpessoais e compreender a esfera de risco e de proteção relativos ao envolvimento com drogas. Nesse sentido, algumas estratégias e metas do PIA poderão ser baseadas nas informações levantadas pela entrevista. Pode ser elaborada uma estratégia de prevenção ao uso de drogas cujos planos de ação teriam o objetivo de diminuir os contextos de risco e qualificar os contextos de proteção identificados na entrevista.

A entrevista estruturada também possibilita aos profissionais compartilharem as informações nela contidas de forma simples, uma vez que o registro dos fatores de risco e de proteção está sistematizado pela entrevista. Dessa maneira, o trabalho de equipe é facilitado e os profissionais podem elaborar ações conjuntas, pautados no conhecimento sistêmico do uso de drogas por adolescentes em conflito com a lei.

Outro potencial da entrevista é auxiliar no acompanhamento da evolução pessoal e social do adolescente na conquista de metas e de compromissos estabelecidos pelo PIA, uma vez que a entrevista pode ser realizada em diferentes momentos da medida e ser utilizada

como forma de avaliação da evolução do adolescente. No entanto, cabe ressaltar que a entrevista não tem o objetivo de fechar questões ou de procurar verdades. A entrevista ressalta pontos para reflexão e abre questões e serem trabalhadas. Os parâmetros de avaliação e as formas e exploração da entrevista serão abordados nos capítulos que se seguem.

### **3.1 Entrevista estruturada Parte I - objetivos e sugestões de exploração das informações obtidas**

A primeira parte da entrevista, Mapa da Rede Social, aponta várias questões relacionais a serem investigadas. As questões elencadas constituem-se pontos de reflexões iniciais no processo de conhecimento do adolescente. O objetivo é compreender o funcionamento da rede social e enumerar pontos de reflexão para entender em que contextos a rede tem um funcionamento protetivo e em que contextos ela pode conter fatores de risco relativos ao uso de drogas.

O primeiro ponto de exploração é o tamanho da rede, a quantidade de pessoas representadas no mapa. Se o adolescente construir um mapa escasso de relações e essa informação fizer sentido para o profissional, uma das metas do PIA pode ser trabalhar no sentido de ampliar as relações do adolescente.

O segundo ponto é a densidade da rede. É importante analisar as relações que o adolescente ligou com um traço, tendo em vista que as pessoas de diferentes áreas da vida dele devem dialogar, sendo por isso importante que ele ligue relações de diferentes quadrantes do mapa. Caso isso não ocorra, essa questão deve ser investigada junto ao adolescente e, se confirmada, é importante que se tracem estratégias no sentido de aproximar as pessoas que fazem parte da rede de relacionamentos dele, e que se estabeleça diálogo entre as diferentes áreas da sua vida. Dessa forma, suas relações serão mais fluidas e protetivas.



Outra questão a ser investigada é se existe algum campo relacional vazio ou escasso. Por mais que o mapa como um todo tenha certa quantidade de relações, pode existir um quadrante que esteja desprivilegiado. Nesse caso, é interessante refletir com o adolescente o motivo de esse campo da vida dele estar tão escasso de relações e construir estratégias para se estabelecer novas relações ou resgatar relações antigas. Dessa forma a rede do adolescente terá mais recursos para protegê-lo.

O aspecto qualitativo das relações pode ser analisado por meio da quantidade de pessoas que estão afastadas ou em processo de afastamento. Se o mapa do adolescente for composto primordialmente por relações representadas no círculo mais externo ou se a maior parte das relações for representada com uma seta indicando movimento de afastamento, isso indica que essa questão deve ser aprofundada com o adolescente. É importante compreender porque essas relações estão afastadas ou em processo de afastamento e o que pode ser feito para melhorar qualitativamente essas relações e reverter o processo de afastamento.

Todas as questões acima levantadas são fatores de risco que podem aproximar o adolescente do consumo de drogas. Entretanto, a questão do contexto de risco relativo ao consumo de drogas aparece de forma mais evidente quando o adolescente representa a droga no mapa da rede. Por meio da representação é possível refletir quais os contextos da vida dele que o estão aproximando de fatores de risco referentes ao consumo de drogas. Esses contextos serão aprofundados no decorrer da entrevista, pois é importante entendê-la como um todo. As questões levantadas no Mapa da Rede Social serão mais completas e interessantes se casadas com as demais questões levantadas ao longo da entrevista.

Foram feitas diferentes avaliações das situações de risco referentes ao Mapa da Rede Social, no entanto, é evidente que a ausência dessas situações configura-se um contexto de proteção. Sendo esse o caso, a equipe de profissionais da medida estará ciente dos contextos

de proteção ao qual pode recorrer no processo socioeducativo. Em seguida, serão abordadas as forma de exploração do Mapa das Funções da Rede.

### **3.2 Entrevista estruturada Parte II - objetivos e sugestões de exploração das informações obtidas**

O Mapa das Funções da Rede, objetiva aprofundar as informações levantadas pelo mapa da Rede Social e levantar quais são as relações que exercem determinadas funções na vida do adolescente. Dentre as funções investigadas estão aquelas de proteção e de risco. As funções de proteção dão um indicativo de quais relações podem ser acionadas pela equipe socioeducativa para contribuir com a esfera de proteção ao adolescente. As funções de risco dão um indicativo de quais relações precisam ser trabalhadas para que o adolescente possa resignificá-las, quais relações podem ser qualitativamente alteradas para que deixem de representar contexto de risco e passem a representar contexto de proteção.

Também é interessante avaliar a diversidade de pessoas representadas no mapa. Caso o mapa apresente pouca diversidade é indicativo de que o adolescente está amparado por poucas pessoas, que sua rede social está escassa. Esse indício fica ainda mais forte se o adolescente representou poucas pessoas no Mapa da Rede Social. Caso isso não ocorra, é possível que ele tenha relações com o aspecto quantitativo adequado, mas o aspecto qualitativo comprometido.

Essa pouca diversidade de pessoas também pode ser indicativo de relação de parentalização se o mapa foi preenchido em sua maioria com relações familiares relativas à família de origem. Essa informação deve ser casada com a parte III da entrevista em busca de um indicativo mais consistente.

Outra questão interessante é relativa às funções que o adolescente não preencheu. Caso existam funções importantes de proteção que tenham ficado em branco é importante confirmar se essa função realmente não está sendo exercida por ninguém. Se for o caso, a

equipe socioeducativa deve construir estratégias para trabalhar a rede relacional do adolescente para que não existam mais vácuos nas funções de proteção. Para isso, a equipe pode lançar mão das relações já existentes e trabalhar no sentido de ampliá-las ou pode trabalhar no sentido de construir novas relações.

Assim como no Mapa da Rede Social, os aspectos de risco levantados no Mapa das Funções da Rede podem aproximar o adolescente do consumo de drogas, mas essa aproximação é mais evidente se ele preencher o espaço do mapa referente ao acesso às drogas.

### **3.3 Entrevista estruturada Parte III - objetivos e sugestões de exploração das informações obtidas**

A parte III da entrevista tem o intuito de compreender melhor as relações do adolescente e de aprofundar nos contextos de risco referentes ao uso de drogas. Para apresentar sugestões de como a equipe socioeducativa pode explorar a parte III da entrevista, serão abordados a seguir os temas relativos a cada grupo de itens.

Com o grupo de itens que busca investigar a função da droga, a equipe pode refletir se o uso de drogas está sendo funcional para o adolescente, e poderá ser trabalhada com ele uma forma de encontrar alternativas mais saudáveis para suprir a função que o uso de drogas esta exercendo.

Com os itens que avaliam a forma de consumo pode-se averiguar se o adolescente está mais próximo da experimentação, do uso esporádico ou do uso inadequado. Esse é um parâmetro importante para evitar alarmismos desnecessários e trabalhar o consumo de drogas de forma individualizada, de acordo com a forma de consumo de cada adolescente.

A dependência de drogas é investigada na parte III da entrevista como fenômeno relacional, no entanto, para abarcar toda a complexidade, vários eixos foram investigados. O primeiro deles é a relação entre uso de drogas e prática de delitos. Com esse grupo de itens a

equipe socioeducativa pode avaliar se existe alguma relação de funcionalidade entre uso de drogas e prática de delitos. Se for o caso, existe hierarquia entre as ações de risco e deve-se trabalhar primeiro o risco mais proeminente.

Da mesma forma, pode-se buscar a reflexão crítica quanto aos itens que avaliam a dependência dos efeitos da droga. De acordo com os critérios da OMS, se adolescente marcar três ou mais itens desse grupo é indicativo de dependência dos efeitos. O intuito não é rotular o adolescente, mas observar pontos a serem trabalhados durante o processo socioeducativo.

A dependência relacional afetiva será abordada junto com as questões da rede familiar.

O grupo de itens de dependência do fornecedor esclarece se existe alguma relação mediada pelo fornecimento de drogas. Caso exista indicativo, pode ser trabalhado com o adolescente o aspecto qualitativo dessas relações. Se for entendido que são relações pouco saudáveis pode-se refletir a respeito do afastamento dessa forma de relação.

Os itens que investigam dependência do provedor dão o indicativo de relações pautadas no fornecimento de subsídios materiais para o consumo de droga. Se for o caso, essas relações devem ser trabalhadas para que o adolescente possa resignificá-las de forma mais saudável.

Quanto ao grupo de itens de dependência dos pares, se identificadas relações mediadas pelo uso de drogas, é importante para a equipe socioeducativa compreender o que é anterior, se a necessidade da droga ou a necessidade de pertencimento ao grupo. Sendo assim, a necessidade anterior deve ser trabalhada primeiro.

Na busca por formas de dependência encontra-se também a dependência de crenças. O envolvimento do adolescente com drogas pode ser permeado por representações sociais positivas em torno do uso de drogas. Sendo assim, os itens que tratam dessa questão podem

indicar pontos para se iniciar um processo de reconstrução dessas representações. Isso pode ser feito por meio do diálogo aberto, pautado na relação de confiança.

Para aprofundar as questões da rede social do adolescente, a parte III da entrevista traz questões a respeito da família, da escola, da comunidade, dos pares e do adolescente.

A partir dos itens acerca da família pode-se levantar aspectos relacionais que são passíveis de serem trabalhados para que a família se torne um contexto prioritariamente de proteção. É possível investigar como as relações familiares foram alteradas pelo uso de drogas pelo adolescente, como a família se relaciona com drogas, aspectos qualitativos da relação do adolescente com a família, relações de parentalização e relações de co-dependência (dependência relacional afetiva). Se confirmada alguma forma inadequada de relação, a equipe socioeducativa deve traçar estratégias de ações em conjunto com a família para que essas relações possam ser reorganizadas. Por meio dos itens também é possível levantar a existência de relações saudáveis que devem ser reforçadas durante o processo socioeducativo.

Os itens relativos à escola dão um indicativo do aspecto qualitativo da relação entre o adolescente e a escola e podem indicar se existe desgaste na relação a ponto do adolescente sentir-se desmotivado a estudar. Se for esse o caso, a equipe socioeducativa poderá elaborar estratégias em conjunto com a escola para que o adolescente sinta-se mais motivado.

O grupo de itens da comunidade busca avaliar se o adolescente está exposto a riscos no contexto da comunidade. Pode-se refletir junto com o adolescente como diminuir sua exposição a esses riscos, averiguar se existe alguma instituição comunitária com a qual a unidade em que o adolescente está cumprindo medida pode se tornar parceira, no intuito de estabelecer ações conjuntas para a proteção do adolescente.

Os itens referentes ao grupo de pares investigam relações mediadas por comportamentos de risco e dão indicativo de quais relações constituem-se mais de contextos

de riscos do que de proteção. Sendo assim, pode ser trabalhado com o adolescente como resignificar essas relações ou buscar novas relações mais protetivas.

Com os itens sobre a família, a escola, a comunidade e os pares, procurou-se contemplar todos os campos relacionais do adolescente. Entretanto, parece ser mais interessante elaborar alguns itens acerca da auto-percepção do adolescente e entende-se que a forma com que o adolescente se enxerga influencia a maneira com que ele se relaciona. Para essa compreensão foram elaborados itens que buscam apreender como o adolescente se percebe em seu uso de drogas. São questões que podem indicar se o adolescente percebe algum prejuízo pessoal pelo uso de drogas, observando-se que esses tópicos podem ser temas de conversas no intuito de gerar pensamentos reflexivos e críticos em relação às ações do adolescente.

Foram apresentadas sugestões de exploração da entrevista, como ela pode ser utilizada para dar subsídios para a elaboração de metas e de estratégias de intervenção constituintes do PIA. A entrevista registra pontos de exploração, abre caminhos a serem percorridos pela equipe socioeducativa na busca de conhecer o adolescente e compreender o que pode ser realizado para promover sua saúde de forma integral. Entende-se que a entrevista é um dos instrumentos que podem ser utilizados nesse processo. A seguir serão apresentados dois exemplos práticos da utilização da entrevista. Foram escolhidas duas entrevistas realizadas na aplicação piloto para exemplificar a forma que ela ser explorada. As entrevistas foram escolhidas por terem apresentado os resultados mais extremos.

### **3.4 Síntese integradora da avaliação da condição do adolescente sobre riscos e proteção no uso de drogas**

Os participantes escolhidos para exemplificar a exploração da entrevista serão identificados por B2 e I2. O participante B2 apresentou mais respostas de risco, enquanto o participante I2 apresentou mais respostas de proteção. Os resultados das partes I e II da entrevista serão descritos, os resultados da parte III serão apresentados por meio de tabelas.

O adolescente B2 representou 16 relações em seu Mapa da Rede Social, 14 delas distribuídas entre o quadrante da comunidade e das amizades/namoro. As duas restantes no quadrante da família, e o quadrante da escola, vazio. As duas relações familiares estão representadas no círculo interno, entretanto, existe esvaziamento na família e esse é um ponto importante a ser explorado com o adolescente. Deve-se refletir com ela a importância da família, como a família pode apoiá-lo e investigar se existem relações familiares que podem ser resgatadas.

A escola não tem nenhuma relação significativa, e, por isso, a unidade deve trabalhar para que o adolescente esteja matriculado e, a partir daí, dialogar com a escola para que desenvolvam ações no sentido de fortalecer as relações escolares, incentivar a motivação do adolescente por meio de relações afetivas.

Com relação à proximidade em que as relações foram representadas, 13 relações foram representadas nos círculos mais afastado e no intermediário; apenas 3 relações no círculo mais interno. Pode ser feita uma análise com o adolescente de quais dessas relações são as mais protetivas e, em seguida, ser estabelecida meta de fortalecimento dessas relações. Outra estratégia interessante a trabalhar com o adolescente é o estabelecimento de novas relações. Assim, sua rede social se ampliará e terá mais recursos para protegê-lo.

Além de buscar ampliar o número de relações também é interessante incentivar o diálogo entre os diferentes campos da rede. O mapa da rede social apresentou baixa densidade, isso indica que não está existindo fluidez nas relações.

Outro ponto marcante do mapa da rede social é que nos quadrantes da comunidade e dos amigos, onde tem mais relações representadas, também está representada a droga. Esse é um indicativo de que essas relações estão sendo mediadas pelo consumo de drogas e talvez tenham o aspecto qualitativo comprometido. Se essa informação for corroborada no restante da entrevista e pelos demais indicativos que a equipe socioeducativa pode apreender, deve ser trabalhada com o adolescente uma forma de reorganizar essas relações e talvez buscar um modo de se relacionar que não o exponha a tantos riscos.

Em contraponto, o adolescente I2 representou 54 relações, bem distribuídas nos quatro quadrantes e nos três círculos. A maior parte das relações representada nos círculos externo e intermediário estão em movimento de aproximação do adolescente. Quanto à densidade da rede, ele indicou que as relações de diferentes campos estão se relacionando entre si. Em nenhum campo relacional a droga foi representada. Esses são indicativos de uma rede social saudável, fluida, comunicativa, com bastantes recursos para proteger esse adolescente. Tem-se então referência dos contextos de proteção com os quais a unidade socioeducativa pode dialogar em busca de ampliar essa esfera protetiva.

Na segunda parte da entrevista, Mapa das Funções da Rede, o adolescente B2 representou apenas um membro da família, a mãe. Ela foi representada em funções de proteção, o que reforça a idéia de ele ter relações de proteção na família, mas elas são escassas e por isso é importante trabalhar o resgate das relações familiares.

As amizades foram representadas tanto em funções de risco como em funções de proteção, o que indica um contexto que flui entre o risco e a proteção. Pode ser construtivo



entender melhor essas relações para que possa reforçar os contextos protetivos e diminuir os de risco.

A comunidade foi representada em funções de risco, o que corrobora os indicativos do Mapa da Rede Social de que a importância de se reelaborar as relações comunitárias está sendo reforçada.

Um ponto interessante foi a representação da unidade socioeducativa em funções de proteção. Esse é um reflexo do potencial da equipe socioeducativa em estabelecer relação afetiva e de proteção com o adolescente e indica que as ações promovidas pela equipe tem significado para ele.

A função acesso às drogas não foi preenchida apesar da droga aparecer no Mapa da Rede Social. A questão do envolvimento com a droga foi aprofundada na parte III da entrevista estruturada.

O adolescente I2 preencheu todas as funções de proteção e deixou a maioria das funções de risco em branco. As funções de proteção foram preenchidas com significativa diversidade de pessoas. Os mapas levantaram uma série de relações nas quais as ações socioeducativas podem se apoiar e mostram que a equipe deve incentivar o diálogo entre essas relações e incentivar a fluidez do mapa.

A única função de risco preenchida, perigo/riscos, foi representada por membros da comunidade, os vizinhos. Essa informação pode ser cruzada com os itens da comunidade, na parte III da entrevista e aprofundar essa questão com o adolescente.

Os resultados da parte III da entrevista estruturada vão ser apresentados por meio de tabelas para facilitar a visualização dos dados. As respostas de risco foram computadas com o valor 1, respostas de proteção foram computadas com o valor 0. Dessa forma, o somatório dos valores e as porcentagens são relativas à respostas de risco.

Como pode ser observado nas tabelas abaixo, o adolescente B2 apresentou 44% de respostas de risco no grupo da função da drogas. Observado as respostas pode-se ver que ele usa drogas de forma funcional, para ter sensações boas, o que quer dizer que deverá ser trabalhado com ele outras formas de ter essas sensações agradáveis. Também se pode observar que ele já usou drogas para afastar sensações ruins, de fome. Isso evidencia que o adolescente já esteve próximo à situação de desamparo e de vulnerabilidade. É importante entender quais foram os fatores que aproximaram o adolescente dessa situação, trabalhar uma forma de mobilizar a rede social, revitalizar a rede desse adolescente para que ela seja mais efetiva em sua proteção. Casando essas informações com os itens que buscam investigar o nível de dependência tem-se um indicativo que esse adolescente está fazendo uso arriscado de drogas, uso crônico, sendo importante refletir essa forma de relação que ele estabeleceu com a droga.

Quanto ao adolescente I2 observando as duas tabelas abaixo, infere-se que esse adolescente não faz uso de drogas.

**Tabela 32.** Itens que buscam investigar a função da droga entre os adolescentes B2 e I2.

<b>Itens que buscam investigar a função da droga</b>		<b>B2</b>	<b>I2</b>
<b>5</b>	Já usei drogas para não sentir fome	1	0
<b>15</b>	Uso drogas para esquecer de coisas ruins	0	0
<b>25</b>	Uso drogas para curtir os efeitos, o que ela me faz sentir	0	0
<b>33</b>	Já usei drogas para não sentir frio	0	0
<b>62</b>	Uso drogas para relaxar	1	0
<b>74</b>	Uso drogas para me divertir	1	0
<b>90</b>	Uso drogas pra ficar mais rápido	1	0
<b>109</b>	Uso drogas para ficar acordado	0	0
<b>110</b>	Uso drogas para ficar fora de mim	0	0
<b>Porcentagem</b>		<b>44%</b>	<b>0%</b>
<b>Total</b>		<b>4</b>	<b>0</b>

**Tabela 33.** Itens que buscam investigar o nível de dependência entre os adolescentes B2 e I2.

<b>Itens que buscam investigar o nível de dependência</b>		<b>B2</b>	<b>I2</b>
<b>2</b>	Uso drogas direto, mas em pouca quantidade	1	0
<b>34</b>	Uso drogas direto e uso muito	0	0
<b>42</b>	Uso drogas só de vez em quando, mas numa quantidade grande	0	0
<b>43</b>	Uso drogas, mas não é sempre	0	0
<b>98</b>	Já usei drogas, mas foi só para saber como é	1	0
<b>Porcentagem</b>		<b>25%</b>	<b>0%</b>
<b>Total</b>		<b>2</b>	<b>0</b>

Os adolescentes em questão não apresentaram nenhum indício de relação funcional entre uso de drogas e prática de delitos.

**Tabela 34.** Itens que buscam investigar a relação entre uso de drogas e prática de delitos entre os adolescentes B2 e I2.

<b>Itens que buscam investigar a relação: uso de drogas e prática de delitos</b>		<b>B2</b>	<b>I2</b>
<b>10</b>	Quando uso drogas, acabado roubando e depois não lembro	0	0
<b>48</b>	Só roubo quando não tenho dinheiro pra comprar drogas	0	0
<b>81</b>	Só uso drogas pra ter coragem de fazer um assalto	0	0
<b>91</b>	Quando uso drogas, fico violento	0	0
<b>92</b>	Preciso roubar pra comprar drogas	0	0
<b>100</b>	Uso drogas pra ter coragem de fazer um assalto	0	0
<b>Porcentagem</b>		<b>0%</b>	<b>0%</b>
<b>Total</b>		<b>0</b>	<b>0</b>

A tabela abaixo refere-se à dependência dos efeitos e nela pode-se observar que o adolescente B2 marcou 5 respostas de risco nesse sentido. No entanto, por mais que os critérios da OMS sejam 3 ou mais respostas, esse adolescente não pode ser entendido como

dependente dos efeitos uma vez que 4 respostas se referem ao mesmo critério da OMS. Sendo assim, ele teria 2 respostas de acordo com os critérios em questão. O adolescente marcou todas as assertivas que se referem à falta de controle quanto ao uso de drogas, ponto muito interessante de ser refletido junto a ele. O adolescente também indicou ter consciência do impacto negativo de uso de drogas, informação que será aprofundada nos itens de auto-percepção com relação ao uso de drogas.

O adolescente I2 reforça o indicativo de que não faz uso de drogas, ao não marcar nenhum item de dependência dos efeitos.

**Tabela 35.** Itens que buscam investigar dependência dos efeitos entre os adolescentes B2 e I2.

<b>Itens que buscam investigar a dependência dos efeitos</b>		<b>B2</b>	<b>I2</b>
<b>19</b>	Tem dias em que fico pensando na droga o tempo todo	0	0
<b>52</b>	Quando estou usando drogas não faço mais nada	0	0
<b>56</b>	Não consigo controlar onde eu vou usar a droga	1	0
<b>58</b>	Não consigo controlar quando eu vou usar a droga	1	0
<b>60</b>	Não consigo controlar minha vontade de usar drogas	1	0
<b>78</b>	Me sinto fisicamente mal quando não posso usar drogas	0	0
<b>87</b>	Preciso usar mais drogas para sentir a mesma coisa	0	0
<b>120</b>	Sei que usar drogas me faz mal, mas continuo usando	1	0
<b>125</b>	Não consigo controlar quanto da droga eu vou usar	1	0
<b>Porcentagem</b>		<b>56%</b>	<b>0%</b>
<b>Total</b>		<b>5</b>	<b>0</b>

Os itens que compõe a tabela abaixo referentes à dependência relacional afetiva foram entendidos como não efetivos na discussão da aplicação piloto e, portanto, não fez sentido discuti-los.

**Tabela 36.** Itens que buscam investigar dependência relacional afetiva entre os adolescentes B2 e I2.

<b>Itens que buscam investigar a dependência relacional afetiva</b>		<b>B2</b>	<b>I2</b>
<b>65</b>	Existe (m) pessoa (s) que deixa (m) de viver a própria vida para cuidar de mim	1	0
<b>123</b>	Existe (m) pessoa (s) que se dedica(m) demais a mim	1	1
<b>Porcentagem</b>		<b>100%</b>	<b>50%</b>
<b>Total</b>		<b>2</b>	<b>1</b>

Os itens que compõe a tabela abaixo, relativos à dependência do fornecedor, foram entendidos como insuficientes na aplicação piloto, e novos itens foram elaborados. Como pode ser visto na tabela abaixo os adolescentes em questão não apresentaram nenhum indício de dependência do fornecedor.

**Tabela 37.** Itens que buscam investigar dependência do fornecedor entre os adolescentes B2 e I2.

<b>Itens que buscam investigar a dependência do fornecedor</b>		<b>B2</b>	<b>I2</b>
<b>18</b>	Sou amigo de quem me dá cola, thinner	0	0
<b>24</b>	Sou amigo de quem me dá bebida	0	0
<b>53</b>	Sou amigo de quem me dá remédios sem receita	0	0
<b>71</b>	Sou amigo de quem me dá cigarros	0	0
<b>Porcentagem</b>		<b>0%</b>	<b>0%</b>
<b>Total</b>		<b>0</b>	<b>0</b>

Ao observar a tabela abaixo entende-se que o adolescente B2 compra drogas com o dinheiro que recebe da família, fato que pode ser trabalho pela equipe por meio de diálogos com a família e com o adolescente. O adolescente I2 não marca nenhuma resposta de dependência do provedor.

**Tabela 38.** Itens que buscam investigar dependência do provedor entre os adolescentes B2 e I2.

<b>Itens que buscam investigar a dependência do provedor</b>		<b>B2</b>	<b>I2</b>
<b>3</b>	Para ter drogas, pego coisas da minha casa pra dar em troca	0	0
<b>30</b>	Fico desesperado sem emprego, sem grana pra comprar drogas	0	0
<b>49</b>	Quando não recebo dinheiro em casa, não tenho como comprar drogas	1	0
<b>55</b>	Se não vendo drogas, não consigo pra mim	0	0
<b>104</b>	Tenho que roubar pra comprar drogas	0	0
<b>Porcentagem</b>		<b>20%</b>	<b>0%</b>
<b>Total</b>		<b>1</b>	<b>0</b>

Ao analisar as respostas de dependências dos pares é observado que o adolescente B2 usa drogas com os amigos/parceiros de gangue, fato que está de acordo com o que foi visto nas partes I e II da entrevista. É importante que ele reavalie essas relações, busque relacionamentos mais saudáveis, tendo em vista que a equipe socioeducativa pode auxiliá-lo nesse processo. O adolescente I2 não marca nenhuma resposta de dependência dos pares.

**Tabela 39.** Itens que buscam investigar dependência dos pares entre os adolescentes B2 e I2.

<b>Itens que buscam investigar a dependência dos pares</b>		<b>B2</b>	<b>I2</b>
<b>29</b>	Só uso drogas com meus parceiros da gangue	1	0
<b>38</b>	Meus amigos informam o contato pra ter drogas	1	0
<b>73</b>	Só uso drogas com meus amigos	1	0
<b>85</b>	Usei drogas pra entrar na gangue	0	0
<b>115</b>	Uso drogas por conta própria	1	0
<b>Porcentagem</b>		<b>80%</b>	<b>0%</b>
<b>Total</b>		<b>4</b>	<b>0</b>

Os itens que buscam investigar a dependência de crenças levantam representações que podem ser reconstruídas pela equipe socioeducativa. Por exemplo, a idéia de que só

peessoas fracas tornam-se dependentes de drogas é importante de ser trabalhada, uma vez que pode levar à falsa conclusão de que a dependência de drogas é facilmente evitada. Outro exemplo: adolescente B2 marcou o item Usar drogas ajuda a passar por dificuldades, representação positiva em torno do uso de drogas que pode ser desconstruída por meio de diálogos abertos.

**Tabela 40.** Itens que buscam investigar dependência de crenças entre os adolescentes B2 e I2.

<b>Itens que buscam investigar a dependências de crenças</b>		<b>B2</b>	<b>I2</b>
<b>1</b>	Só gente fraca fica viciada	1	1
<b>26</b>	Usar drogas vai aliviar o cumprimento da medida	0	0
<b>31</b>	Usar drogas ajuda a passar por dificuldades	1	0
<b>44</b>	Usar drogas é doença, tem que tratar	1	1
<b>63</b>	Se a pessoa quiser, ela pára de usar drogas	1	1
<b>64</b>	Quem usa drogas acaba tendo que vender também	1	1
<b>88</b>	Usar drogas dá mais força para enfrentar a vida	0	0
<b>95</b>	Quem usa drogas começa usando pouco mais logo já está usando muito	0	0
<b>118</b>	Baseado faz menos mal que cigarro	1	1
<b>122</b>	Quanto mais a pessoa usa drogas, menos mal a droga faz	1	0
<b>Porcentagem</b>		<b>70%</b>	<b>50%</b>
<b>Total</b>		<b>7</b>	<b>5</b>

Os itens que buscam pontuar as informações que os adolescentes têm a respeito de drogas foram retirados da versão final da entrevista, portanto não serão discutidos. Tais itens foram retirados, pois a entrevista estruturada estava muito extensa e para se tornar menos cansativa alguns itens precisavam ser retirados. Os itens de informações sobre drogas não são itens que investigam contexto relacional e por isso foi entendido que seria mais fácil de ser trabalho pelos profissionais sem mediação da entrevista estruturada.

**Tabela 41.** Itens que buscam investigar as informações sobre drogas entre os adolescentes B2 e I2.

<b>Itens que buscam investigar Informações sobre drogas</b>		<b>B2</b>	<b>I2</b>
<b>6</b>	Drogas são só aquelas proibidas	0	0
<b>8</b>	Crack e merla viciam rápido	0	0
<b>20</b>	Cigarro é droga.	0	0
<b>37</b>	Álcool é droga.	0	0
<b>39</b>	Eu procuro saber sobre álcool e drogas	1	0
<b>77</b>	Beber muito, mesmo que só de vez em quando, faz mal	0	1
<b>79</b>	Bebidas energéticas são drogas.	0	1
<b>99</b>	Misturar drogas pode ser mais perigoso	0	0
<b>103</b>	Droga pura faz mais mal que a batizada	1	0
<b>107</b>	Beber um pouco todo dia não faz mal	1	1
<b>111</b>	Cerveja não é droga.	1	1
<b>127</b>	Cola, thinner, loló vicia	0	0
<b>Porcentagem</b>		<b>33%</b>	<b>33%</b>
<b>Total</b>		<b>4</b>	<b>4</b>

Quanto às relações familiares, a tabela abaixo levanta pontos a serem investigados. O adolescente B2 indicou afastamento familiar, um impacto negativo do uso de drogas nas relações, falta de autoridade, de limites e elevado consumo de bebidas alcoólicas. O adolescente I2 também indicou elevado consumo de bebidas alcoólicas e falta de autoridade na família. A ação socioeducativa pode ajudar a família a trabalhar essas questões, por meio de esforços conjuntos.

**Tabela 42.** Itens que buscam investigar o contexto familiar na rede relacional entre os adolescentes B2 e I2.

<b>Itens que buscam investigar a rede relacional - Família</b>		<b>B2</b>	<b>I2</b>
<b>9</b>	Depois que comecei a usar drogas minha família esta mais próxima de mim	1	0
<b>13</b>	Minha família sabe que o dinheiro que levo pra casa vem de roubos	0	0
<b>22</b>	Em minha família tem muita briga	0	0
<b>36</b>	Já perdi parentes jovens de repente	1	1
<b>40</b>	Meu pai bebe muito	0	0
<b>50</b>	Existe violência em minha família	0	0



<b>54</b>	Depois que comecei a usar drogas minha família está mais afastada de mim	1	0
<b>72</b>	Tem pessoas na minha família que se drogam muito	0	0
<b>82</b>	Na minha família todos podem beber a vontade	1	1
<b>83</b>	Minha Família sabe que o dinheiro que levo para dentro de casa vem do tráfico	0	0
<b>84</b>	Sinto rejeitado por minha família	1	0
<b>93</b>	Sinto que só dou problemas para minha família	1	0
<b>94</b>	Gostaria de ser mais próximo de minha família	1	0
<b>106</b>	Tem pessoas na minha família que bebem muito	1	1
<b>108</b>	Quando uso drogas, fico mais independente de minha família	1	0
<b>27</b>	Perdi a confiança de minha família por causa de meu uso de drogas	1	0
<b>114</b>	Minha família não impõe autoridade e limites	1	1
<b>117</b>	Sinto falta de conversar com minha família	1	0
<b>124</b>	Na minha família tem pessoas que me ameaçam	0	0
<b>128</b>	Minha família tem muito pouco dinheiro para viver	1	0
<b>Porcentagem</b>		<b>68%</b>	<b>20%</b>
<b>Total</b>		<b>13</b>	<b>4</b>

Ainda investigando as relações familiares pode se observado na tabela abaixo um indicativo de relação de parentalização entre o adolescente B2 e a mãe. Essa questão deve ser aprofundada e se confirmada pela equipe socioeducativa faz-se necessário elaborar estratégias de intervenção para reelaborar essa relação. O adolescente I2 dá indícios menos evidentes de relação de parentalização. No entanto, é uma questão que pode ser aprofundada no processo socioeducativo.

**Tabela 43.** Itens que buscam investigar as relações de parentalização do contexto familiar na rede relacional entre os adolescentes B2 e I2.

<b>Itens que buscam investigar relações de parentalização</b>		<b>B2</b>	<b>I2</b>
<b>7</b>	Não tenho tempo para brincar	1	0
<b>11</b>	Tenho que ajudar no sustento de casa	1	1
<b>12</b>	Meu pai não aparece ou não se importa	1	0
<b>28</b>	Tenho que ajudar meus irmãos nos deveres	1	1
<b>41</b>	Às vezes tenho vontade que minha família não precise tanto de mim	1	
<b>67</b>	Gostaria de poder me afastar de minha família	0	0

<b>68</b>	Não tenho tempo para estudar	1	0
<b>75</b>	Tenho muito medo de abandonar minha família	1	1
<b>76</b>	Sinto que devo proteger minha família	1	1
<b>89</b>	Tenho de cuidar dos meus irmãos mais novos	1	1
<b>105</b>	Sou mais chegado a minha mãe que ao meu pai	1	1
<b>112</b>	Sinto que tenho que me dedicar demais a minha família	1	1
<b>126</b>	Vendo drogas para ajudar no sustento de casa	0	0
<b>Porcentagem</b>		<b>85%</b>	<b>54%</b>
<b>Total</b>		<b>11</b>	<b>7</b>

A relação com a escola é investigada nos itens apresentados na tabela que se segue. Os dois adolescentes apontaram que não entendem o que é ensinado na escola, fator que pode ser trabalhado em conjunto pela unidade socioeducativa e pela escola, pois é importante que eles sintam que estão aprendendo na escola. O adolescente B2 pontuou que não acredita na escola, fato ainda mais preocupante quando se observa que ele não tem nenhuma relação afetiva ou significativa na escola, como foi concluído pelos dados constantes no Mapa da Rede Social. Essas relações precisam ser resgatadas para que o adolescente sinta-se confortável no ambiente escola e esteja disposto a aprender. A unidade socioeducativa pode entrar em contato com a escola em que o adolescente está matriculado e elaborar, em conjunto, planos de ação para reverter essa situação.

**Tabela 44.** Itens que buscam investigar o contexto escolar na rede relacional entre os adolescentes B2 e I2.

<b>Itens que buscam investigar a rede relacional - Escola</b>		<b>B2</b>	<b>I2</b>
<b>4</b>	A escola não ensina a enfrentar a vida	0	0
<b>21</b>	Não acredito que a escola vai a dar um futuro melhor	0	0
<b>61</b>	Eu era ameaçado na escola	0	0
<b>102</b>	Não acredito na escola	1	0
<b>121</b>	Não entendo nada na escola	1	1
<b>Porcentagem</b>		<b>40%</b>	<b>20%</b>
<b>Total</b>		<b>2</b>	<b>1</b>

Na investigação da relação com a escola vê-se que os dois adolescentes apontaram que o acesso às drogas é fácil na comunidade e que existe muito perigo. No caso do adolescente I2 essa informação vai ao encontro da informação advinda do Mapa das Funções da Rede cuja única função de risco preenchida foi representada por membros da comunidade. É interessante averiguar qual é esse perigo e se existe alguma forma de evitá-lo.

**Tabela 45.** Itens que buscam investigar o contexto da comunidade na rede relacional entre os adolescentes B2 e I2.

<b>Itens que buscam investigar a rede relacional - Comunidade</b>		<b>B2</b>	<b>I2</b>
<b>14</b>	Onde moro é fácil comprar drogas	1	1
<b>32</b>	Onde moro não tem coisas legais pra fazer	1	0
<b>47</b>	Tem muito perigo onde eu moro	1	1
<b>59</b>	Era ameaçado onde moro	0	0
<b>129</b>	Onde moro tem que usar drogas pra se divertir	0	0
<b>Porcentagem</b>		<b>60%</b>	<b>40%</b>
<b>Total</b>		<b>3</b>	<b>2</b>

A relação com os pares é aprofundada nas assertivas da tabela que se segue. Os pares do adolescente B2 se configuraram mais uma vez como esfera de riscos, uma vez que foram apresentados como violentos e consumidores de drogas. Essa informação reforça a

necessidade de repensar essas relações junto ao adolescente. O adolescente I2 pontuou os pares como consumidores de drogas. Por mais que se confirme que o adolescente não faz uso de drogas a relação com os amigos pode ser trabalhada com ele, e ser estabelecido processo de reflexão a respeito da proteção e da exposição a riscos oferecida pelos amigos.

**Tabela 46.** Itens que buscam investigar o contexto dos pares na rede relacional entre os adolescentes B2 e I2.

<b>Itens que buscam investigar a rede relacional - Pares</b>		<b>B2</b>	<b>I2</b>
<b>16</b>	Meus amigos são violentos	1	0
<b>35</b>	Meus amigos trabalham no tráfico	0	0
<b>45</b>	Meus amigos me obrigam a fazer coisas que não gosto	0	0
<b>46</b>	Meus amigos acham legal usar drogas	1	1
<b>80</b>	Sinto que perdi amigos pelo meu uso de drogas	1	0
<b>51</b>	Meus parceiros da gangue acham legal usar drogas	1	0
<b>69</b>	Faço parte de uma gangue	0	0
<b>70</b>	Meus parceiros da gangue me obrigam a fazer coisas erradas	0	0
<b>96</b>	Minha namorada ou meu namorado usa drogas	0	
<b>97</b>	Meus parceiros da gangue são violentos	1	0
<b>113</b>	Não confio em meus parceiros da gangue	0	0
<b>119</b>	Meus amigos usam drogas	1	1
<b>Porcentagem</b>		<b>55%</b>	<b>18%</b>
<b>Total</b>		<b>6</b>	<b>2</b>

O adolescente B2 percebe alguns prejuízos advindos do consumo de drogas. Esses pontos de autoreflexão podem ser explorados pelos profissionais da medida como ponto de partida para se iniciar o diálogo referente ao uso de drogas. O adolescente I2 não pontuou nenhum prejuízo pelo uso de drogas o que torna a entrevista coerente.

**Tabela 47.** Itens que buscam investigar a auto-percepção com relação ao uso de drogas entre os adolescentes B2 e I2.

<b>Itens que buscam investigar a auto-percepção com relação ao uso de drogas</b>		<b>B2</b>	<b>I2</b>
<b>17</b>	Depois que me envolvi com drogas, fico mais triste	1	0
<b>23</b>	Sinto que estou esquecendo muito as coisas por causa da droga	1	0
<b>57</b>	Estou ficando lerdo por causa das drogas	0	0
<b>66</b>	Depois que me envolvi com drogas, tem hora que me sinto só	1	0
<b>86</b>	Depois que me envolvi com drogas, estou sendo ameaçado	0	0
<b>101</b>	Quando uso drogas solto a raiva que tem dentro de mim	1	0
<b>116</b>	Depois que me envolvi com drogas, não penso no amanhã	1	0
<b>Porcentagem</b>		<b>71%</b>	<b>0%</b>
<b>Total</b>		<b>5</b>	<b>0</b>

A entrevista levantou questões relacionais protetivas nas quais a equipe socioeducativa pode se amparar para construir uma esfera saudável e de proteção em torno do adolescente, como questões relacionais de risco que exigem esforço reflexivo, prático e conjunto da equipe, do adolescente e de sua rede social em busca de mudanças significativas. A entrevista abriu vários pontos, levantou vários questionamentos nos quais a ação socioeducativa pode se amparar, pode tomar como ponto de partida no processo de conhecer o adolescente e promover ações para melhorar sua qualidade de vida e promover a saúde de forma integral.

### **3.5 Considerações finais**

No capítulo anterior foram vistos exemplos de exploração da entrevista com base na segunda versão da entrevista estruturada. A proposta final da entrevista foi elaborada com o intuito de reduzi-la e tornar as consignas e assertivas mais claras tanto para o profissional que vai aplicar a entrevista, quanto para o adolescente. No entanto, foi entendido que é mais

importante que o profissional entenda a forma de aplicação da entrevista e as consignas, do que o adolescente. Dessa forma, o profissional pode passar as instruções verbalmente para os adolescentes, o que se demonstrou ser mais efetivo do que a leitura, na aplicação piloto. Na aplicação piloto os profissionais foram treinados pela pesquisadora para apreenderem a forma de aplicação, como isso não será possível fora do ambiente da pesquisa, entende-se ser necessário a elaboração de um manual explicativo, dirigido aos profissionais de medidas socioeducativas.

Esse manual será constituído de orientações e de sugestões de aplicação, bem como sugestões de exploração da entrevista apresentadas nesse estudo. A entrevista deve ser realizada individualmente, com base em uma relação de confiança entre o profissional e o adolescente. Sugere-se que a aplicação seja realizada em três momentos. Dois momentos de aplicação e um momento para a devolutiva ao adolescente. No primeiro momento serão aplicadas as partes I e II da entrevista estruturada e no segundo momento a parte III. Sugere-se essa divisão para que a aplicação não seja muito cansativa para o adolescente, uma vez que, por mais que a proposta final esteja reduzida, foi entendido que ainda está extensa para ser aplicada em um único momento.

O terceiro momento é a devolutiva ao adolescente do que surgiu na entrevista. O profissional que a aplicou pode compartilhar com a equipe e juntos refletirem a respeito do que foi levantado e a partir daí, a equipe poderá elaborar a devolutiva ao adolescente. Esse momento pode ser aproveitado para construir junto ao adolescente algumas metas e estratégias de seu plano individual de atendimento, uma vez que o SINASE (2006) prevê a participação do adolescente e da família em sua elaboração. A entrevista como um todo demonstrou ter valor interventivo, uma vez que propicia auto-reflexão a respeito da imersão em contextos de risco e de proteção relativos ao consumo de drogas. No entanto, o momento da devolutiva é um momento em que a característica interventiva está mais evidente. Nessa

etapa, o profissional pode estreitar o vínculo de confiança com o adolescente posicionando-o como sujeito ativo, protagonista de seu processo socioeducativo, construindo junto ao adolescente reflexões e ações necessárias para que ele possa re-significar suas relações e construir campo de proteção em sua volta. A entrevista tem assim, caráter avaliativo e interventivo nos contextos de risco de proteção e é uma forma de o profissional compreender o universo relacional do adolescente, identificar como esse universo pode estar aproximando ou afastando o adolescente de comportamentos de risco, em específico o de consumir drogas, além de ser instrumento no qual o adolescente encontrará subsídios para re-organizar sua rede relacional, a começar pelo vínculo com a equipe socioeducativa. Além de fornecer subsídios para a mobilização e re-organização da rede social do adolescente, a entrevista estruturada também tem a competência de mobilizar a rede socioeducativa, uma vez que possibilita e fomenta diálogo, construções conjuntas e facilita o compartilhamento de informações imprescindíveis para a elaboração de um plano socioeducativo a partir de dados sistematizadas.

## REFERÊNCIAS

- Alan, M. G. (1999). *Redução de danos: estratégias práticas para lidar com comportamentos de alto risco*. Porto Alegre: Artes médicas Sul.
- Albertani, H. M. B. (2006). As relações com as drogas e as diferentes abordagens. Em M. F. O. Sudbrack (Org.). *Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas* (pp. 88–99). Brasília: Universidade de Brasília.
- Albertani, H. M. B., Scivoletto, S., & Zemel, M. L. S. (2006). Prevenção do uso de drogas: fatores de risco e fatores proteção. Em M. F. O. Sudbrack (Org.). *Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas* (pp. 118–131). Brasília: Universidade de Brasília.
- Bauman, Z. (2003). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. (C. A. Medeiros, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bucher, R., Doneda, D., & Carmo, R. A. (1994). Acerca de delinquência juvenil e consumo de drogas. *Psic.: Teor e Pesq.*, Brasília, 10(2), 287-297.
- Carter, B. M. S. W., McGoldrick, M. M. S. W., & Cols. (2001). *As Mudanças no ciclo de Vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. (2ª ed.). Porto Alegre: Ed. Artmed.
- Carvalho, D. B. B., & Silva, M. T. (Orgs.). (1999). *Prevenindo a drogadição entre crianças e adolescentes em situação de rua: a experiência do PRODEQUI*. Brasília: MS/COSAM; UnB/PRODEQUI; UNDCP.
- Carvalho, S. (1997). *A política criminal de drogas no Brasil: do discurso oficial às razões de descriminalização*. Rio de Janeiro: Luam.
- Cinnanti, C. J. J. (1999). Redes sociais na prevenção da drogadição entre crianças e adolescentes em situação de rua. Em D. B. B. Carvalho & M. T. Silva (Orgs.). *Prevenindo a drogadição entre crianças e adolescentes em situação de rua: a experiência do PRODEQUI*. Brasília: MS/COSAM; UnB/PRODEQUI; UNDCP.



- Colle, F. X. (2001). *Toxicomanias, sistemas e famílias*. (M. J. Pereira, Trad.) Lisboa: Climepsi.
- Conceição, M. I. G., & Oliveira, M. C. S. (2008). A relação adolescente-drogas e as perspectivas da nova legislação sobre drogas. *Revista de Informação Legislativa*. 45(180), 253-262.
- Contrim, B. C. (1999). A prevenção ao uso indevido de drogas na escola. Em E. M. F. Seidl (Org.). *Prevenção ao uso indevido de drogas: diga sim a vida*. Brasília: CEAD/UnB; SENAD/SGI/PR.
- Carvalho, D. B. B. (1999). O consumo de drogas por crianças e adolescentes em situação de rua no Distrito Federal: relatos de experiência vividas. Em D. B. B. Carvalho & M. T. Silva (Org.). *Prevenindo a drogadição entre crianças e adolescentes em situação de rua: a experiência do PRODEQUI*. Brasília: MS/COSAM; UnB/PRODEQUI; UNDCP.
- Cruz, A. P. M. (1999). Drogas, cérebro e comportamento: uma abordagem psicobiológica da adição. Em D. B. B. Carvalho & M. T. Silva (Org.). *Prevenindo a drogadição entre crianças e adolescentes em situação de rua: a experiência do PRODEQUI*. Brasília: MS/COSAM; UnB/PRODEQUI; UNDCP.
- Demo, P. (2004). *Pesquisa participante: saber, pensar e intervir juntos* (Série Pesquisa em Educação, Vol. 8). Brasília: Líber Livro Editora.
- Dios, V. C. (1999). Droga, família, escola e o grupo de pares no processo de socialização de crianças e adolescentes em situação de rua. Em D. B. B. Carvalho & M. T. Silva (Org.). *Prevenindo a drogadição entre crianças e adolescentes em situação de rua: a experiência do PRODEQUI*. Brasília: MS/COSAM; UnB/PRODEQUI; UNDCP.
- Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). Lei n°. 8.069/90.
- Feffermann, M. (2006). *Vidas arriscadas: o cotidiano dos jovens trabalhadores do tráfico*. Petrópolis: Vozes.
- Foucault, M. (1996). *Vigiar e punir: história das violências nas prisões*. Petrópolis: Vozes.

- Guareschi, P. A. (1998). Alteridade e relação: uma perspectiva crítica. Em A. Arruda (Org.). *Representando a alteridade* (pp. 149-162). Petrópolis: Vozes.
- Leiria, A. J. F. (1981). *Teoria e aplicação da lei penal*. São Paulo: Saraiva.
- Mendez, E. G. (1994). *Das necessidades aos direitos: Série Direitos das Crianças 4*. São Paulo: Malheiros.
- Miermont, J. (1994). *Dicionário de terapias familiares: teoria e prática* (C. A. Molina-Loza, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1987).
- Morin, E. (1990). *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Moura, M. L. S., & Ferreira, M. C. (2005). *Projetos de Pesquisa – Elaboração, Redação e Apresentação*. Rio de Janeiro: Editora UERJ.
- Oliveira, M. C. S. (2006). Conhecendo o adolescente. Em M. F. O. Sudbrack (Org.). *Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas* (pp. 88-99). Brasília: Universidade de Brasília.
- Pain, J., & Villerbu, L. M. (Orgs.). (1997). Jacques Selosse/Adolescence, Violences et Déviances (1952-1995). Vigneux: Editora Matrice.
- Penso, M. A., & Sudbrack, M. F. O. (2004). Envolvimento em atos infracionais e com drogas como possibilidades para lidar com o papel de filho parental. *Psicologia USP*, 15(3), 29-54.
- Pereira, S. E. F. N., & Sudbrack, M. F. O. (2008). Drogadição e atos infracionais na voz do adolescente em conflito com a lei. *Psic.: Teor. e Pesq.* 24(2), pp. 151-159.
- Pereira, S. E. F. N. (2009). *Redes sociais de adolescentes em contexto de vulnerabilidade social e sua relação com os riscos de envolvimento com o tráfico de drogas*. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia Clínica e Cultura, Universidade de Brasília, Brasília.
- Pereira, S. E. F. N. (2003). *Drogadição e atos infracionais entre jovens na voz do adolescente em conflito com a lei do DF*. Brasília: Universidade de Brasília.

- Povoa, M. L. S., & Sudbrack, M. F. O. (2006). Autoridade na família e na escola. Em M. F. O. Sudbrack (Org.). *Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas* (pp. 192-199). Brasília: Universidade de Brasília.
- Rodrigues, A. A., Lopes, D. S., & Leite, J. T. (2006). Trabalhando com fatores de risco e proteção. Em M. F. O. Sudbrack (Org.). *Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas* (pp. 132-143). Brasília: Universidade de Brasília.
- Sales, M. A. (2007). *(In)visibilidade perversa: adolescentes infratores como metáfora da violência*. São Paulo: Cortez.
- Santos, J. B. (2006). *Redes sociais a fatores de risco e proteção para o envolvimento com drogas na adolescência: avaliação e abordagem no contexto da escola*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Brasília.
- Saramago, J. (1995). *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Selosse, J. (1997). *Adolescence, violences et déviances (1952 – 1995)* (Sous la directions de: Jaques Pain et Loïck– M.Villerbu). Vigneux: Editions Matrice.
- Sento-Sé, J. T., & Paiva, V. (Orgs.). (2007). *Juventude em conflito com a Lei*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Silva Sá, D. B. (1999). Projeto para uma nova política de drogas no país. Em A. Zaluar (Org.). *Drogas e cidadania: repressão ou redução de riscos*. São Paulo: Brasiliense.
- Silva, E., & Guerresi, S. (2003). *Adolescentes em conflito com a lei: situação do atendimento institucional no Brasil* (Texto para discussão nº. 979). Brasília: IPEA.
- Sistema Nacional de Atendimento Sócioeducativo – SINASE. (2006). Secretaria especial dos Direitos Humanos – Brasília: CONANDA.
- Sluzki, C. E. (1997). *A rede social na prática sistêmica: alternativas terapêuticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Stanton, M. D., Todd, T. C. & cols. (1985). *Terapia familiar del abuso y adición a las drogas*. Buenos Aires: Gedisa Editorial.

- Sudbrack, M. F. O. (1996). Construindo redes sociais: metodologia de prevenção à drogadição e à marginalização de adolescentes de famílias de baixa renda. Em R. M. Macedo. (Org.). *Família e comunidade* (Coletâneas da ANPEPP, nº. 2). São Paulo: ANPEPP.
- Sudbrack, M. F. O. (1982, Julho/Setembro). A trajetória de menores carentes rumo à delinqüência. *Arq. Bras. Psic.* Rio de Janeiro, 151-156.
- Sudbrack, M. F. O., & Pereira, S. E. N. F. (2003). *Adolescentes e drogas no contexto da Justiça*. Brasília: Editora Plano.
- Sudbrack, M. F. O. (2006). Avaliação das redes sociais dos adolescentes. Em M. F. O. Sudbrack (Org.). *Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas* (pp. 176-183). Brasília: Universidade de Brasília.
- Sudbrack, M. F. O. (1992). Da falta do pai à busca da lei: o significado da passagem ao ato delinqüente no contexto familiar e institucional. *Psic.: Teor. e Pesq.*, 8(Suplemento), 447-457.
- Sudbrack, M. F. O. (2001). Terapia familiar sistêmica. Em S. D. Seibel & A. Toscano Jr. (Orgs). *Dependência de drogas* (PP. 403-415). São Paulo: Atheneu.
- Volpi, M. (2001). Ato infracional, medida sócio educativa e adolescência. Em Estatuto da criança e do adolescente e a construção da cidadania. *Cadernos do Ceam*, Ano II, nº 5 (pp. 11-18). Brasília: Universidade de Brasília.
- Volpi, M., & Saraiva, J. B. C. (1998). Os Adolescentes e a Lei – Para Entender o Direito dos Adolescentes, a Prática de Atos Infracionais e sua Responsabilização. Brasília: Programa Justiça Penal Juvenil e Direitos Humanos ILANUD / Comissão Européia.
- Zaluar, A. (Org.). (1999). *Drogas e cidadania: repressão ou redução de riscos*. São Paulo: Brasiliense.

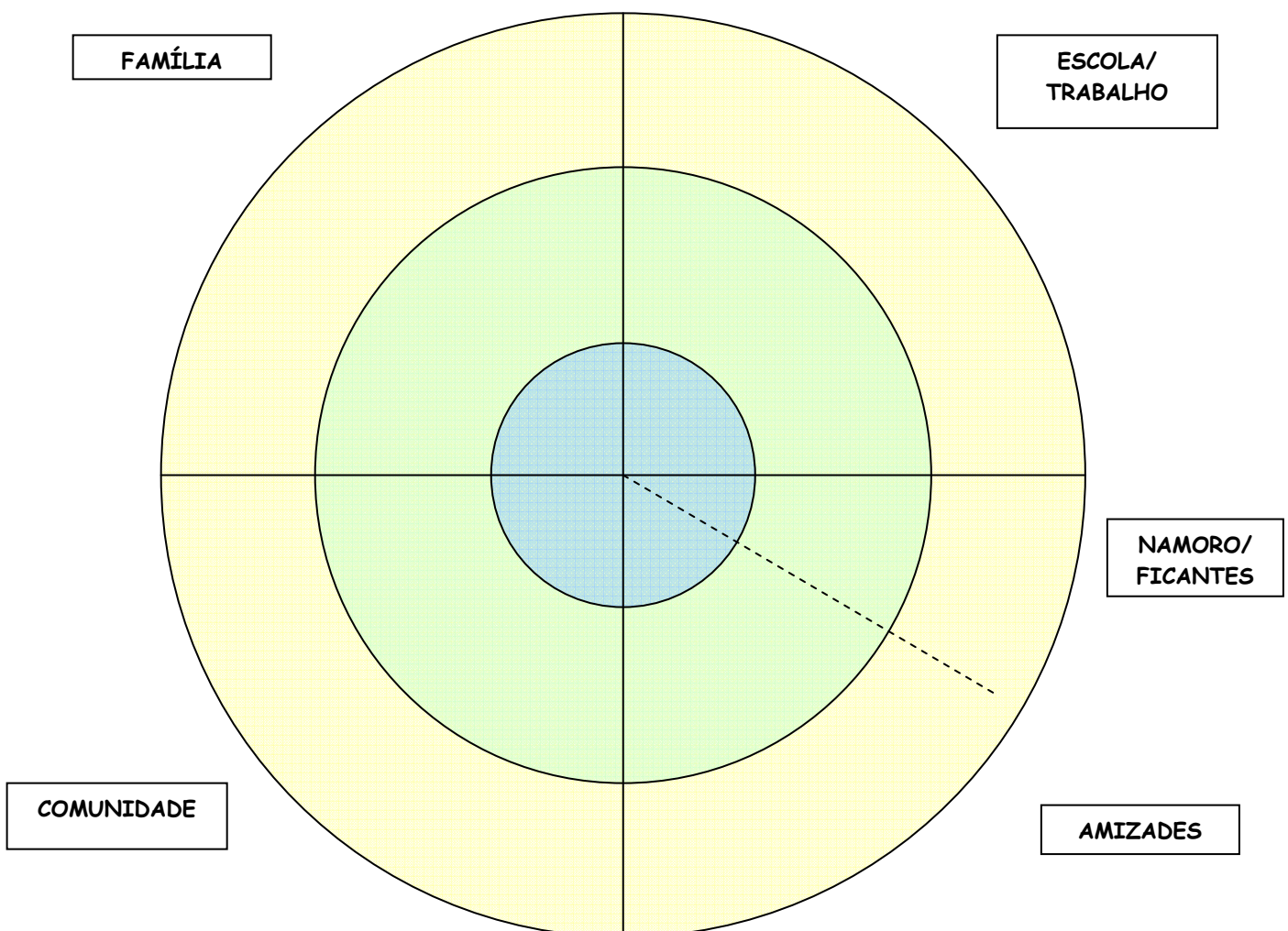
## ANEXOS

### Anexo 1:Entrevista Entruturada Versão1

#### Parte I - Mapeando minha a rede social

Vamos começar preenchendo um "mapa da sua rede social".

- Nesse mapa, cada pessoa será representada da seguinte forma: por um círculo, se for do sexo feminino, e por um quadrado, se for do sexo masculino. Não precisa colocar nomes.
- Para colocar as pessoas no mapa, existem algumas regras que você deve seguir:
  - VI. Você está localizado no centro do desenho.
  - VII. No círculo mais interno (**azul**) represente as pessoas mais íntimas, de sua maior confiança.
  - VIII. No círculo do meio (**verde**) represente as pessoas importantes para você, mas que não estão tão próximas.
  - IX. No círculo externo (**amarelo**) coloque as pessoas que você considera que fazem parte das suas relações, mas que não são tão importantes ou que estão mais distantes de você neste momento de sua vida.
  - X. Observe que os círculos são divididos em **quatro partes**, cada uma correspondendo a uma área da sua vida: **a família, a comunidade, a escola, e as amizades/namoro.**



1. Agora me diga: das pessoas que você representou acima quem se relaciona entre si? Vamos fazer um traço ligando essas pessoas.
  
2. Das pessoas que você representou acima existe uma ou mais pessoas que você acha que está se afastando de você? Vamos fazer uma seta para o lado externo ( $\rightarrow$ ) nessas pessoas.
  
3. Das pessoas que você representou acima existe uma ou mais pessoas que você acha que está se aproximando de você? Vamos fazer uma seta para o lado interno( $\leftarrow$ ) nessas pessoas.
  
4. Agora vamos representar com um triângulo (  $\Delta$  ) onde existem drogas, incluindo o álcool no seu mapa.

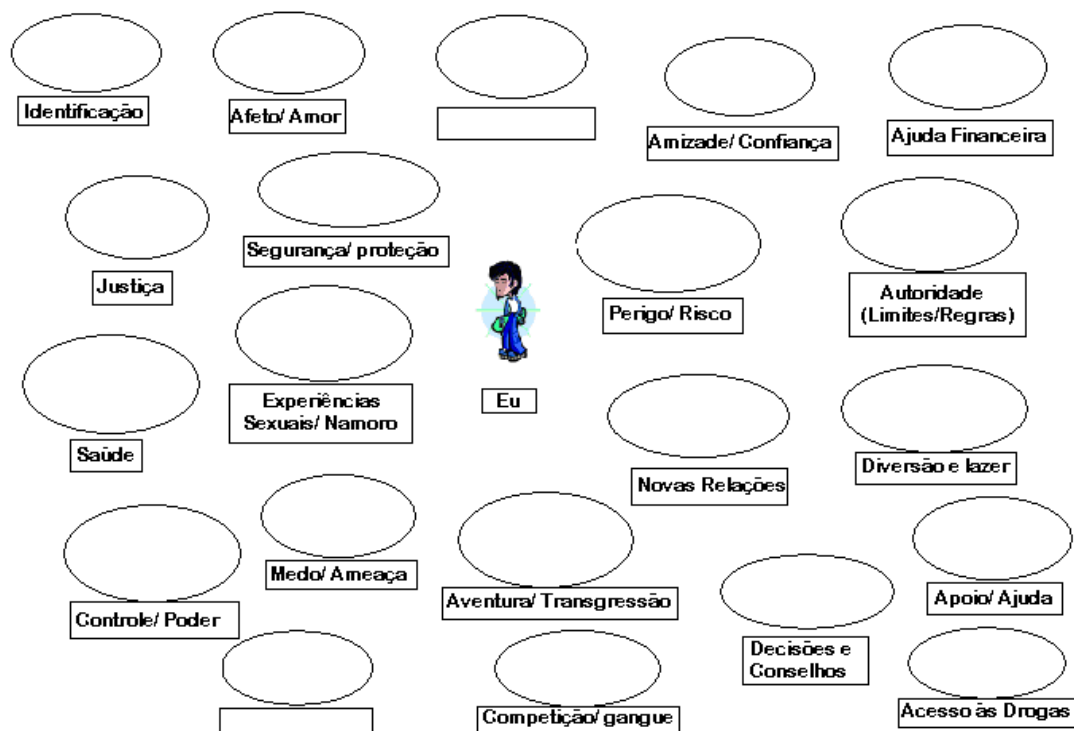
## Parte II - Mapeando as funções da minha rede social.

Vamos começar preenchendo um "mapa sobre as funções da rede social".

- Nesse mapa, você deverá escrever no círculo com quem você conta para cada função correspondente, não precisa colocar o nome da pessoa!
- Por exemplo:



### MAPA SOBRE AS FUNÇÕES DA REDE



Agora você irá responder mais algumas afirmativas sobre você. Vamos lá?

Abaixo você encontrará uma ou mais ações, atividades ou situações que podem ou não fazer parte do seu dia a dia. Leia atentamente cada uma e avalie de que forma elas estão presentes na sua vida. **Se na maior parte do tempo ou das situações, a afirmativa for verdade, marque um X em ( ) sim e se na maior parte do tempo ou das situações a afirmativa não for verdade, marque um X em ( ) não.** Seja sincero com você e lembre-se que não há resposta certa ou errada.

<b>EXEMPLO:</b> Eu me acho bonito(a)	( ) sim	( ) não
➤ Se essa situação <b>ocorre</b> com você marque um X em " <b>sim</b> "	(X) <b>sim</b>	( ) sim
➤ Se essa situação <b>não ocorre</b> com você, marque um X em " <b>não</b> "	( ) sim	(X) <b>não</b>

## VAMOS COMEÇAR?

	Itens	Sim	Não
1	Depois que comecei a usar drogas minha família está mais afastada de mim	( ) Sim	( ) Não
2	Tenho muito medo de abandonar minha família	( ) Sim	( ) Não
3	Beber em exagero mesmo que poucas vezes faz mal	( ) Sim	( ) Não
4	Álcool é droga	( ) Sim	( ) Não
5	Uso drogas para não sentir frio	( ) Sim	( ) Não
6	Usar drogas dá mais força para enfrentar a vida	( ) Sim	( ) Não
7	Perdi a confiança de minha família por causa de meu uso de drogas	( ) Sim	( ) Não
8	Não acredito que a escola vai a dar um futuro melhor	( ) Sim	( ) Não
9	Já usei drogas, mas foi só para saber como é	( ) Sim	( ) Não
10	Uso drogas independente das minhas companhias	( ) Sim	( ) Não
11	Uso drogas para não sentir fome	( ) Sim	( ) Não
12	Depois que me envolvi com drogas, não faço mais planos para o futuro	( ) Sim	( ) Não
13	Não acredito na escola	( ) Sim	( ) Não
14	Uso drogas para esquecer de coisas ruins	( ) Sim	( ) Não
15	Sinto que perdi amigos pelo meu uso de drogas	( ) Sim	( ) Não
16	Onde moro existe muita facilidade em comprar drogas	( ) Sim	( ) Não
17	Sinto-me desamparado quando estou sem emprego, sem dinheiro para comprar drogas	( ) Sim	( ) Não
18	A droga pura faz mais mal que a misturada	( ) Sim	( ) Não



19	Uso drogas só de vez em quando, mas nessas ocasiões acabo usando mais do que gostaria	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
20	Eu busco informações sobre álcool e outras drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
21	Não consigo controlar onde eu vou usar a droga	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
22	Tem dias em que fico pensando na droga o tempo todo	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
23	Tenho amigos com os quais troco informações sobre onde consegui drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
24	Tenho amigos que usam drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
25	Quando uma pessoa usa muito drogas ela fica resistente e o uso faz menos mal	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
26	Tenho que ajudar no sustento de minha família	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
27	Me sinto fisicamente mal quando não posso usar drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
28	Preciso praticar delitos para comprar drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
29	Bebidas energéticas são drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
30	Cerveja não é droga	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
31	Uso drogas para ter coragem de praticar delitos	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
32	Sinto que não estou aprendendo na escola	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
33	Tenho amizade com quem me fornece cola, thinner	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
34	Uso drogas, mas só de vez em quando	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
35	Beber um pouco todo dia não faz mal	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
36	Uso drogas para me divertir em ambiente de lazer	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
37	Depois que me envolvi com drogas sinto-me ameaçado	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
38	Usar drogas ajuda a passar por dificuldades	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
39	Uso drogas só quando estou com a gangue	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
40	Uso drogas para ficar fora de mim	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
41	Onde moro estou exposto a muitos perigos	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
42	Sinto que um dos meus pais está ausente	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
43	Minha família já perdeu um membro de forma prematura ou inesperada	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
44	Com força de vontade qualquer um consegue parar de usar drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
45	Uso drogas para relaxar	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
46	Quando estou usando drogas fico descompromissado com outras atividades	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
47	As pessoas da gangue não são meus amigos	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
48	Meus amigos acham que o trafico é uma boa opção de trabalho	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
49	Não tenho tempo para brincar	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
50	Sinto que falta dialogo em minha família	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
51	Não consigo controlar quanto da droga eu vou usar	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
52	Drogas são somente aquelas proibidas pelo governo	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
53	Meus amigos incentivam o uso de drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
54	Uso drogas para ficar acordado	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
55	Cola, thinner, loló podem gerar dependência	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
56	Tenho que roubar para conseguir comprar drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
57	Em minha família existem muitos conflitos	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
58	Depois que comecei a usar drogas minha família esta mais próxima de mim	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
59	Minha família tem dificuldades financeiras	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não

60	Usar drogas vai facilitar a passar pela medida sócioeducativa	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
61	Crack e merla geram dependência muito rápido	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
62	Tive que usar drogas para entrar para uma gangue	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
63	Não consigo controlar minha vontade de usar drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
64	Sinto que sou fonte de problemas para minha família	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
65	Quem usa drogas começa usando pouco mais logo já está usando muito	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
66	Meu pai é ou foi alcoolista	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
67	Às vezes tenho vontade que minha família não precise tanto de mim	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
68	Sinto que tenho que me dedicar demais a minha família	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
69	Sei que usar drogas me faz mal, mas continuo usando	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
70	Não tenho tempo para estudar	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
71	Existem pessoas em minha família que usam álcool com muita frequência	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
72	Tenho relação de amizade com quem me fornece remédios sem receita	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
73	Minha gangue incentiva o uso de drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
74	Existem pessoas em minha família que usam drogas com muita frequência	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
75	Minha namorada ou meu namorado usa drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
76	Sinto que tenho de fazer coisas que não gosto para continuar na gangue	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
77	Quando uso drogas fico violento	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
78	Quando uso drogas pratico delitos sem saber direito o que estou fazendo	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
79	Uso drogas para curtir os efeitos, o que ela me faz sentir	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
80	Tenho relação de amizade com quem me fornece cigarros	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
81	Só uso drogas para ter coragem de praticar delitos	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
82	Preciso usar quantidades cada vez maiores para ter o mesmo efeito	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
83	Existe ameaça onde moro	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
84	Existe agressividade excessiva em minha família	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
85	Existe (m) pessoa (s) que deixa (m) de viver a própria vida para cuidar de mim	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
86	Existe (m) pessoa (s) que se dedica(m) demais a mim	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
87	Sinto que tenho de fazer coisas que não gosto para continuar andando com meus amigos	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
88	Ajudo meus irmãos com tarefas da escola	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
89	A dependência de drogas é uma doença e deve ser tratada	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
90	Quem usa drogas acaba tendo que vender também	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
91	Quando uso drogas solto a raiva que tem dentro de mim	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
92	Uso drogas com frequência, mas em poucas quantidades	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
93	Se eu não vender drogas, não consigo comprar para mim mesmo	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
94	Minha Família sabe que o dinheiro que levo para dentro de casa vem de delitos	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
95	Em minha comunidade não existe atividades de lazer	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
96	Se eu não pegar algo da minha casa para dar em troca, não consigo drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
97	Somente pessoas fracas ficam dependentes de drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
98	Vendo drogas para ajudar no sustento de minha família	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
99	Uso drogas com frequência e sempre em grandes quantidades	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
100	Gostaria de poder me afastar de minha família	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não

101	Minha gangue incentiva violência	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
102	Sinto que fico lerdo quando uso drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
103	Minha Família sabe que o dinheiro que levo para dentro de casa vem do tráfico	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
104	Sinto-me afastado de um dos meus pais e próximo ao outro	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
105	Tenho de cuidar dos meus irmãos mais novos	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
106	Onde moro as atividades de lazer envolvem consumo de drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
107	Tenho relação de amizade com quem me fornece bebidas alcoólicas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
108	Na minha família não existe restrições para beber	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
109	Na minha família tem pessoas que me ameaçam	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
110	Minha família não impõe autoridade e limites	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
111	Só consigo comprar drogas se minha família me der dinheiro	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
112	Depois que me envolvi com drogas, às vezes sinto-me muito triste	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
113	Faço parte de uma gangue	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
114	Uso drogas para ficar mais rápido, ágil	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
115	Cigarro é droga	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
116	Gostaria de ter uma relação mais próxima com minha família	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
117	Depois que me envolvi com drogas, às vezes sinto-me sozinho	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
118	A escola não ensina a enfrentar a vida	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
119	Misturar diferentes drogas pode ser mais perigoso	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
120	Sinto que devo proteger minha família	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
121	Na escola existe ameaça	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
122	Sinto que estou com a memória prejudicada pelo uso de drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
123	Maconha é menos prejudicial que cigarro	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
124	Uso drogas só na companhia de meus amigos	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
125	Não consigo controlar quando eu vou usar a droga	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
126	Só pratico delitos quando não tenho dinheiro para comprar drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
127	Meus amigos incentivam a violência	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
128	Sinto-me isolado com relação a minha família	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
129	Quando uso drogas me sinto mais independente	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não

## Anexo 2: Entrevista Estruturada Versão 2

### Parte I - Mapeando minha a rede social

Vamos começar preenchendo um “**mapa da sua rede social**”.

- Nesse mapa, cada pessoa será representada da seguinte forma: por um círculo, se for do sexo feminino, e por um quadrado, se for do sexo masculino. Não precisa colocar nomes.
- Para colocar as pessoas no mapa, existem algumas regras que você deve seguir:

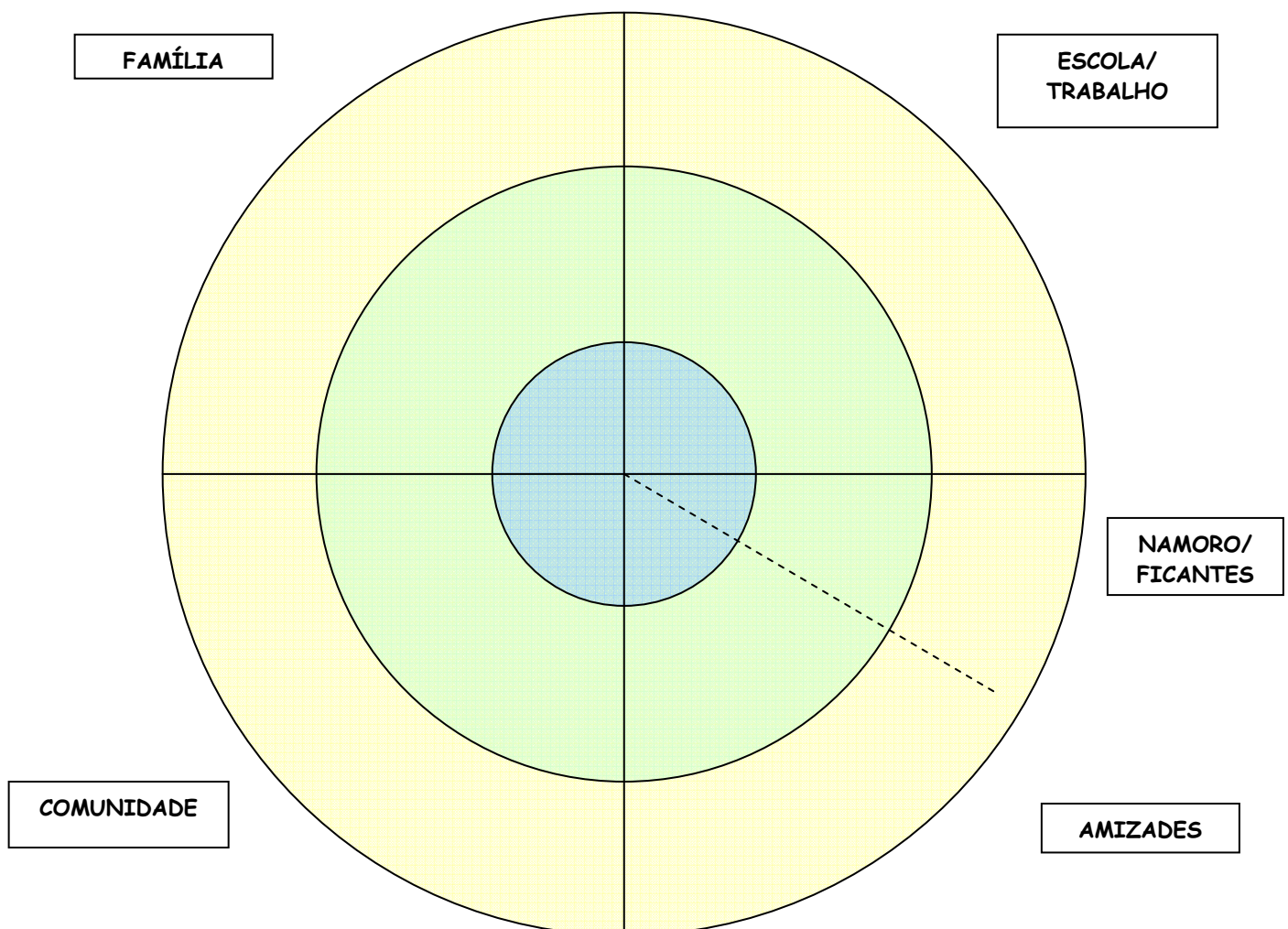
XI. Você está localizado no centro do desenho.

XII. No círculo mais interno (**azul**) represente as pessoas mais íntimas, de sua maior confiança.

XIII. No círculo do meio (**verde**) represente as pessoas importantes para você, mas que não estão tão próximas.

XIV. No círculo externo (**amarelo**) coloque as pessoas que você considera que fazem parte das suas relações, mas que não são tão importantes ou que estão mais distantes de você neste momento de sua vida.

XV. Observe que os círculos são divididos em **quatro partes**, cada uma correspondendo a uma área da sua vida: **a família, a comunidade, a escola, e as amizades/namoro.**



1. Agora me diga: das pessoas que você representou acima quem se relaciona entre si? Vamos fazer um traço ligando essas pessoas.
  
2. Das pessoas que você representou acima existe uma ou mais pessoas que você acha que está se afastando de você? Vamos fazer uma seta para o lado externo ( $\rightarrow$ ) nessas pessoas.
  
3. Das pessoas que você representou acima existe uma ou mais pessoas que você acha que está se aproximando de você? Vamos fazer uma seta para o lado interno( $\leftarrow$ ) nessas pessoas.
  
4. Agora vamos representar com um triângulo (  $\Delta$  ) onde existem drogas, incluindo o álcool no seu mapa.

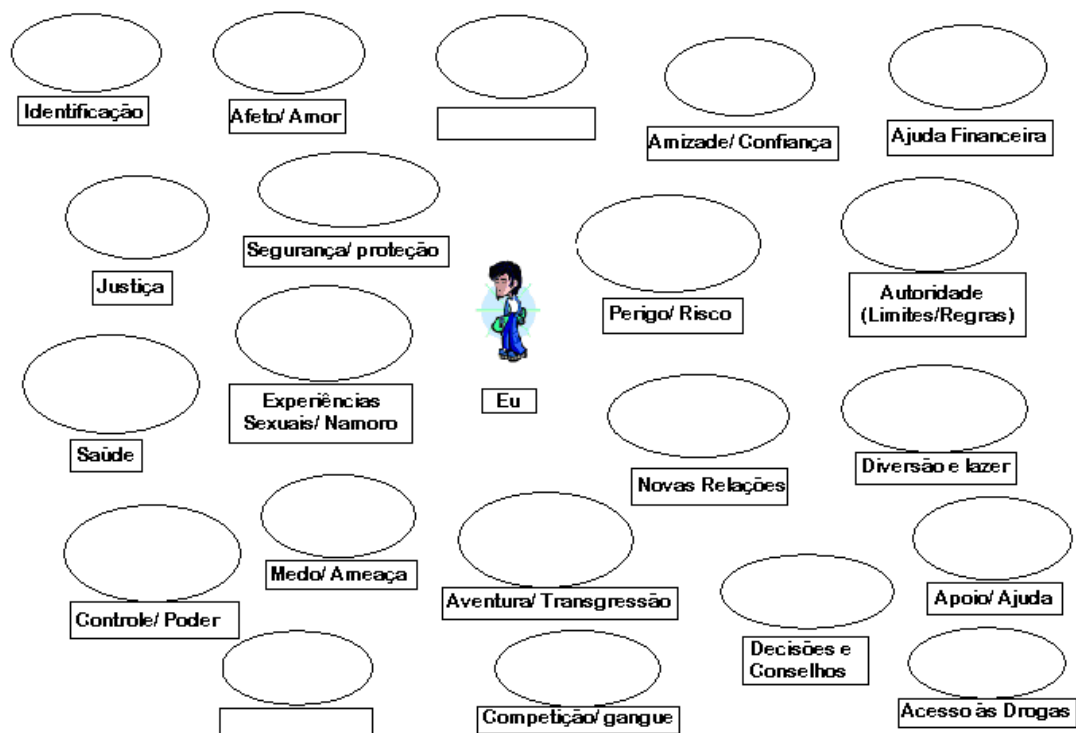
## Parte II - Mapeando as funções da minha rede social.

Vamos começar preenchendo um "mapa sobre as funções da rede social".

- Nesse mapa, você deverá escrever no círculo com quem você conta para cada função correspondente, não precisa colocar o nome da pessoa!
- Por exemplo:



MAPA SOBRE AS FUNÇÕES DA REDE



Agora você irá responder mais algumas afirmativas sobre você. Vamos lá?

Abaixo você encontrará uma ou mais ações, atividades ou situações que podem ou não fazer parte do seu dia a dia. Leia atentamente cada uma e avalie de que forma elas estão presentes na sua vida. **Se na maior parte do tempo ou das situações, a afirmativa for verdade, marque um X em ( ) sim e se na maior parte do tempo ou das situações a afirmativa não for verdade, marque um X em ( ) não.** Seja sincero com você e lembre-se que não há resposta certa ou errada.

### VAMOS COMEÇAR?

EXEMPLO: Eu me acho bonito(a)	( ) sim	( ) não
➤ Se essa situação <b>ocorre</b> com você marque um X em " <b>sim</b> "	(X) <b>sim</b>	( ) sim
➤ Se essa situação <b>não ocorre</b> com você, marque um X em " <b>não</b> "	( ) sim	(X) <b>não</b>

	Itens	Sim	Não
1	Só gente fraca fica viciada	( ) Sim	( ) Não
2	Uso drogas direto, mas em pouca quantidade	( ) Sim	( ) Não
3	Para ter drogas, pego coisas da minha casa pra dar em troca	( ) Sim	( ) Não
4	A escola não ensina a enfrentar a vida	( ) Sim	( ) Não
5	Já usei drogas para não sentir fome	( ) Sim	( ) Não
6	Drogas são só aquelas proibidas	( ) Sim	( ) Não
7	Não tenho tempo para brincar	( ) Sim	( ) Não
8	Crack e merla viciam rápido	( ) Sim	( ) Não
9	Depois que comecei a usar drogas minha família está mais próxima de mim	( ) Sim	( ) Não
10	Quando uso drogas, acabo roubando e depois não lembro	( ) Sim	( ) Não
11	Tenho que ajudar no sustento de casa	( ) Sim	( ) Não

12	Meu pai não aparece ou não se importa	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
13	Minha família sabe que o dinheiro que levo pra casa vem de roubos	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
14	Onde moro é fácil comprar drogas	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
15	Uso drogas para esquecer de coisas ruins	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
16	Meus amigos são violentos	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
17	Depois que me envolvi com drogas, fico mais triste	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
18	Sou amigo de quem me dá cola, thinner	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
19	Tem dias em que fico pensando na droga o tempo todo	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
20	Cigarro é droga.	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
21	Não acredito que a escola vai a dar um futuro melhor	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
22	Em minha família tem muita briga	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
23	Sinto que estou esquecendo muito as coisas por causa da droga	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
24	Sou amigo de quem me dá bebida	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
25	Uso drogas para curtir os efeitos, o que ela me faz sentir	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
26	Usar drogas vai aliviar o cumprimento da medida	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
27	Perdi a confiança de minha família por causa de meu uso de drogas	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
28	Tenho que ajudar meus irmãos nos deveres	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
29	Só uso drogas com meus parceiros da gangue	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
30	Fico desesperado sem emprego, sem grana pra comprar drogas	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
31	Usar drogas ajuda a passar por dificuldades	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
32	Onde moro não tem coisas legais pra fazer	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
33	Já usei drogas para não sentir frio	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
34	Uso drogas direto e uso muito	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
35	Meus amigos trabalham no tráfico	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não



36	Já perdi parentes jovens de repente	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
37	Álcool é droga.	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
38	Meus amigos informam o contato pra ter drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
39	Eu procuro saber sobre álcool e drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
40	Meu pai bebe muito	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
41	Às vezes tenho vontade que minha família não precise tanto de mim	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
42	Uso drogas só de vez em quando, mas numa quantidade grande	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
43	Uso drogas, mas não é sempre	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
44	Usar drogas é doença, tem que tratar	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
45	Meus amigos me abrigam a fazer coisas que não gosto	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
46	Meus amigos acham legal usar drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
47	Tem muito perigo onde eu moro	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
48	Só roubo quando não tenho dinheiro pra comprar drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
49	Quando não recebo dinheiro em casa, não tenho como comprar drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
50	Existe violência em minha família	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
51	Meus parceiros da gangue acham legal usar drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
52	Quando estou usando drogas não faço mais nada	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
53	Sou amigo de quem me dá remédios sem receita	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
54	Depois que comecei a usar drogas minha família está mais afastada de mim	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
55	Se não vendo drogas, não consigo pra mim	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
56	Não consigo controlar onde eu vou usar a droga	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
57	Estou ficando lerdo por causa das drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
58	Não consigo controlar quando eu vou usar a droga	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
59	Era ameaçado onde moro	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não

60	Não consigo controlar minha vontade de usar drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
61	Eu era ameaçado na escola	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
62	Uso drogas para relaxar	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
63	Se a pessoa quiser, ela pára de usar drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
64	Quem usa drogas acaba tendo que vender também	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
65	Existe (m) pessoa (s) que deixa (m) de viver a própria vida para cuidar de mim	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
66	Depois que me envolvi com drogas, tem hora que me sinto só	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
67	Gostaria de poder me afastar de minha família	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
68	Não tenho tempo para estudar	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
69	Faço parte de uma gangue	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
70	Meus parceiros da gangue me obrigam a fazer coisas erradas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
71	Sou amigo de quem me dá cigarros	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
72	Tem pessoas na minha família que se drogam muito	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
73	Só uso drogas com meus amigos	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
74	Uso drogas para me divertir	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
75	Tenho muito medo de abandonar minha família	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
76	Sinto que devo proteger minha família	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
77	Beber muito, mesmo que só de vez em quando, faz mal	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
78	Me sinto fisicamente mal quando não posso usar drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
79	Bebidas energéticas são drogas.	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
80	Sinto que perdi amigos pelo meu uso de drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
81	Só uso drogas pra ter coragem de fazer um assalto	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
82	Na minha família todos podem beber a vontade	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
83	Minha Família sabe que o dinheiro que levo para dentro de casa vem do tráfico	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não

84	Sinto rejeitado por minha família	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
85	Usei drogas pra entrar na gangue	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
86	Depois que me envolvi com drogas, estou sendo ameaçado	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
87	Preciso usar mais drogas para sentir a mesma coisa	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
88	Usar drogas dá mais força para enfrentar a vida	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
89	Tenho de cuidar dos meus irmãos mais novos	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
90	Uso drogas pra ficar mais rápido	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
91	Quando uso drogas, fico violento	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
92	Preciso roubar pra comprar drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
93	Sinto que só dou problemas para minha família	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
94	Gostaria de ser mais próximo de minha família	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
95	Quem usa drogas começa usando pouco mais logo já está usando muito	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
96	Minha namorada ou meu namorado usa drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
97	Meus parceiros da gangue são violentos	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
98	Já usei drogas, mas foi só para saber como é	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
99	Misturar drogas pode ser mais perigoso	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
100	Uso drogas pra ter coragem de fazer um assalto	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
101	Quando uso drogas solto a raiva que tem dentro de mim	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
102	Não acredito na escola	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
103	Droga pura faz mais mal que a batizada	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
104	Tenho que roubar pra comprar drogas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
105	Sou mais chegado a minha mãe que ao meu pai	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
106	Tem pessoas na minha família que bebem muito	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
107	Beber um pouco todo dia não faz mal	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não

108	Quando uso drogas, fico mais independente de minha família	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
109	Uso drogas para ficar acordado	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
110	Uso drogas para ficar fora de mim	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
111	Cerveja não é droga.	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
112	Sinto que tenho que me dedicar demais a minha família	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
113	Não confio em meus parceiros da gangue	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
114	Minha família não impõe autoridade e limites	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
115	Uso drogas por conta própria	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
116	Depois que me envolvi com drogas, não penso no amanhã	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
117	Sinto falta de conversar com minha família	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
118	Baseado faz menos mal que cigarro	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
119	Meus amigos usam drogas	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
120	Sei que usar drogas me faz mal, mas continuo usando	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
121	Não entendo nada na escola	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
122	Quanto mais a pessoa usa drogas, menos mal a droga faz	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
123	Existe (m) pessoa (s) que se dedica(m) demais a mim	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
124	Na minha família tem pessoas que me ameaçam	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
125	Não consigo controlar quanto da droga eu vou usar	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
126	Vendo drogas para ajudar no sustento de casa	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
127	Cola, thinner, loló vicia	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
128	Minha família tem muito pouco dinheiro para viver	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não
129	Onde moro tem que usar drogas pra se divertir	( <input type="checkbox"/> ) Sim	( <input type="checkbox"/> ) Não

### **Anexo 3: Roteiro da entrevista de devolução da aplicação piloto**

#### **Contexto da aplicação: aspectos favoráveis e desfavoráveis**

Rapport

1. Como foi a escolha do adolescente para participar da pesquisa. O adolescente manifestou vontade de participar? Ele estava motivado?
2. O profissional e o adolescente tinham um vínculo de confiança? Há quanto tempo?
3. O adolescente teve clareza da confidencialidade de suas respostas?

#### **Adequação do entrevista estruturada**

4. Clareza das consignas (Partes I, II, III)
5. A linguagem dos itens (Parte III) estava acessível ao adolescente?
6. O conteúdo e a forma do entrevista estruturada estão pertinentes?
7. De que forma o entrevista estruturada pode auxiliar no atendimento dos adolescentes?

#### **Mobilização do entrevista estruturada sobre o adolescente**

8. O adolescente teve alguma resistência quanto ao entrevista estruturada antes ou durante a aplicação?
9. O adolescente se mostrou interessado?
10. O adolescente falou sobre os assuntos levantados no entrevista estruturada?

#### **Resposta do adolescente**

11. Como foi o comportamento do adolescente na elaboração do mapa das redes sociais
12. Como foi o comportamento do adolescente na elaboração do mapa das funções da rede
13. Como foi o comportamento do adolescente na resposta aos fatores de risco e proteção

## **Anexo 4: Entrevista de Devolutiva da Aplicação**

### **Participante B**

#### **Dados do profissional**

Profissão: Agente social

Medida sócioeducativa com que trabalha: Semi-liberdade

#### **Dados da aplicação**

Número de aplicações realizadas: 4

Aplicações: ( x ) individuais ( ) coletivas

#### **Contexto da aplicação: aspectos favoráveis e desfavoráveis**

#### Rapport

1. Como foi a escolha do adolescente para participar da pesquisa. O adolescente manifestou vontade de participar? Ele estava motivado?

Não foi escolha, eu chamei um adolescente que estava sem atividade. Daí os outros pediram para fazer também. Para o primeiro eu tive que explicar o que era para ele fazer, mas os outros foram bem à vontade, eles pediram para fazer.

2. O profissional e os adolescentes tinham um vínculo de confiança? Há quanto tempo?

Tinha, eles era mais antigos na medida, eu conhecia uns há mais tempo, outros a menos, mas em média eu os conhecia há uns 5 meses.

3. O adolescente teve clareza da confidencialidade de suas respostas?

Eu falei que não iria colocar o nome deles, que não era para o Juiz, eles entenderam que era confidencial e que eles podiam ser bem sinceros.

### **Adequação do entrevista estruturada**

4. Clareza da consigna (Partes I, II, III)

Para o primeiro eu li passo a passo, para os outros eu fui explicando. Mas eles não ficaram com dúvidas, eu fui orientando.

5. A linguagem dos itens – Parte III - estava acessível ao adolescente?

A impressão é que eles entenderam, eles não perguntaram nada.

6. O conteúdo e forma do entrevista estruturada estão pertinentes?

É pertinente, acho que é por ai mesmo o trabalho. O conteúdo que é um pouco repetitivo. Tem umas perguntas que estão relacionadas, daí eles acham que é a mesma pergunta repetida.

7. De que forma o entrevista estruturada pode auxiliar no atendimento dos adolescentes?

O entrevista estruturada dá uma base pra gente conversar com o menino, saber um pouco mais dele sem ter que perguntar direto. Ajuda bastante no dia a dia do nosso trabalho.

### **Mobilização do entrevista estruturada sobre o adolescente**

8. O adolescente teve alguma resistência quanto ao entrevista estruturada antes ou durante a aplicação?

Não, foi bem voluntário por sinal.

9. O adolescente se mostrou interessado?

Eles estavam bem interessados.

10. O adolescente falou sobre os assuntos levantados no entrevista estruturada?

Eles falaram bastante.

### **Resposta do adolescente**

11. Como foi o comportamento do adolescente na elaboração do mapa das redes sociais

Eles estavam bem concentrados, durante toda a entrevista estruturada. Não sei se foi o assunto que falava de drogas, mas foi diferente do comportamento usual deles, em geral eles não são tão concentrados, interessados.

12. Como foi o comportamento do adolescente na elaboração do mapa das funções da rede

O comportamento não mudou, foi o mesmo.

13. Como foi o comportamento do adolescente na resposta aos fatores de risco e proteção

Interessados também. Mas um deles falou que era muito grande.

### **Outras contribuições do observador:**

Algumas perguntas têm certa semelhança, poderia juntar em uma só, acho que um tamanho bom seria umas 50 perguntas.



**Anexo 5: Relatório de atendimento do Projeto fênix**

*Projeto Atendimento Psicossocial de Adolescentes em Medida Sócio-educativa da Vara da Infância e Juventude do Distrito Federal*

**SÍNTESE**

*Registro 293947*

**RISCO**

- *Adolescente com história de delitos.*
- *Família com história de alcoolismo (pai), agressões, muitos conflitos, os filhos saindo cedo de casa; família com muitas dificuldades financeiras, de saúde, e muitos transtornos (depressão, drogas, alcoolismo, doença).*
- *Adolescente muito revoltado pelas situações familiares vividas. Mora sozinho, e sem ajuda corre o risco de manter-se na vida de delitos, e continuar sozinho.*

**PROTEÇÃO**

- *O irmão mais velho Alan tem procurado desempenhar a função de pai, muito colaborador, a quem o Anderson sente-se ligado e quer imitar o caminho.*
- *Facilidade de engajar-se no estudo, com habilidades para desenho, e vontade de recomeçar.*
- *Disposição da mãe em ajudar o filho.*

**EM QUE A MEDIDA PODE CONTRIBUIR?**

- *Apoio à mãe, engajamento do Anderson em programas de estudo e profissionalização.*